

EDIÇÃO 011

Escolha

jo
leigh

 HARLEQUIN

 flor
da pele

Eles se beijavam e caminhavam num arrastar desajeitado. Ele a tocava sempre que podia, principalmente nos pontos desnudos, quentes e eriçados. Ele esperava que os arrepios fossem por causa dele, não por causa da temperatura. Optou por não perguntar.

Charlie pegou a mão de Bree e a guiou para mais perto das janelas, beijando-a novamente, esgueirando a língua entre os lábios enquanto seus dedos encontravam o zíper dela. Não ouvia nada além da respiração e da circulação sanguínea, mas continuou a baixar o zíper do vestido com a mão esquerda nas costas nuas até chegar ao fim. Tocou a faixa de elástico do cós da calcinha fio dental. O toque foi suficiente para fazer Charlie se afastar do calor maravilhoso da boca de Bree. Ele precisava ver aquilo.

O vestido caiu, formando uma poça aos pés dela, e foi melhor do que ele tinha imaginado. A calcinha não era preta, mas vermelha. Um tom de vermelho escuro, pequena. Vê-lo contra a pele pálida deixou seu membro rijo, o desejo intenso.

Querida leitora,

Meu primeiro amor verdadeiro é a cidade de Nova York. Parece loucura, mas sou doida por Manhattan desde a primeira vez que fui lá, quando ainda era criança. Meu pai é de Nova York, então voávamos da Califórnia para lá regularmente. Anos depois, tive alguns amigos que eram viajantes habituais e que passavam metade do tempo em Nova York e a outra metade em Los Angeles. Eu visitava NY pelo menos uma vez por ano, e sabia me virar por lá como se fosse nativa.

Então, quando apresentei o conceito de *Escolha*, soube que seria um conto típico de Nova York. Pergunte a qualquer mulher solteira que mora e trabalha na cidade, e ela vai chorar enquanto explica como é difícil encontrar o homem certo em meio a toda a algazarra dos arranha-céus e metrô.

Minha heroína Bree Kingston é uma menina doce de uma cidade pequena de Ohio que teve a coragem e o bom senso para seguir carreira solo em Manhattan em busca de seus sonhos. Ela nunca imaginou que um dia acabaria na cama de Charlie Winslow, o rei dos blogs de Manhattan. Mas é aí que Bree se encontra, durante a Semana de Moda, nada menos que isso! No entanto, uma química tão ardente e um par tão perfeito eram bons demais para durar, não é?

Espero que você goste da fantasia e diversão de *Escolha*.

Adoro receber mensagens das leitoras e posso ser contatada no e-mail joleigh@joleigh.com. E visite o site www.blazeauthors.com.

**Boa leitura,
Jo Leigh**

Jo Leigh

ESCOLHA

Tradução
Fernanda Lizardo



2014

editar perfil

Bree Kingston

Redatora-assistente de publicidade na BBDA

Manhattan

Estudou Publicidade e Moda na Case Western

University

Mora em: Manhattan

♥ Solteira

De: Ohio

Nascida em 22 de março

BREE KINGSTON morava em Manhattan há cinco meses e 12 dias. Essa era sua terceira visita à cozinha do porão da Igreja de St. Mark, onde ela e 16 mulheres, que mal conhecia, estavam trocando o equivalente a dez dias de pratos congelados. Ela havia sido convidada por Lucy Prince, que Bree conhecia havia quatro dias. Lucy não fazia parte da troca. Não mais. Ela havia se mudado para Buffalo com seu noivo, liberando assim o *futon* no qual Bree dormia no apartamento de um quarto que dividia com mais três garotas. O aluguel de Bree era um roubo, 700 pratas por mês. Já nem se lembravam de quando o fogão funcinou pela última vez.

Tecnicamente, esta era sua sexta visita à cozinha. Bree havia conseguido permissão para ir ao porão da igreja comunitária nas noites anteriores às trocas para preparar seus pratos congelados. Nessa semana, havia 16 porções de lasanha vegetariana e *chilli* não muito picante, tudo acondicionado em pequenos recipientes que iam do freezer ao micro-ondas, prontos para serem entregues durante a troca quinzenal.

Embora tenha soado estranho quando Bree ouvira falar do grupo pela primeira vez, ela sofria dos dois grandes males que acompanham o sonho de viver em Manhattan: a ausência de homens solteiros e decentes para namorar e a falta de dinheiro.

Mas havia previsto ambos. Como passara a maior parte de seus 25 anos planejando sua fuga para a Big Apple, lera todos os artigos, blogs e livros sobre o assunto, economizara dinheiro com a mesma avareza do Tio Patinhas enquanto fazia faculdade, e até mesmo criara uma poupança à parte para emergências. Bree estava nessa havia muito tempo.

Encontrar o intercâmbio de pratos congelados tinha sido um golpe de sorte brilhante. Das 16 mulheres, 14 também eram solteiras, trabalhavam no East Village e sabiam onde encontrar os melhores happy hours, as lavanderias a seco mais baratas, a operadora de celular que realmente

funcionasse e os lugares para não frequentar em um encontro, presumindo que alguma delas já tivera um encontro.

Melhor ainda, Bree realmente havia feito suas primeiras amizades verdadeiras em Nova York.

– Atenção, senhoritas! – Shannon Fitzgerald, uma ruiva natural usando um vestido imitação de grife fantástico que Bree tinha notado logo de cara, precisou gritar para se fazer ouvir. Todas elas estavam de pé ao redor de um retângulo de mesas, seus pratos diante de si empilhados de forma organizada. Todo mundo tinha trazido a própria bolsa térmica com saquinhos de gelo no fundo. Logo, logo elas pegariam os itens, indo de pilha em pilha, formando uma fileira elegante de mulheres trabalhadoras, todas com menos de 30 anos, vestindo algo escuro naquele dia de dezembro. Todas, exceto Bree. Ela havia escolhido uma saia e casaco com estampa xadrez amarela e preta, com mais destaque no amarelo, feitos a mão, seguindo seu próprio padrão de imitação de boas marcas. O qual teria ficado muito bonito em Shannon, agora que Bree pensava no assunto.

– Silêncio – disse Shannon, e, em um momento, a sala ficou quieta. – Obrigada. Eu tenho uma ideia – disse ela.

Não era apenas uma frase. Não da forma como fora dita. Não, todas as palavras vieram em caixa-alta e negrito, como uma manchete de jornal. A *ideia* ia ser boa. Empolgante. Muito mais do que apenas uma nova receita de prato congelado.

– Para vocês que são novatas – Shannon meneou a cabeça em direção a Bree –, minha família é proprietária de uma gráfica. Fitzgerald & Sons, na Décima Avenida com a North 50th.

Bree tinha visto o lugar. Era enorme.

– Nós fazemos cards. Principalmente esportivos, mas agora muita gente os quer. Artistas usam como cartões de visita, corretores fazem o mesmo. Eles pedem modelos de *Twilight*, *Harry Potter*, *The Hunger Games*, e acabamos de receber um pedido imenso de cartões de visita com o tema hip-hop.

Shannon fez uma pausa, olhando ao redor. Então sorriu.

– Ninguém, no entanto, usa os cartões de visita da maneira como deveriam ser usados: para o *comércio de homens*.

Bree piscou e lançou um olhar para sua melhor amiga, Rebecca Thorpe, só para encontrá-la retribuindo o olhar. Elas menearam as sobrancelhas uma para a outra, e Bree ficou grata mais uma vez por ela e Rebecca terem se dado bem na primeira troca de pratos congelados, apesar de suas óbvias diferenças. Bree era de uma cidade do interior em Ohio e tinha uma família enorme de classe média. Rebecca era advogada, filha única de uma família rica de Nova York, e administrava uma fundação de caridade, uma das maiores do mundo. Mesmo assim, após cinco minutos de reunião, já estavam fazendo planos, trocando telefones e, na mesma noite, já haviam feito contato nas redes sociais, além de conversado ao telefone durante mais de uma hora.

– Intrigante – disse alguém, e Bree fez chacota da “ideia” e do teatrinho.

Outra mulher disse:

– Continue.

Shannon ficou grata.

– Há três semanas, sai para um encontro arranjado. Minha prima conhecia um cara que trabalhava com outro cara, e vocês já conhecem o esquema. Ele foi ótimo. Mesmo. Nós nos

conhecemos no Monterone... Eu sei, o risoto deles é delicioso... De qualquer forma, ele era bonito, seu trabalho era legítimo, ele fora comprometido, mas tinham terminado alguns meses antes. Foi um encontro às escuras muito bom, um dos melhores que já tive em eras. Mas *ela* não estava lá. – A ruiva suspirou. – Química zero. Eu sabia, ele também. Entretanto – disse ela, só que foi um “entretanto” –, eu soube de cara que ele e Janice iriam se dar muitíssimo bem.

Todos os olhares se voltaram para Janice. Bree a conhecia, é claro, mas era uma das poucas com quem não tinha saído para beber uns drinques. Ela era uma gracinha também. Alta, morena, sabia se maquiar muito bem.

Janice sorriu.

– Nós saímos três vezes, e ele é fantástico. Não consigo nem acreditar. – Janice pôs as mãos na mesa diante de si e se inclinou sobre as *enchiladas* de frango congeladas. – Vou conhecer a mãe dele na sexta-feira.

Todas na sala disseram “Ohhh” no mesmo tom.

– Eu sei – comentou Janice de pé novamente. Costas retas, rosto radiante. Como se não bastasse ter vencido o concurso de soletrar e também ter arrasado nas olimpíadas de matemática.

Shannon prosseguiu:

– Eles existem, vocês sabem. Homens gentis e bonitos, com empregos estáveis. Heterossexuais, que não são comprometidos ou casados. Combinem isso à gráfica da minha família e vocês terão...

Aquilo era como um espetáculo da Broadway, pensou Bree. Ou o canal de compras da TV. Ela prendeu a respiração, esperando pela revelação, pela *ideia* em toda sua glória.

Shannon levantou as mãos, segurando um card em uma delas. Um cartão bonito, brilhante. Um cartão de visitas digno de um vencedor do Troféu Heisman, concedido a esportistas, ou de um membro do Hall da Fama.

– Na frente – disse ela –, a foto. Claro. – Então ela girou as mãos. – Nas costas, os detalhes importantes. As estatísticas que importam.

– Tipo...? – disse Bree surpresa por ter falado em voz alta.

– Em primeiro lugar – disse Shannon –, se quer casamento, namoro ou encontro de uma noite.

As mulheres assentiram. Aquilo era extremamente importante. Quantas mágoas poderiam ser eliminadas se soubessem quem era quem. Todos tinham seu lugar. Bree nunca se interessaria por casamento. Provavelmente não por um namoro, apesar de isso depender da situação. Mas um casinho de uma noite? Deus, sim. Alguém pré-selecionado? Seria a perfeição. Uma bela ideia de uma garota de Manhattan.

– O restaurante favorito dele – acrescentou Shannon, e novamente houve um “a-hã” coletivo. – Porque ao passo que eu gosto do pub no fim da rua, algumas de vocês podem preferir comida japonesa. Depois, temos a paixão dele.

Um silêncio se seguiu a tal declaração, mas Shannon o explorou, sem pressa para explicar, embora até mesmo ela tivesse seus limites.

– Vocês sabem tão bem quanto eu que todos eles querem falar sobre si mesmos e, geralmente, me refiro sobre suas coisas. Não, não *àquelas* coisas. Quer dizer, as outras preocupações principais que eles geralmente têm. Vocês sabem, o time dos Yankees, ou o mercado de ações,

ou o tablet, ou filmes estrangeiros. Se você torce para os Mets, não vai querer se envolver com um especulador da bolsa de valores. Ou talvez até queira, mas pelo menos vai entrar nessa já sabendo o que a espera. E finalmente – disse ela, fazendo mais uma pausa dramática – a última linha. A divulgação completa. O ronco pode não me incomodar, mas pode incomodar você. A química é uma coisa totalmente variável. Mas todas nós merecemos ouvir a verdade absoluta. Uma pesquisa na internet só pode lhe oferecer respostas até determinado ponto, estou certa?

Novamente, houve silêncio, mas não porque alguém estava confuso. A beleza da *ideia* estava sendo absorvida, estava solidificando, estava florescendo como uma rosa no inverno. Em uníssono, as mulheres do comércio de pratos congelados quinzenal da St. Mark começaram a aplaudir.

Gostosos, preparem-se: estava nascendo ali a Troca de Cartões de Nova York.

COM UMA rápida olhada pela janela para o removedor de neve que atravessava a Rua 72, a oeste, Charlie Winslow empurrou a cadeira em seu escritório até o computador número 3. Havia seis no total, cada um rodando um sistema operacional diferente, cada um alternando visualizações de seu grupo de comunicação, *Naked New York*. Havia equipamentos como aqueles, bem, não exatamente iguais, mas similares o suficiente, em um apartamento no Queens, em um bangalô em Los Angeles, em um apartamento em Londres e em um escritório em Sydney. E havia também a enorme mansão antiga em Delaware, onde a maior parte de seus servidores estavam alojados.

O *Naked New York* era um desgraçado voraz carente de atenção constante. O que tinha começado como um único blog sobre Manhattan, em 2005, se transformara em dez blogs independentes que geravam, de acordo com a contagem mais recente, mais de 200 milhões de acessos por ano e, muito mais importante, cerca de 30 milhões anuais em receitas de publicidade. O *NNY* era como qualquer outro conglomerado, só que os produtos comercializados eram ideias e opiniões, palavras e dicas, fotos e fofocas. Sempre mudando para permanecer pertinente o tempo todo. O fluxo de receita era cem por cento gerado por publicidade, e, ao mesmo tempo que Charlie pagava uma pequena equipe de funcionários em tempo integral e uma enorme equipe de colaboradores, todos os blogs eram seus bebês, independentemente se focassem em celebridades, finanças, esportes, tecnologia, jogos ou até mesmo a perspectiva feminina sobre a vida. Ele confiava em seus editores, mas era seu nome que aparecia no topo de todas as páginas.

O que por si só tinha transformado Charlie em uma celebridade, pelo menos nas cidades importantes. Ele gostava dessa parte. Não tinha pensado nisso quando redigiu o plano inicial de negócios, mas havia coisas piores do que ser convidado para todos os grandes eventos e ter mulheres deslumbrantes ansiosas para acompanhá-lo em todos eles. Não fazia parte da turma de George Clooney, mas a determinação de Charlie em permanecer solteiro tinha começado como piada, passado a fato e se transformado em lenda no intervalo de seis anos.

O celular tocou, uma chamada, não um torpedo, e ele atendeu; seu fone com Bluetooth tinha sido colocado no ouvido logo após o banho matinal.

– Naomi. Como vai você hoje, linda?

– Repleta de prazer e satisfação como sempre – respondeu sua assistente com a voz anasalada,

típica do sotaque de Brooklyn. O tom era tão seco quanto champanhe brut extra.

Charlie sorriu.

– Alguma mudança?

– Não. Só não se esqueça de que o alfaiate virá às 11h. Não o faça esperar. Você fez isso da última vez e, mesmo sendo precioso como um diamante *para mim*, a lista de clientes dele faria você tremer.

– Você é sempre tão gentil com meu ego. – Charlie olhou para o aparelho para verificar quem estava interrompendo sua chamada. Era sua prima Rebecca. Estranho, ela raramente mandava torpedos em dias úteis. – Tenho que correr.

Naomi desligou antes mesmo de Charlie botar as mãos no teclado do telefone.

O que houve? Alguém morreu? CW

Um segundo depois, o telefone bipou com uma nova mensagem.

Está tudo bem. Mas tenho uma surpresa pra você.

Charlie caminhou de novo, desta vez para verificar as estatísticas de um de seus clientes mais recentes. Os anúncios estavam sendo veiculados em cinco mercados, e eles estavam indo bem em quatro.

Que tipo de surpresa? CW

Um encontro.

Ele riu. Seus polegares voaram pelo teclado.

Pare com isso, Becca. CW

Rebecca era sua prima favorita, o que devia significar alguma coisa, pois ele tinha uma tonelada deles. Seus pais tinham cinco irmãos cada, e eles todos procriaram como coelhos. Charlie tinha três irmãos, mas só um optara pela visita da cegonha.

Em vez do sinal sonoro anunciando um novo torpedo, o celular tocou de fato. Charlie mudou para o recurso de voz.

– Sério – disse Rebecca. – Acho que você vai gostar muito dela. Ela é... diferente. É nova. Novinha em folha. Ainda usa roupas coloridas, pelo amor de Deus. E é brilhante, baixinha, engraçada e completamente deslumbrada. Ela vai desmaiar em cima de você, e deixar seu ego

tão inflado que você não vai ser capaz de passar mais na porta.

– Ah, Rebecca. Eu não sabia que você se importava. Ela soa perfeita.

– Aposto que você não tem compromisso no dia dos namorados.

Charlie suspirou.

– Não seja boba. Eu nunca planejo esta data com muita antecedência.

– Desta vez, vai planejar.

Ele desviou o olhar de seu monitor ao ouvir a voz dela. Traquina, como sempre, mas não deixara de notar o desafio. Charlie gostava de um desafio, e Rebecca era esperta. Realmente esperta.

– Tudo bem.

– Manterei contato.

– Qual é o nome dela?

– Isso importa?

Ele suspirou, levando as mãos ao teclado.

– Não.

Charlie desligou e, dois minutos depois, estava imerso em uma chamada em conferência, no Dia dos Namorados e em enigmas intrigantes esquecidos.

BREE TINHA feito curry de grão-de-bico com legumes e macarrão com queijo para suas refeições congeladas, mas, assim como todas na cozinha imensa, não estava ali por causa da comida.

Hoje era o dia dos *cartões*.

Os últimos encontros para troca de pratos tinham se concentrado mais nos cartões do que na comida. Todas, com uma notável exceção, ofereceram pelo menos dois homens para a lista de cartões de troca. Elas trouxeram fotos, forneceram as informações para colocar nas costas, concordaram que *todos* os primeiros encontros deveriam ser realizados em locais com bastante público, com a pessoa responsável por apresentar o sujeito ao grupo ciente dos detalhes e dos números de telefone envolvidos. Então Shannon havia criado modelos dos cartões, modificando-os duas vezes até chegar a um design que funcionava. A impressão dos cartões em si não demorou muito tempo, mas o tempo havia se estendido como massa de vidraceiro desde aquele dia em dezembro. Finalmente, um mês e meio depois, ali estava. Havia de fato uma chance, por mais remota que pudesse parecer, de Bree encontrar um cartão que tivesse seu homem ideal na capa, e ele só iria querer uma noite quente que faria a cidade explodir.

Ela não merecia encontrar o sr. Perfeito agora, no entanto. Porque Bree não tinha trazido nenhum homem para ilustrar os cartões. Zero. Nada. Conhecera alguns solteiros na agência de publicidade onde trabalhava, mas nunca tinha saído com nenhum deles. Não que não tivesse sido convidada. Mas almejava subir na empresa o mais depressa possível e não queria criar qualquer vínculo até completar pelo menos um ano lá. Ela podia ser de Ohio, mas não era uma capiau ingênuo.

Bree tinha planos. Mais especificamente, tinha um plano de cinco anos. Objetivo: tornar-se consultora de moda, escritora e personalidade televisiva. O plano era sua estrela guia, seu atalho através da loucura de Manhattan. Um dos alicerces do seu plano era que, em nenhuma

circunstância, iria se envolver com um homem. Sim, a mocinha tinha necessidades. E tivera alguns encontros desde que se mudara para Nova York, mas poucos incluíram sexo. Bree não sentiu a terra tremer em nenhuma das vezes, o que significava que a ideia de ter uma seleção de homens decentes e já avaliados dispostos a encontros de uma noite só não passara muito longe de seus pensamentos desde dezembro.

Cosa assustadora, já que Bree não tinha muitos amigos em uma cidade como Manhattan. Empolgante também. Mas os homens eram diferentes daqueles de sua cidade natal. As regras aqui pareciam mais... fluidas. Os riscos, mais altos.

Graças a Deus sua condição “sem amigos” tinha mudado, uma consequência da troca de pratos congelados. Já era o bastante, na verdade, ter sido incluída na troca de cartões de visitas, mesmo não tendo contribuído com nenhum partido.

Shannon entrou na sala, e o caos se instalou. Refeições congeladas foram abandonadas sem hesitação quando as mulheres se reuniram em torno de uma mesa vazia. A propensão de Shannon para o teatro a fez levantar a caixa de papelão bem alto só para poder virá-la, cobrindo a mesa com uma cascata de possibilidades práticas, belas, todas de tamanho 9cm x 5 cm em papel cartão revestido, ideal para guardar na bolsa ou carteira como um referência útil, como um ponto focal para os sonhos e desejos.

O olhar de Bree varreu a poça de cartões, os olhos arregalados, a adrenalina bombeando, com esperanças de encontrar alguém bom, mas não bom demais. Alguém tranquilo.

Rebecca apareceu ao lado dela e trombou em seu ombro. Bree olhou para a amiga, mas só para fazer uma careta. Quando voltou a atenção para os cartões, sua respiração parou e, por um momento, o coração fez o mesmo. Havia um único cartão fora da pilha, bem diante de Bree. Nele havia uma foto que fez o coração de Bree acelerar.

Não podia ser. Não era possível. A barulheira causada por suas amigas esmoreceu sob o sibilar do sangue aos seus ouvidos quando ela esticou os dedos trêmulos para pegar o cartão.

Charlie Winslow. *O Charlie Winslow*. Tinha que ser brincadeira, uma pegadinha. Ele poderia ter qualquer mulher. Já havia saído com praticamente todas. Por que ele estaria em oferta em pleno porão da Igreja de St. Mark?

– Achei que você fosse reconhecê-lo.

Bree desviou o olhar do cartão para Rebecca olhar mais uma vez. O sorriso da amiga era tão presunçoso, como se tivesse conseguido passe livre na disputada boate *The Pink Elephant*, mas Bree não conseguiu encará-la por muito tempo. Olhou novamente para o cartão, verificando outra vez. Ainda era Charlie Winslow.

– Como?

– Ele é meu primo – disse Rebecca.

– Seu primo – repetiu Bree.

– Isso. Deus sabe que ele é solteiro.

– Ele pode ter a mulher que quiser.

Rebecca riu.

– Sim, mas quando se come lagosta e se bebe champanhe todas as noites, você acaba ficando entediado, você não acha?

Bree balançou a cabeça.

– Nem um pouco. Embora agora eu entenda porque você faz parte da troca de pratos congelados. Nós somos o atum para o seu caviar de sempre, estou certa?

Rebecca descartou a dedução revirando os olhos.

– Acredite. Ele está entediado. E precisa de uma companhia para o dia dos namorados.

Bree deu um passo para trás, para manter o equilíbrio.

– Eu? Eu sou... – Ela piscou quando encarou a mulher que pensava conhecer bem. Elas haviam saído para beber mais do que meia dúzia de vezes, e ela e Rebecca tinham se dado muito bem. Riam muito juntas. Rebecca era alguns anos mais velha do que Bree, dona de uma inteligência impressionante, rica como o rei Crespo, mas pé no chão. E muito meiga também. Era um dos mistérios de Nova York que uma mulher daquela estivesse caçando pretendentes, mas Bree conhecia a verdade por trás disso.

– O que você diz, Bree? Não sei onde ele vai levar você, mas é obrigatório ficar bem chique no dia.

– Eu sou de Ohio – argumentou Bree. – Faço minhas roupas. Andar de metrô já é algo chique. Ele vai olhar para mim e rolar de rir.

A mão de Rebecca pousou no ombro de Bree.

– Não faça isso. Ora bolas, isso não é você. Eu não sugeriria isso se achasse que você não dá conta. Eu o conheço desde sempre. Ele é engraçado. É inteligente. Vocês vão gostar um do outro. E além disso, nenhum dos dois quer mais do que um casinho de uma noite. Então o que você tem a perder?

– Ele é, tipo, o rei de Manhattan. O que vou ao menos dizer a ele?

– Chame-o de rei de Manhattan. Ele vai amar você para sempre.

– Eu não quero para sempre. Mas talvez, se as pessoas me virem com ele, mesmo que apenas uma vez, vão se lembrar de mim.

– E haverá fotos – disse Rebecca, seu foco retornando à pilha de cartões. – Sempre tiram fotos de Charlie.

– E você? – perguntou Bree. – Achou alguma possibilidade nessa pilha aí?

Rebecca levantou um cartão. O cara era delicioso, mas, quando virou para ler o verso, ficou desanimada.

– Casinho de uma noite só. – Ela jogou o cartão de volta na mesa.

– Talvez não – disse Bree. – Talvez ele só ache que quer um caso de uma noite. – Ela continuava a segurar o cartão de Charlie, sabendo que, se mais alguém o quisesse, teria que arrancá-lo de sua mão mortinha e gelada, mas ela pegou o cartão do cara gostoso também. – Ele é músico. Um violinista na Filarmônica. Isso é impressionante. E ele não conheceu você.

Rebecca sorriu quando jogou o cabelo longo e volumoso atrás do ombro.

– Você vai mudar de ideia? Passar a querer casamento e filhos depois de um único encontro com Charlie?

Bree riu.

– Não. Mas não significa que não poderia acontecer com outra pessoa.

– Não se preocupe comigo, Kingston. Encontrarei alguém. Vamos cuidar de você primeiro. Noite dos namorados. Eu vou providenciar tudo e passo os detalhes o mais rápido possível.

– Ai, Deus. – Bree olhou para a própria roupa, feita em sua máquina de costura que ficava no closet anexo ao quarto. Uma saia verde-exército forrada, com uma blusa de seda estampada

reformada, transformada a partir de uma pechincha num brechó. Meia-calça preta, sapatos pretos de salto, uma fita no cabelo curto. A única coisa que havia custado algum dinheiro de fato eram os sapatos, e eles eram de segunda mão. E se ele quisesse ir ao Pegu Club ou ao The Bunker Club? Todo mundo ia notar imediatamente que ela era uma maria-ninguém que veio do nada, vestindo uns trapos desprezíveis.

– Você tem mais estilo no seu dedo mindinho do que qualquer uma nesta sala. Do que qualquer pessoa no programa *Project Runway*. Ora, Bree. É isso que você veio fazer em Nova York. É a sua chance de agarrar a cidade pelos cabelos. Você consegue. Eu sei que consegue.

Bree se aprumou.

– Tudo bem. O pior que poderia acontecer seria eu fazer completo papel de boba. E eu já fiz isso muitas vezes. Ligue para Charlie Winslow. Diga que ele está prestes a conhecer alguém.

Rebecca riu. Então se inclinou para frente um pouquinho.

– Aconselho a tomar fôlego agora, Bree. Na verdade, acho que deveríamos achar uma cadeira. Venha, querida. Tem um saco de papel ali no balcão. Bom trabalho.

editar perfil

Charlie Winslow

Editor-Chefe / CEO na Naked New York Media Group

Estudou Administração / Marketing na Universidade de Harvard

Mora em: Manhattan

♥ Solteiro

De: Manhattan

BREE PISCOU diante da torre de 43 andares na 15 Central Park West, o mais novo dos luxuosos e lendários edifícios cooperados que ladeavam a rua em frente ao parque. A apenas alguns quarteirões estavam os edifícios Dakota, The Majestic e The San Remo. Era como estar no centro de um sonho muito realista. Só que estava fazendo muito frio. Ela resolveu esbanjar pegando um táxi, embora tivesse gastado cada centavo que havia sobrado em sua roupa nova, aproveitando a viagem para se convencer a não ter um ataque de pânico. Mas a tentativa não foi muito eficaz, evidentemente, porque apesar de seu encontro com Charlie Winslow estar prestes a começar, ela não conseguia mexer as pernas.

Ainda não conseguia acreditar. Se Bree não fosse sábia, teria jurado que era tudo uma pegadinha bem elaborada. Por que diabos Charlie Winslow iria querer sair com *ela*? Claro, ela havia feito esta pergunta a Rebecca mais ou menos um milhão de vezes. E recebera respostas variadas, todas se resumindo ao fato de que Rebecca achava que os dois teriam momentos agradáveis juntos.

Momentos agradáveis.

Bree não conseguia se *mexer*. Exceto os dentes, que agora estavam trincando. O xale da década de 1940 que havia encontrado em Park Slope podia ser o acessório perfeito, mas não ajudava em nada a protegê-la do frio. Ela poderia muito bem ter usado um casaco de inverno gigantesco, considerando que estava *enraizada à esquina da Central Park West e West 72nd*.

Pelo amor de Deus, a noite de Cinderela mais incrível de sua vida estava a apenas alguns minutos e alguns metros de distância. Havia fotos daquele pedacinho da cidade em seu livro dos sonhos de Nova York, o qual ela passara oito anos compilando. E só não recortara e colara uma fotografia de Charlie Winslow ali porque nem mesmo sua imaginação sem limites era tão otimista.

Ela precisava se lembrar de não chamá-lo de Charlie Winslow, como se ele fosse uma estrela de cinema ou uma figura histórica. Bree tinha treinado. Disse o primeiro nome dele uma centena

de vezes, às vezes rindo, às vezes olhando timidamente para o horizonte, tímida, atrevida, recatada, indignada. Bree era muito boa em pronunciar *Charlie*, mas não conseguia evitar muito bem a parte *Winslow*. Tinha lido tantos artigos escritos por ele e a respeito dele, e nenhum se referia a ele como Charlie, ou até mesmo como sr. Winslow.

Ela se obrigou a andar. Caso esperasse mais tempo, se atrasaria, e ele provavelmente sairia sem ela, atitude que tinha seus méritos, assim ela não precisaria suportar realmente conhecê-lo, mas isso iria contra o propósito da coisa toda, e caramba, ela era corajosa. Sim, era. Chegara de avião sozinha, sem conhecer absolutamente ninguém em Nova York e muito menos em Manhattan. Aquilo exigia coragem.

E esta noite também. Mas Bree era capaz. Porque, tal qual sua mudança para a cidade, Charlie Winslow se encaixava perfeitamente em seu plano de cinco anos:

1. Mudar-se para Nova York
2. Conseguir um emprego na área de publicidade de moda..
3. Continuar a estudar moda..
4. Dar um jeito de fazer parte de um grupo social influente..
5. Frequentar eventos de moda regularmente..
6. ????
7. Publicar seus artigos..
8. Sucesso!!!!!!

Veja só o quão longe ela já havia chegado. Estava pulando o item 3 e indo diretamente para o 4, e só estava em Manhattan há seis meses! Conhecer Charlie Winslow era moleza. A parte fácil.

Está bem, não. Isso era uma completa mentira. Quando ela se dirigiu ao porteiro – que usava traje completo, com chapéu e ombreiras, muito obrigado – a verdade se estabeleceu como uma pedra em seu estômago. O encontro com Charlie Winslow era como conhecer o presidente ou Johnny Depp, ou Dolce e Gabbana.

Ela não iria vomitar.

De algum modo, a porta foi aberta pelo homem alto que usava quepe e luvas. Ele sorriu para ela assim que fez uma reverência sutil. E então ela entrou, em um lugar quente e incrivelmente lindo. Aquele edifício não era tão famoso quanto o Dakota, mas era equivalente ao topo naquela estratosfera de luxo. O apartamento inteiro dela caberia naquela recepção, onde precisou se identificar. Todo mundo sorria. O segurança, o outro segurança, a mulher no elevador usando um ternó de inverno branco, cujo anel de diamantes chamativo devia exigir um grande esforço dela para levantar a mão.

Charlie Winslow não estava à vista.

Bree suspirou.

– Devo anunciar sua chegada? – O segurança, sentado atrás da bela mesa de carvalho polido, se inclinou de maneira tão elegante que a fez pensar que ele estava desesperado para saber quem ela iria visitar ali. Ou isso, ou ele quase perdeu o controle sobre a arma automática escondida logo acima de seu colo. Apenas no caso de ela não dizer o nome certo ou algo assim.

– Bree Kingston para Charlie Winslow – disse ela, e só precisou pigarrear uma vez.

A maneira como a sobrelha esquerda do homem uniformizado se arqueou significava alguma coisa. Bree tinha ideia do que era. Ela olhou para baixo para se certificar de que não tinha babado no vestido, mas parecia bem. Só que tensa. Muito, *muito* tensa.

O guarda pegou o interfone, mas sua mão parou no meio do caminho até o teclado. Ele meneou a cabeça, olhando para além do ombro de Bree.

Ela virou-se, prendendo a respiração, rezando para não fazer total papel de boba. E lá estava ele. Igualzinho às fotos, só que melhor.

Alto, embora todo mundo fosse alto para ela, já que mal tinha 1,55m de altura. O cabelo estava tão milimetricamente desalinhado quanto nas fotos, castanho, cortado com tal precisão que ela imaginava que ele acordava pronto para ser fotografado. Charlie usava um terno preto, e por baixo uma camisa branca simples perfeitamente costurada, sem gravata, corte reto, Yves Saint Laurent? Spencer Hart? Ou talvez seus amados D&G?

Tão lindo quanto tudo que o ornava era seu rosto, que ficou sustentando o olhar dela. Muito, muito melhor do que nas fotos. Olhos grandes, castanhos. Muito grandes. A boca farta também, mas ela continuava atraída pelos olhos, e pelo modo como ele olhava, como se tivesse descoberto algo maravilhoso e interessante, só que estava olhando para ela. Um sorriso imenso. Para ela.

O olhar dele abandonou o dela enquanto cruzava o saguão lentamente. No entanto, não foi muito longe dali: fez um passeio longo e demorado pelo corpo dela, fazendo uma pausa breve nos seios. Mas não o suficiente para deixá-la constrangida. Mais constrangida.

Bree já havia recebido olhares lânguidos antes com certeza. Mas desta vez era diferente. Era como um teste de elenco. Seu coração batia forte, o sangue corria para as bochechas, aquecendo-as, diabos, fazendo o rosto inteiro esquentar. E então ele estava fitando-a nos olhos outra vez, e ela soltou o ar quando ele pareceu ainda mais satisfeito. Talvez Charlie só estivesse atuando, provavelmente estava, na verdade, mas isso não importava, porque era só por uma noite e ela havia imaginado dezenas de expressões da parte dele, mas nenhuma fora tão fantástica assim.

– Bree – disse ele em voz baixa, uma espécie de violoncelo grave cheio de ressonâncias e promessas.

– Oi – respondeu ela. – Charlie.

Ele pegou a mão dela. Aquela que não estava segurando a bolsa *clutch*, a ponta do xale.

– Rebecca me disse que você era muito bonita – disse ele. – Ela nunca havia usado eufemismos.

O rubor de Bree chegou a níveis de incêndio, e ela sabia que aquilo tinha sido só conversa fiada, mas uma bela conversa fiada, e se ele quisesse dizer coisas assim para ela durante o restante da noite, não se importaria nem um pouco.

– Você é muito gentil.

– Não mesmo – disse ele. Ainda segurando a mão dela, olhando através dela. – George, poderia chamar o carro?

– O carro já está aguardando, sr. Winslow.

– Obrigado – disse ele, e em seguida olhou para ela novamente. – Ela lhe contou para onde vamos?

– Ela não faria isso. No entanto, mencionou que eu ia gostar.

– Espero que sim. – Charlie a guiou para fora, com a mão ainda segurando a dela até chegarem à saída. Quando a porta foi aberta, Charlie colocou o braço em volta dos ombros de Bree e apertou o passo. Antes que ela percebesse, estava sentada no banco de trás de uma limusine preta conduzida por um chofer de verdade, e com Charlie acomodado a sua esquerda.

Como a vida dela poderia ter chegado àquele ponto? Sua turma de formandos do ensino médio tinha menos de 200 crianças. Sete anos mais tarde, cada uma de suas amigas já estavam casadas, e a maioria delas tinha pelo menos um filho. E ali estava ela, sendo levada para passear rumo a uma noite misteriosa com um dos homens mais famosos de Nova York No Dia dos Namorados. *Minha Nossa Senhora*.

CHARLIE NORMALMENTE não tinha champanhe gelado na limusine. Ele só havia providenciado isso duas vezes, na verdade. Na primeira, quando sua convidada era uma rainha. Não uma rainha do carnaval ou coisa assim, mas uma rainha da realeza, de verdade. Na segunda, foi para agradar uma amiga que tinha sido esmagada por uma perda amorosa arrasadora. A noite de choro embriagado e passeios sem rumo ajudou a passar o tempo e deu a ela a coragem de enfrentar o nascer do sol.

No caso de hoje à noite, ele pedira Dom Pérignon Rosé Oenothèque por apreço a Rebecca. Ele sabia que todos os detalhes da noite seriam relatados à sua prima e estava determinado a impressionar Rebecca, apesar de ela achar que ele ainda era o mesmo terror adolescente que tinha sido aos 13 anos.

Mas agora que realmente conhecera Bree, Charlie não tinha certeza se Rebecca merecia um champanhe tão caro. Bree era bonita, tudo bem. Pequenininha e meiga na aparência, com um cabelo bem curtinho e um corpinho bonito. Mas padrão para ser ficante dele? O que Rebecca estava pensando?

Claramente havia algo mais em Bree do que sua primeira impressão indicaria. Rebecca era brilhante e o conhecia muito bem. O que significava que as que o interessavam tinham pernas muito longas, só usavam roupas de grife e eram capa da *Vogue*, nunca menos que isso.

Bree era... minúscula. Não parecia terrivelmente jovem, apenas compacta. Tudo no diminutivo. Definitivamente, havia algo atraente em seus olhos amendoados, no rosto em formato de coração, na pele clara e no maxilar superior levemente proeminente. Ela era a gata borralheira antes de se transformar em Cinderela... E o local onde estavam indo? Ela se sentiria um peixe fora d'água.

Charlie estava quase com medo de falar com ela, sem ter a menor ideia do que dizer. Ele era só um vaidoso idiota o suficiente para ter adorado o modo como os olhos dela se arregalaram ao conhecê-lo, o modo como tremera, se bem que os tremores poderiam ter sido por causa do frio. Mas essa emoção duraria pouco tempo. Um pouco de champanhe ajudaria a ambos.

Bree tirou os olhos da janela quando ele abriu a garrafa.

– Eu não sabia que isso existia mesmo – disse ela. – Champanhe em uma limusine.

– É decadente e tolo, mas e daí, hoje é Dia dos Namorados. Além disso, não estamos dirigindo, então que se dane.

– Não, não estamos. Devo avisá-lo que não sou muito de beber.

– Vamos ter que ser criteriosos com nosso pedido, então. Mas que tal uma bebida, para batizar a aventura que nos aguarda?

Ela olhou para a taça de cristal na mão dele.

– Sim, obrigada. Seria bom.

– Sempre haverá água tônica, refrigerante ou suco onde quer que estejamos, mas você vai estar cercada por bebida alcoólica. – Charlie encheu a taça dela, cuidadoso por causa do engarrafamento. – Se você me disser o que preferir, vou me certificar para que seja providenciado.

– Eu gosto de suco de abacaxi – disse ela, pegando a taça dele com a mão esguia, as unhas curtas, reluzentes e pálidas.

– Abacaxi então. – Ele serviu-se de uma taça e então se recostou, erguendo a taça para ela. – Aos encontros às escuras.

O sorriso dela deixava o rosto bonito. Deixava claro que ela ainda não tinha aprendido a se conter, a equiparar cinismo com sofisticação. Fazia um tempinho que Charlie não via algo assim. Não de perto.

– Às coisas extraordinárias – respondeu ela, tilintando a taça na dele delicadamente.

O champanhe era excelente, perfeitamente resfriado e seco no ponto certo.

– Conte-me sobre você, Bree – pediu ele, recostando-se em seu canto do banco. Não queria sufocá-la ou deixá-la desconfortável. Eles tinham uma grande noite pela frente e, enquanto ela fosse sua companhia da noite, Charlie de fato iria lhe proporcionar momentos agradáveis. Nada extravagante, naturalmente. A experiência havia lhe ensinado que era melhor ser discreto com pessoas novas, de qualquer espécie. Desde o sucesso da *Naked New York*, ele tivera que reaprender a lidar com o público.

Sua fama ainda era uma coisa esquisita, embora nada disso tenha sido quando o negócio atingira relativa magnitude. Ele sempre tivera a intenção de fazer seu nome no mercado, mas, quando planejou o blog, ele se imaginou mais como um Jason Weisberger do BoingBoing do que uma Arianna Huffington. Alguém cujo nome seria reconhecido por pessoas que importavam no meio, mas que não eram facilmente reconhecidos pessoalmente. Em vez disso, ele se tornou parte de um novo fenômeno. Em Manhattan, ele era mais reconhecido do que o prefeito. Financeiramente, foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Pessoalmente, era... interessante e longe de ser tremendamente agradável.

Bree voltou seus lindos olhos verdes para a taça, observando as bolhas estourarem e crepitarem.

– Eu sou redatora publicitária – disse ela. – Na BBDA. Uma redatora júnior, o que significa que estou mais para um office-boy e que tomo um monte de notas, digito um monte de memorandos. Mas é legal. As pessoas com quem trabalho são ágeis e criativas, e não são sanguessugas. Bem, não mais do que seria de se esperar.

– A BBDA é uma empresa grande. Alguns clientes dela anunciam em meus blogs.

Ela arregalou os olhos de novo.

– Dezesete deles, no momento. A *Naked New York* é o foco principal do público no perfil demográfico de 18 a 34 anos.

Bree conteu a última palavra e contraiu os lábios por um segundo.

– De qualquer forma – disse ela, com a voz mais baixa, mais lenta –, eu me formei no ano passado com um MBA da Case Western. Sempre quis vir para Nova York, então eu simplesmente vim.

– E Nova York é o que você pensou que seria?

– Muito melhor. Eu adorei, mesmo antes de hoje à noite.

Charlie riu.

– Ora, você deve saber o quanto esta noite está sendo fora do normal. Você é Charlie Winslow e estamos saindo num encontro misterioso, e mesmo que eu não faça ideia de para onde vamos, tenho certeza de que vai ser a noite mais emocionante da minha vida.

Ele não conseguiu evitar um calafrio, embora tenha tentado.

– Mais emocionante? Essa é uma expectativa bem alta.

Ela abaixou a cabeça, franziu a testa um pouco, em seguida olhou para ele através dos cílios longos.

– Sério? Isto – Ela gesticulou para o interior exuberante do carro, para, ele imaginou, a noite em geral – é uma loucura. Pode ser sua rotina, mas certamente não é a minha. – Bree se recostou, bebericou o champanhe frio. – Rebecca não quis me dizer. Toda vez que perguntei por que você iria querer sair comigo no Dia dos Namorados, Deus do céu, ela sorriu daquela maneira presunçosa que me fazia querer beliscá-la.

Ele sorriu.

– Sabe, eu me flagro querendo beliscar Rebecca bastante.

– Então você vai entender minha frustração quando pergunto diretamente, por que estamos fazendo isso? Por que *você* está fazendo isso *comigo* ? Não consigo evitar achar que pode ser alguma pegadinha horrorosa por parte de uma menina malvada. Que, para onde quer que estejamos indo, vai haver um holofote imenso em cima de mim assim que eu estiver coberta de lodo verde ou algo assim. O que seria horrível por sinal. Caso você precise avisá-los antes.

Certo. Ela o fez rir. Ponto na coluna dos atributos extras. E agora que ela admitira seu medo, parecia mais relaxada. Agora que ele tinha notado, ele se demorava no modo como o vestido simples sem mangas destacava mais a mulher ao vestuário. Charlie gostava do fato de ela não usar bijuterias. Era uma escolha ousada, mas realçava o pescoço dela, que tinha mais apelo do que um pescoço tinha o direito de ter. A coisa se concentrava só na pele dela, no jeito como o queixo formava a curva, na clavícula elegante. Eis aí um pensamento que ele nunca esperara ter.

– Rebecca não é assim – disse Bree, mais delicada agora, mais para si mesma do que para ele, e Charlie se lembrou que ela havia lhe perguntado por que almejava o encontro.

Antes que pudesse responder, ela acrescentou:

– Eu não a conheço há muito tempo, então talvez eu esteja errada, mas meus instintos são muito bons, e ela se destacou desde o início. – Bree gesticulou novamente, mas não com um gesto amplo desta vez, e sim um leve menear do pulso. Um pulso pequeno, delicado e feminino.

– Nós saímos para beber uma noite no Bar Caracas, Rebecca, eu e nossa amiga Lilly, que dá aulas de música em uma escola preparatória incrivelmente exclusiva. A coisa toda começou um pouco estranha, porque nós três só nós conhecíamos da troca de pratos congelados da igreja, mas depois começamos a conversar e nos demos muito bem, especialmente Rebecca e eu. Quando mencionei o quão desesperadamente eu queria morar em Manhattan, as duas entenderam

totalmente. Como eu não me importo em pagar uma fortuna para morar no Buraco Negro de Calcutá com quatro garotas que mal conheço, e como eu não posso sequer me dar ao luxo de ir ao cinema, e muito menos de comprar pipoca, elas sorriram e brindamos com nossos drinques, até me sentir em casa. – Bree piscou e, em seguida, por algum motivo, seus ombros endureceram novamente. Ela pigarreou. – Acho que falei um pouco demais.

E... ele gostou dela. Simples assim. Não, Bree não fazia o tipo dele, nem de perto, mas Charlie gostou da cadência na voz, da maneira como ela falava com as mãos, de como estava claramente tensa, porém não intimidada. A noite mudou então, entre a Columbus Avenue e a West 61.

Charlie tocou no braço dela. Ela era quente e macia, e se encolheu um pouco ao contato, dando um suspiro e um sorriso.

– Não – disse ele –, não é uma pegadinha ou um truque. Rebecca achou mesmo que a gente ia se dar bem. Nós dois crescemos juntos, éramos bem unidos quando estudamos em escolas particulares, nos primeiros encontros e nos bailes de formatura, e em muitas festas chatas de feriados em família. – Ele estremeceu pensando em alguns dos Natais épicos, aqueles nos quais metade da família não estava falando com a outra metade, no qual animosidade se dava em meio a beijinhos jogados no ar e grinaldas de grife. Todo aquele poder passivo-agressivo acontecendo em meio a caviar beluga e trufas lascadas. – Ela me conhece tão bem quanto qualquer um. E ela nunca tentou armar encontros para mim.

– Então o que isso significa?

Charlie pensou por um segundo. Excelente pergunta.

– Não sei.

Em vez de pressioná-lo para oferecer seu melhor palpite, Bree inclinou a cabeça de maneira encantadora.

– Para onde vamos?

– Você não quer ser surpreendida?

O jeito como ela o fitava o fazia querer alcançar as expectativas dela, embora ele não fosse consegui-lo de jeito nenhum.

– Já fiquei atordoada quando você pegou minha mão.

Atordoada?

– O que você esperava?

Bree deu de ombros.

– Não tenho certeza. Algo mais. Quer dizer, não fiquei chocada com os porteiros, a limusine ou com seu perfume incrível, porque eu estava esperando secretamente por tudo isso. Nunca fiquei muito perto de celebridades. Vi algumas desde que cheguei aqui. Woody Allen, obrigatoriamente, é claro, mas vi outras também. Muito poucas, pensando bem, mas todas me pareceram, sei lá, singulares. No sentido mais genuíno da palavra. Como se o ar em torno delas fosse cintilante, ou que, mesmo que estivessem usando um saco de batata e sapatos de boliche, era de propósito, e eu não era descolada o suficiente para conseguir o mesmo visual. Você não é assim.

– Isso é um elogio?

Ela assentiu.

– Sim. Teria sido bom se você tivesse se revelado um cara super descolado, embora eu

definitivamente fosse entediar você ao extremo.

Charlie sorriu.

– Sabe quantos descolados são necessários para se trocar uma lâmpada?

Ela retribuiu o sorriso, inclinando-se para ouvir a resposta da piada.

– Quantos?

Charlie revirou os olhos de propósito.

– Uma quantidade realmente obscura que você desconhece.

Bree riu. E a risada começou delicada como o pulso dela, mas terminou com um ronco inesperado. Ela arregalou os olhos e pôs a mão na boca, mas daí fez de novo. O ronco, não a risada. E corou, a coisa mais honesta que ele vira em anos.

Tudo bem, Rebecca poderia merecer mais do que um champanhe caro. Ele ainda estava decidindo se ela merecia uma garrafa de '96 Krug Clos D'Ambonnay.

Capítulo 3

BREE SABIA que estava corando, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito. Do jeito que Charlie sorria para ela, o problema não ia se resolver sozinho em momento algum.

Ela queria chegar logo no local para onde estavam indo. Precisava criar certa distância entre eles, apenas por um instante. A cabine de um banheiro serviria, um lugar privado onde pudesse gritar, saltar e agir como uma boba, se libertando. Porque *uau*. Charlie Winslow, mais uma limusine, mais champanhe, além do fato de os encontros dele sempre terminarem com um beijo amigável no rosto, a faziam praticamente flutuar. A noite inteira, não importasse onde eles terminassem, era improvavelmente perfeita. Certamente a única da vida dela.

Alguém tinha entrado nas fantasias dela, revisado as mais estranhas e mais frequentes, concluindo que não eram grandiosas o suficiente, e então lhe dado *aquilo*. Ela queria se debruçar no banco da frente e perguntar ao motorista, um coroa boa-pinta que devia estar na casa dos 50, se ele teria uma filmadora, e se ele se importaria de filmar todos os segundos do restante da noite, para que Bree pudesse assistir até seus olhos não aguentarem mais.

Olhou pela janela e todos os seus pensamentos tropeçaram até uma conclusão:

– Este é o Lincoln Center – disse ela com a voz alta e firme.

– Sim, é – disse Charlie, e ao mesmo tempo que Bree não conseguia tirar os olhos da cena diante de si, também percebia a diversão na voz dele.

– É o Lincoln Center – repetiu ela –, e estamos na Fashion Week, a Semana de Moda de Nova York

– Acertou de novo.

– Foi no blog. Esta manhã. Eu li. Esta é a festa Mercedes-Benz/Vogue para a Semana da Moda.

Ela queria abrir a janela, enfiar a cabeça para fora como um cachorrinho muito empolgado, para que pudesse ver *tudo*. Mas também podia muito bem pintar um letreiro na testa escrito: *caipira*. Mesmo assim, Bree não conseguia evitar o tremor nas mãos, sua respiração embaçando a janela, a vontade de se beliscar para provar que estava mesmo, mesmo ali.

– Imaginei que você adivinhasse. – A voz de Charlie soou sorridente. Não de modo afetado, no entanto, e ela pensou que...

– Não. – Ela sorriu. – Sério: não. Não. Isso é demais para mim. Ora bolas. É... o ápice da moda. O único evento após o qual eu poderia morrer feliz. – Bree virou-se para ele, brevemente, boquiaberta, para verificar o sorriso que havia imaginado estar naqueles lábios. – Eu costuro desde que tinha 12 anos.

Então ela voltou a encarar os holofotes as pessoas. Reluzentes, lindas, famosas, pessoas glamourosas. Seus heróis e heroínas. Amontoados perto de uma barricada policial, havia três, *três* estilistas. Estilistas que ela adorava, bem, talvez não *ela*, porque Bree era uma espécie de

coadjuvante, mas ainda assim, ia ficar na mesma sala, na mesma festa, que Tommy Hilfiger, que Vivienne Westwood!

Ela se voltou para Charlie, quase derramando sua bebida.

– Estamos indo para a festa, certo?

– Sim, estamos indo para a festa.

– Ah, graças a Deus. Teria sido muito constrangedor se estivéssemos indo para um concerto ou coisa assim.

Ele riu de um jeito que a fez estremecer e a fez se lembrar mais uma vez que aquilo não era um sonho. A limusine estava em uma longa fila de limusines, e Bree imaginou que levaria um tempo até chegar a vez deles. O que significava que ela possuía uma janela de tempo a sós com Charlie. Bree recostou-se no banco de couro luxuoso, então ele voltou a ser o centro de sua atenção.

– Eu me lembro de ter lido sobre isso no ano passado. Pareceu-me que você se divertiu bastante.

Charlie assentiu.

– Sim, eu me diverti. Considerando que faz parte do trabalho. Acho que este ano vai ser melhor. – Ele falava casualmente, como se estivessem conversando sobre parar no mercado da esquina. Como se eles se conhecessem. Casualmente, mas não entediado ou pretensioso. Aquela era uma noite típica para ele. Uma noite sobre a qual se ansiar, mas não para causar pânico.

Falando em pânico.

– Estamos na Semana de Moda, e estou usando um vestido caseiro. Meu xale... – Tinha custado 50 centavos no brechó, mas Charlie não precisava saber *disso*. – Ai, Deus.

Ele a avaliou, sorrindo. Bree não sabia dizer se era porque a considerava adoravelmente *gauche* ou risivelmente ridícula. Quando ele se inclinou para frente, Bree ficou sem saber o que fazer, até que Charlie fez sinal com o indicador para ela se aproximar. De uma forma bem conspiratória.

– O objetivo da moda é a originalidade e o talento. Todo mundo vai olhar para você, para seu vestido, e se perguntar quem é esse novo estilista. Sugiro a você se aproveitar da situação até não poder mais.

Ela teve que rir, porque, bem...

– É muito legal da sua parte dizer isso. – Bree tocou as costas da mão de Charlie para certificar-se de que ele soubesse que ela não estava brincando, só que, no segundo em que a mão dela tocou a dele, percebeu o quanto eles estavam próximos um do outro. Ela sentia a respiração dele em seu rosto, o calor do corpo dele invadindo o dela sorrateiramente.

O fato de ele pensar que ela era capaz de criar algo tão exorbitante era... incrível.

– Não tenho certeza se conseguiria dizer essas coisas sem rir.

– Faça cara de tédio – disse ele. – Esse é o segredo. Aja como se preferisse estar em qualquer outro lugar do planeta e todos vão pensar que você é o próximo sucesso das paradas.

– Tédio. Eu sei fazer cara de tédio. – Bree teve de se inclinar um pouco para trás, pois foi ficando difícil não hiperventilar estando tão perto de Charlie. – Na verdade, não, não consigo, não aqui. Meu Deus, ninguém consegue ser uma atriz tão boa assim. Mas posso ficar observando. Que é quase parecer entediada.

Charlie se afastou também, o sorriso se prolongando, de modo que seus olhos se enrugaram.

– Ficar observando pode funcionar. Lembre-se, porém, que você não precisa ficar intimidada por causa de ninguém aqui. Bem, quase ninguém. Mas você provavelmente não vai encontrá-los de qualquer maneira.

Oh, ele era bom. Aquilo era charme sem esforço, a verdadeira diplomacia e modos perfeitos. Deixá-la à vontade à medida que eles avançavam pelo Monte Everest das aspirações dela? Maravilhoso, maravilhoso. Mas era melhor ela se conter um pouco, porque se subisse mais às nuvens, poderia sofrer uma queda e morrer.

– Eu li um artigo certa vez – disse ela – sobre uma mulher apaixonada por filmes, e ela arranhou um emprego no ramo. Disse que no final foi um pouco triste. Que o que ela amava eram as ilusões, os personagens, a fantasia. Uma vez que viu por trás das cortinas, nunca mais foi a mesma coisa.

Charlie terminou seu champanhe e colocou a taça ao lado do balde de gelo, lentamente, como se estivesse pensando cuidadosamente no que ela dissera.

– É de se imaginar. A maioria das pessoas terrivelmente brilhantes que conheci também são terrivelmente perturbadas. Nem todas, mas muitas delas.

– Não acho que eu vá ficar decepcionada. Sei que é tudo ilusão. E tudo bem. Eu já experimentei uma vida normal. Uma coisa normal para diabo. Não era para mim.

– Onde foi? – perguntou ele. – Sua vida normal?

– Em Ohio – disse ela. – Cidadezinha minúscula. Família imensa. Feliz. Certinha. Meus pais tinham muitos irmãos, eu tenho um monte de irmãos, todos na minha família querem se casar, se é que já não estão casados, têm um monte de filhos, moram a um raio de distância da casa da família. Somos um quadro clássico da família clássica, com pequenas rebeliões e sonhos modestos. Não consigo expressar o quanto odiava isso. Não minha família, ela é ótima, mas essa vida. Saber o que me esperava. Os jantares de domingo e os chás de bebê, conhecer todas as pessoas no mercadinho e nunca precisar olhar o menu do restaurante local. Eu queria ir embora.

Bree inspirou profundamente o ar de Manhattan na limusine.

– Desejo a imprevisibilidade e as multidões, todos num ímpeto. Quero ir a boates e ficar na rua até quatro da madrugada, sendo que preciso estar no trabalho às oito, e quero comer coisas que não consigo pronunciar, e quero ter meu coração partido por homens insensíveis que vestem lindos ternos.

Ela desviou o olhar, sentindo-se tola. Vejam só quem está demais! Estava completamente tensa, é claro, mas não havia como não ficar tensa, dadas as circunstâncias. A fileira de limusines, escondendo seus passageiros secretos, ainda era impressionante.

– Acho que você vai se sair bem aqui – disse Charlie, e ocorreu a ela que o timbre da voz dele não foi a maior surpresa, a bondade, sim. – São todos um bando de divas, e o que divas fazem de melhor?

– São descoladas sem esforço?

Charlie riu enquanto balançava a cabeça.

– Eles pensam neles mesmos. Vão estar muito preocupados consigo para prestar tanta atenção em você. E só vão me notar porque podem me usar. Então relaxe. Aproveite. Você vai se divertir muito.

Bree já estava se divertindo para valer, e eles nem tinham saído do carro ainda, por isso a

possibilidade de se divertir durante o restante da noite não estava fora de cogitação. Bree não necessariamente tropeçaria ou derramaria alguma coisa em seu vestido. Ela já havia decidido que não iria comer nada que pudesse ficar preso em seus dentes. E certificaria-se de que não ficaria bêbada.

Charlie se inclinou para frente até obter a atenção de seu motorista.

– Nós vamos ficar aqui por pelo menos algumas horas, Raymond – disse ele. – Não precisa esperar. Avisarei quando estivermos prontos para ir embora.

– Certo, sr. Winslow. Obrigado.

Bree balançou a cabeça. Quando chegara à cidade, estivera preparada para lidar com grosseria em massa, cinismo e impaciência de todos os lados. Nada disso acontecera. Não que não houvesse uma boa parcela de idiotas na área, mas as proporções eram bem distantes. A maioria das pessoas que ela conhecera, fosse pedindo informações na rua ou em pé na fila do café, tinha sido gentil. Agradável. Podiam até ser meio secas, mas estavam mais do que dispostas a ajudar, mesmo quando ela não pedira. Estas eram as pessoas normais, no entanto, diferentes de Charlie. Se programas de televisão sobre nova-iorquinos ricos fossem dignos de credibilidade, Charlie deveria ter se revelado um babaca completo.

Em vez disso, ele a levava para a Semana de Moda. Bree era uma escrava da moda desde a sétima série. Suas paredes eram cheias de colagens, um par de sapatos perfeito da *Vogue*, uma saia especial da revista *W* e uma blusinha da *Seventeen*. Claro, havia fotos de acessórios também, afixados com cola de artesanato e envernizadas com goma-laca, assim seriam lembranças permanentes de que Bree tinha mais do que um sonho. Ela possuía um objetivo.

Seu amor pela escrita veio depois, e a combinação? Fora um acordo feito no paraíso. Seu destino estava definido: ela seria colunista de estilo, uma formadora de opinião, uma deusa da forma e função.

E estar ali com Charlie era... não. Não havia palavras para descrever aquela sensação.

O sujeito em questão se remexeu no banco de modo que pudesse observá-la, e também ter uma visão clara da janela.

– É um tremendo choque cultural se mudar para Nova York – disse ele. – Muitas pessoas não encontram nada além de encrencas em Manhattan.

– Eu não me importaria de encontrar um pouco de encrenca – disse ela, um rubor tomando as bochechas. Ela tocou a bolsa, um tanto ciente da calcinha fio dental, da escova de dentes, do preservativo e do restante dos objetos que compunham seu kit de aventura de uma noite. Rebecca não fora direta quanto a isto, mas nem precisava. Os hábitos de Charlie nos encontros amorosos eram lendários.

O tema do filme *Missão Impossível* tocou na bolsa de Bree, assustando-a.

– Aposto que sei quem é – comentou Charlie.

Bree abriu a bolsinha, não querendo que ele visse o kit, ou, Deus não permita, seu cartãozinho de troca. Ela pegou o telefone e viu que tinha uma mensagem de Rebecca.

Já chegou?

Bree sorriu.

!!!!!!

Eu sabia q vcs 2 iam se dar bem

Falamos amanhã. Te ♥ por isso!

De nada. Vai fundo!

Charlie tentou dar uma espiada, e ela o ajudou virando a tela.

Ele pegou o próprio telefone no bolso do paletó. Claro que era algum aparelho incrível. Poderia ser o último modelo de smartphone, pensou ela, se não alguma versão exótica indisponível para o público. Ao contrário do celular de segunda mão dela, um modelo da primeira geração.

Ele era incrivelmente rápido com os polegares. Habilidade. Mas suas mensagens de texto eram incomparáveis à expressão dele. Charlie sorria de uma forma totalmente diferente daquela de um momento atrás. Bem diferente daquela reflexão doce e ponderada. Agora ele era a própria imagem da diversão, a cabeça inclinada para o lado, as sobrelanceiras erguidas de surpresa ou prazer, possivelmente ambos. Ou talvez algo completamente diferente, mas esta era a noite para se acreditar na melhor das opções, certo?

Antes de guardar o celular, Bree o posicionou para focar o rosto dele para uma foto rápida. Ela seria uma tola se fosse para casa sem uma lembrança física de hoje à noite e, não, bolhas causadas pelos seus saltos incrivelmente altos não contavam como lembrança.

Quando pôs o celular na bolsa, Bree se deu conta. Percebeu por que estava ali. Por que Rebecca tinha dado cartão de Charlie a ela. Percebeu o que era aquele negócio todo.

Um favor.

Na primeira noite em que saiu com Rebecca, Bree revelara seu plano de cinco anos durante a conversa. Seus sonhos, os passos, a obsessão. Rebecca não comentara seu parentesco com Charlie. Não parecera ciente sobre semana de moda de maneira alguma. Aquela danadinha sorradeira...

O que significava que era melhor Bree baixar bastante suas expectativas. Ela não estava realmente em um *encontro* com Charlie. Estava envolvida em um favor. Estas duas coisas terminavam de maneiras completamente diferentes. Favores não se estendiam para o quarto.

Charlie colocou o celular de volta no bolso do paletó exatamente quando o telefone tocou de novo.

– Vai estar lotado lá. Acabei de enviar meu número a você. Se nos separarmos, mande-me um torpedo, e eu irei ao seu encontro.

Bree tinha o número do celular de Charlie Winslow. Ela poderia se empolgar com isso. Poderia ser algo exclusivo, mas e daí? Só porque era um favor, não deixava de ser o maior

acontecimento da vida dela.

– Você está bem? – Ele quis saber.

– Estou bem. Ótima. Há chances de eu me separar de você?

– Não se eu conseguir evitar... ah, chegamos.

A porta ao lado de Bree foi aberta assim que Charlie pegou a taça da mão dela. Em mais um momento espetacular de conto de fadas, ela pisou em um tapete vermelho. Ela não ofuscou ninguém, não tropeçou e conseguiu evitar ficar boquiaberta, mesmo quando flashes estouraram ao redor, cegando-a e empolgando-a igualmente.

Charlie segurou o braço dela na altura do cotovelo, e isso foi bom porque ela realmente não conseguia ver nada. As pessoas ao redor estavam gritando “Aqui!” e “Olhe para cima!” sem parar, e ela não imaginara que haveria tanto barulho. Sempre que ela assistia isto na TV, era sem ruídos, só com uma pessoa narrando, e então acontecia um corte para um comercial, mas ali, ao vivo, era alto, assustador e intrusivo.

A mão de Charlie a apertou suavemente quando ele a guiou para uma tenda branca imponente, que ela sabia ser o local da Semana de Moda no Damrosch Park. A área era enorme, com desfiles de manhã até à noite, festas, salas de jantar, salas de reuniões, salas de imprensa.

Bree havia estado ali no Lincoln Center, mas do outro lado, perto da fonte, do museu e da escadaria mágica. Estar ali agora, com todo o complexo ostentando seu melhor visual, e entrar nas tendas deveria ser algo impossível para uma garota que nem ela; era muito para se processar.

Felizmente, havia a mão firme de Charlie. Que mundo era aquele no qual a coisa mais reconfortante ao redor dela era Charlie Winslow? Bree sinceramente não sabia dizer se estava tremendo de frio ou de emoção.

Havia tanta coisa para se olhar entre os flashes das câmeras, ela ficou chocada ao entrar. Havia uma fila, e porque aquele era o mundo real, havia detectores de metais para se atravessar. Ninguém parecia se importar, apesar de tudo. A segurança era reforçada, e o ritmo lento conforme avançavam dava a ela a chance de recuperar o fôlego, só para perdê-lo novamente quando viu de novo quem estava ao seu lado.

A respiração de Charlie aqueceu o pescoço dela quando ele se inclinou para perto. Arrepios. Em todos os lugares. Pela coluna e pelos braços. Quando a voz veio, baixa e quente, Bree ficou sem fôlego e sentiu os olhos revirarem por apenas um segundo. Provavelmente dentro de um minuto ela iria se ajustar ao ambiente. Não iria amolecer por causa do toque dele, ou por estar a um passo de distância de seu estilista favorito. O problema era que ela não conseguia decidir para o quê olhar, se para as roupas ou para os estilistas em si. Ai, Deus, ali estava uma modelo que era capa da edição deste mês da *Elle*, e Deus Todo-Poderoso, ali estava o astro da sua série policial favorita, e Bree ficou tão grata por ter o braço de Charlie para se apoiar.

– Você nunca vai ver tanta comida desperdiçada quanto nesta festa – disse Charlie com o mesmo sussurro íntimo que tinha usado na limusine. – Não creio que qualquer uma dessas pessoas realmente come. No entanto, elas mascam muito chiclete. Cetose. Tem a ver com o mau hálito, não que você vá ler sobre isso na *Vogue* ou na *W*. As pessoas que não comem podem ficar fanstásticas na frente das câmeras, mas o hálito delas poderia matar um búfalo. Esteja avisada.

Bree riu e, embora fosse verdade que todo mundo nas duas longas filas que serpenteavam pela tenda fossem ridiculamente magras, a maioria das pessoas que ela vira estava mastigando discretamente, às vezes a uma distância razoável uma das outras para evitar respirar muito perto.

E claro, ela pensou no próprio hálito agora. Mal tinha comido hoje, tinha ficado tensa demais.

– Você está bem? – perguntou ele com a risada com aroma de menta. – Não se preocupe.

Ela sorriu para ele à medida que avançavam.

– Acho que não estou escondendo muito bem minhas raízes interioranas, né?

– Não entendo o que você quer dizer.

Bree lhe lançou um olhar compreensivo.

– Vou me esforçar mais para parecer *blasé*.

– Não faça isso por mim. – Charlie a puxou ainda mais, até que ambos estivessem se encarando. – Eu gosto de ver o quanto isto é mágico para você.

– Eu sou uma verdadeira novidade, né?

– Na verdade, sim. Mas uma novidade boa. Quero ouvir muito, muito mais sobre sua vida antes de Nova York. Eu sou um nativo, e do jeito que fui criado, você pensaria não existir nada entre a Califórnia e Nova York. Eu nunca estive em Ohio, embora esteja razoavelmente certo de que poderia apontar o estado em um mapa. Fica abaixo do Lago Erie, certo?

– Uau, estou impressionada. Sim.

– E onde você cresceu lá em Ohio?

Ela abanou a mão e se virou para verificar o progresso da fila.

– Você nunca ouviu falar da cidade. – Quando voltou a encarar Charlie, o sorriso dele estava um pouco torto. – Então... essa comida que você mencionou. Eles servem passando bandejas? Bufê? Banquetes em mesas enormes?

– Bandejas e bufê – disse ele. – Haverá lugares para sentar, mesas de todos os lados, e eis um segredo: dá para saber qual é a hierarquia por quem está sentado, quem está de pé e pelos lugares onde ambas as coisas acontecem.

Ela arregalou os olhos diante de mais aquele bocado de gentileza íntima da parte dele. Bree sentia como se Charlie estivesse dando a ela o passe máximo para os bastidores, e ao passo que sabia que muito daquilo tinha a ver com a educação dele, e ainda mais com Rebecca, havia uma pequena chama de esperança enterrada lá no fundinho de que talvez ele a estivesse deixando entrar porque gostava dela. Ao menos um pouquinho?

Provavelmente era uma boa ideia não estender tal pensamento. Bree precisava aproveitar o momento, desfrutar ao máximo do que tinha agora. Pedir mais do que aquilo era provocar o destino.

Capítulo 4

CHARLIE NÃO conseguia tirar os olhos de Bree. O que Rebecca vira que a fizera acreditar que aquele encontro às escuras absurdo poderia funcionar? E o fato de estar funcionando era... bizarro. Ele nunca teria imaginado que iria achar Bree tão encantadora.

Diabo, o fato de ele considerar qualquer coisa encantadora ia além da credulidade.

E, no entanto, olhando para ela, se lembrou de como era quando ele tinha heróis. Embora nunca tivesse ficado tão inocentemente encantado pelo glamour como Bree. Considerando seu passado, como poderia? Sua família fazia parte dos xenófobos ricos de Nova York, o círculo tolo e insano que fazia do desdém e da dispensa uma arte. Então seus heróis tinham sido aqueles de fora do círculo: astros do esporte, músicos indie que nunca seriam populares, cientistas excêntricos e hackers. E estes últimos, graças a Deus, acabaram por definir aspectos-chave do rumo de sua vida.

– Ai, Deus – sussurrou Bree, sua mão apertava a lapela de Charlie desesperadamente. – É o Mick Jagger ali.

Charlie seguiu o olhar até alguns metros adiante, onde o velho cavalo de batalha estava de pé, cercado por sua comitiva praticamente invisível para ele. O Rolling Stone não estava ali há poucos minutos, mas não havia uma pessoa na tenda, ou na maldita cidade, capaz de chamar a atenção dele por furar a fila.

– Uh – disse Bree, ainda olhando para o mega star com curiosidade.

– É melhor se acostumar a isso – disse Charlie, divertindo-se. Nos últimos anos, a novidade de seu estilo de vida havia perdido a graça. Ele raramente prestava atenção em qualquer coisa que não fosse trabalho. A quem entrevistar, em quem ficar de olho, quem estava pronto para o óbito da carreira. Dar aquilo a Bree era divertido. Ela estava certa. De jeito nenhum ela poderia fingir tédio. Nem perto disso.

– Quase todo mundo é mais baixo do que você pensa – continuou ele, dando um passo para mais perto dela. – Principalmente os homens. Não os modelos, no entanto, eles são girafas, mas os atores, os músicos? A maioria deles é até mais baixa do que eu.

– Você não é baixo – comentou Bree. Ela se virou e sorriu para ele, de modo que Charlie sentiu-se um gigante. – *Eu* sou baixa. Ridiculamente. É horrível.

– Por que é horrível?

O sorriso dela mudou e as pontas das orelhas ficaram rosadas.

– Tenho 25 anos, não 12. Todo mundo me acha bonitinha. É inofensiva. Como um filhote de coelho. Já ganhei tapinhas na cabeça. Tipo, fala sério. Quem faz isso?

– Eu não faço – respondeu ele, erguendo as mãos num gesto de rendição, principalmente porque, agora que ela mencionara, ficara com vontade de dar os tapinhas.

– Quero tirar uma foto dele – disse ela, baixando a voz enquanto roubava olhares de Jagger.

– E daí? Tire,oras.

Ela balançou a cabeça.

– Como isso iria promover minha pauta de “nova estilista entediada”? Eu já sou uma intrusa. Eu gostaria de, pelo menos, fingir um pouquinho.

Charlie se virou para um sujeito atrás dele, um cara que ele não conhecia, mas parecia ser repórter.

– Voltaremos à fila em um segundo, está bem?

O sujeito assentiu, e Charlie manteve seu aperto no braço de Bree quando atravessou para a outra fila, bem no meio das estrelas do rock.

– Ei, Mick – disse ele, estendendo a mão. – Charlie Winslow. Eu adoraria tirar uma foto sua e minha linda acompanhante. Você se importa?

O sujeito apertou a mão de Charlie, mas só sorriu quando pôs os olhos em Bree. E então não poderia ter sido mais agradável. Na verdade, em segundos, Jagger estava com o braço em volta dos ombros de Bree enquanto Charlie fazia a foto usando o celular dela.

Bree ficou totalmente emocionada, mesmo quando Jagger assumiu uma postura meio falsa durante a sessão de fotos. Charlie não perdeu tempo em acompanhar Bree de volta a seus lugares na fila.

– Deixe-me ver – sussurrou ela, apertando os botões em seu celular. – Minhas mãos estão tremendo. Eu sou tão boba.

Charlie assumiu aquela operação delicada, e ela delirou com sua sorte fantástica. Estava tremendo de emoção, e Charlie nunca teria imaginado. Ao lado de uma das maiores celebridades do planeta, Bree apareceu completamente tranquila com a coisa toda. Mas agora seus olhos não escondiam nada de sua empolgação. Ela sorria largamente e batia palmas como uma criança no circo. O que, Charlie presumia, ela era de fato.

Logo eles estavam no posto de segurança, e havia detectores de metais de mão, vasilhames plásticos para colocar objetos e guardas bem-comportados. Depois de uma caminhada breve através de um caminho frio, eles entraram na tenda principal, um pavilhão imenso repleto de música, conversas, risadas e centenas de perfumes diferentes. Vestidos que custavam mais do que carros, rostos esculpidos ao ponto da insanidade, muita pele, muitos dentes brancos, e Bree parecendo recém-chegada ao País das Maravilhas.

Charlie tentava não olhar para Bree enquanto eles cotornavam em meio à multidão, enquanto alguma banda top no topo das paradas tocava suas músicas e fotos eram tiradas. Ele pediu suco de abacaxi a um garçom e, quando entregou o copo a Bree, ela piscou demonstrando total espanto.

Era muito divertido para durar, porque, ao mesmo tempo em que estava em um encontro, Charlie também estava a trabalho, e pelo menos metade dos convidados queria seus nomes no blog dele no dia seguinte.

Normalmente, Charlie seria capaz de enfrentar aquela festa com um pé nas costas. Esta noite, no entanto, ele queria não apenas incluir Bree, mas apresentá-la, certificar-se de que ela teria contato com todo mundo que reconhecesse. Ele queria ver o que ela faria, como reagiria. Inesperado. Completamente diferente do que Charlie era e intrigante, mas nada que necessitasse analisar.

Charlie sentia-se atraído por Bree, algo que não ocorria há tanto tempo, e por isso quase se

esquecera de que poderia acontecer. O mais interessante era que ele não conseguia identificar o porquê. Por ele, Charlie gastaria mais tempo analisando Bree do que caçando os deslizes dos vips da festa.

– O que foi? – Depois de um passeio pela área inicial, com beijos de ar, apertos de mão, poses e muito teatrinho, eles encontraram um lugar o mais longe possível dos alto-falantes. No entanto, mesmo ao lado das saídas laterais para os camarins e salas privativas, Bree tinha de gritar para se fazer ouvir.

– Nada. Você está se divertindo?

– Sim – respondeu ela. – Embora eu ainda esteja em estado de choque. É impressionante.

– Sim, é. Tem muita gente querendo atenção.

– Percebi aquilo que você falou sobre quem fica sentado, quem fica em pé, as posições – disse ela enquanto se aproximava dele.

Charlie passou o braço em volta da cintura dela. Interessante, abraçar alguém tão baixinha. Sentia-se... protetor.

– É como se cada cadeira fosse um trono, exclusivamente para os reis e rainhas mais importantes.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Alguns deles têm um lugar cativo pela eternidade, mas não muitos. Para a maioria deles, é uma tiragem limitada.

– Você está sentado – disse ela. – Você provavelmente tem seu lugar, não é?

– Não. Eu organizo o ambiente. Posso ser reconhecido para alguns, mas meu trabalho aqui é colocar um holofote nas verdadeiras celebridades. Vou ter que escrever sobre isso no blog amanhã de manhã, e se não for claro, vou receber dezenas de telefonemas, torpedos e e-mails de assessores furiosos me dizendo que sou uma desgraça e que nunca vou trabalhar nesta cidade de novo.

Um garçom, trazendo champanhe, apareceu e, antes que Charlie pudesse dizer qualquer coisa, Bree lhe tocou a mão.

– Eu gostaria de um, por favor.

– Tem certeza?

Ela assentiu.

– Esta é a noite do champanhe.

– Você deve estar morrendo de fome. Eu não vi você comer.

– Estou empolgada demais para comer. Apertei a mão de Tim Gunn!

– Eu sei – disse ele. – Ele gostou do que você estava usando.

– Não gostou – disse Bree, quase derramando sua bebida. – Ora, ele disse alguma coisa? – Ela fechou os olhos. – Não, não responda. Você só está sendo gentil.

– Sim, mas se ele tivesse um minuto para perceber, teria gostado do seu vestido. Você está deslumbrante.

Bree suspirou.

– Eu não esperava que você fosse assim – disse ela. – Para ser sincera, eu nem tenho certeza do que fazer com você.

– O que isso significa?

– Eu sei que sou diferente do que você está acostumado. Ontem vi uma foto sua com Mia

Cavendish. Então eu a vi no novo outdoor da Victoria's Secret na Times Square. Rebecca fez tudo e mais um pouco ao me fazer esse favor, mas você tornou esta noite incrível. Um sonho se realizando. Eu nem sequer...

Charlie não tinha pensado nisso no carro, ou na fila, ou após o acontecimento com Jagger, mas agora ele não conseguia pensar em nada no mundo que desejasse mais do que tomar aquela baixinha em seus braços e beijá-la com intensidade.

E assim ele fez.

BREE NÃO deveria ter ficado chocada com os lábios dele, mas ela congelou, mais surpresa do que havia ficado ao trombar com Jean Paul Gaultier. *Charlie Winslow* estava dando um beijo nela. Suave. Provocando-a com a ponta da língua, à espera de permissão para entrar.

Ela cedeu.

Charlie acabou por se revelar um cavalheiro a este respeito também. Sem forçar, sem engoli-la. Adentrando lentamente, dando a ela tempo para se acostumar a ele. Para saboreá-la. Bree esperava champanhe, mas ele tinha gosto de hortelã, embora, pensando bem, ela não fizesse ideia de qual era o sabor do remate de champanhe.

Uma palma tocou seu ombro nu, a outra mão a puxou para mais perto, e a parte experimental do beijo terminou, assim como o mais básico dos pensamentos. Ele inclinou a cabeça e se preparou para se estabelecer ali enquanto eles exploravam um ao outro. Não demorou muito para Bree relaxar os ombros, para sentir-se confortável o suficiente para recuar e tomar fôlego, dando uma espiadinha nele, e depois retornar para mais.

Aquela mão em seu ombro desceu pelas costas, aquecendo-a onde quer que tocasse. Não estava frio no salão, não com tanta gente, mas o toque de Charlie estava quente, não só a mão. O baixo da banda fazia o salão vibrar, mas Bree já estava tremendo. Beijar o Príncipe Encantado fazia isso com uma pessoa.

Como se a noite já não estivesse espetacular o suficiente.

Ela nunca se esqueceria daquele momento, a música que estava tocando, do modo como o sentia gemer, embora não pudesse ouvi-lo. Era atordoante, todos os segundos, e sua esperança de que aquilo fosse mais do que apenas um favor foi de “não se atreva a pensar nisso” a deixar a ideia assentar completamente.

Charlie se afastou, mas não muito longe.

– Por mais que eu quisesse ficar aqui, tenho que trabalhar. Devo avisar, as pessoas que vamos encontrar agora não vão prestar a devida atenção em você. Elas estão trabalhando também.

– Não me importo – disse ela com sinceridade. Não esperava nada daquela multidão. O mesmo não poderia ser dito sobre Charlie. Bree precisava parar de tocar a própria boca como uma adolescente apaixonadinha, mas Deus, ele tinha lábios maravilhosos. Não importava de qual ângulo ela avaliasse, não havia nenhum motivo para ele tê-la beijado, nenhum, exceto a vontade. E lá se foi o fôlego dela, e qualquer esperança de caminhar sobre os joelhos vacilantes.

– Com um salão desse tamanho, vai levar algumas horas. Certifique-se de que vai comer em algum momento. Não vou conseguir cuidar de você com a dedicação que gostaria, e não queremos que você desmaie de fome. Pegue as coisas quando puder, ou se esgueire até o bufê. Estarei com meu celular, então vou saber se você ligar, aí encontraremos um ao outro.

Ela assentiu.

– Vá. Trabalhe. Faça sua mágica. Eu gostei de ler suas postagens sobre a Semana de Moda. Você sempre me fazia sentir como se eu estivesse lá.

– Sério?

– Bem, agora que estou aqui, não exatamente, mas mais do que o suficiente. Não conte a ninguém, mas gosto mais dos seus textos do que dos da revista *W*.

Ele sorriu.

– Agora é você que está apenas sendo gentil.

– Não. – Bree fez uma cruz com os dedos sobre o peito. – Falo totalmente sério.

– Vamos lá então. Vamos conhecer algumas pessoas famosas.

Bree ficou tentada a puxá-lo para mais um beijo, para certificar-se de que tinha sido real, mas não se atreveu. Embora fosse difícil não imaginar como seria atravessar o saguão do prédio dele e subir no elevador. Antes de se deixar levar por suas noções tolas, ela se lembrou, de maneira muito espetacular, do que estava fazendo agora. Um carregamento repleto de símbolos icônicos tinha ganhado vida.

Bree sentia-se como um cidadão de Lilliput em um mundo cheio de Gullivers conforme Charlie a guiava. Ele a pôs entre mesas, esculturas de gelo pingando e rolhas estourando, e sempre, sempre a intrusão das câmeras. Ao redor do perímetro da festa, diversos programas de fofocas de celebridades marcavam território, e a iluminação das câmeras estourava no branco da tenda, fazendo a arena inteira brilhar.

Andavam dois, talvez três passos, então paravam perto quando mais uma celebridade, e cada uma era uma surpresa, se aproximava de Charlie. Curiosamente, nenhuma das figuras familiares parecia muito certa. Ou eram melhores, ou mais baixas, ou mais magras ou mais loiras do que pareciam nas páginas da revista *People* ou na TV.

Bree era boa com maquiagem. De verdade. Ela fizera questão de aprender as técnicas corretas em uma escola de beleza perto de sua faculdade, mas havia um elemento mágico nos rostos que passavam. E as roupas...

Ela havia navegado por algumas das boutiques top de linha em Manhattan. Dolce & Gabbana é claro, mas algumas casas de alta-costura também, com seus ternos e vestidos elegantemente trabalhados, sem se atrever a tocá-los, pois cada botão ou zíper valia mais do que tudo que ela possuía ou viria a possuir nos próximos anos. Agora que ela via aquelas criações em movimento, era poesia pura. Não havia como chamar de outra coisa senão arte. O estilo de cada estilista era tão único quanto um Picasso ou um Rembrandt. Bree sentia-se humilde. E com vontade de tocá-los.

Mas, em vez de tocar os vestidos de 50 mil, ela pegou alguns petiscos. Camarões, sushi e filé mignon, tudo com um guardanapinho e pinceladas de molho aioli. Se ela não fosse uma adulta em pé ao lado de pessoas famosas, não teria parado de enfiá-los na boca, porque estavam *fantásticos*. O champanhe estava gelado, e ela deveria voltar para o suco de abacaxi, porque mesmo depois de comer, ela estava começando a ficar tontinha.

Bree se virou para Charlie, só que ele não estava lá. Não onde ela o havia deixado, mas aquilo tinha sido antes de ela seguir a bandeja de sushis, droga. Ela deu uma volta completa em torno de si, pausando quando via amontoados de celebridades, e isso a fez rir, porque certamente

amontoados não era o coletivo adequado. Qual era? Uma cavalgada de celebridades? Uma confraria? Um conjunto? Não, uma *superficialidade* de celebridades. Ah.

Bree pegou o celular, verificou o número de Charlie e digitou:

Você não está aqui.

Ele poderia estar em qualquer lugar, por isso não ia fazer mal dar uma voltinha. Talvez pegar uma garrafa de água. O celular dela iria vibrar quando ele mandasse uma mensagem, e enquanto isso ela poderia treinar sua expressão “Não sou daquela roça chamada Hicksville” enquanto arfava para si.

Onde você está? CW

Ao lado de uma das gêmeas Olsen. Não tenho certeza de qual delas. Não importa.

Não consigo encontrar vc através da gêmea Olsen. Algo mais estável por favor?
CW

Ah. Stella McCartney discursando para um monte de gente.

Perfeito. Mas não posso sair ainda. Dez min. CW

Com quem vc está? Deixa pra lá. Vc tá ocupado.

Bree baixou o telefone, mas ele apitou.

3 pessoas q querem sucesso. 2 q vão fazer sucesso. 0 divertidas como vc. CW

Ela corou com prazer, mesmo que fosse só uma frase boba, nada mais, e ainda assim nunca deletaria o torpedo.



No segundo que pressionou a tecla enviar, Bree entrou em pânico. Era um coraçãozinho. Ela

quis dizer que ele estava sendo gentil. Não... ah, droga, provavelmente ele ia achar que...

Hum. Eu quis dizer obrigada.



CW

Ela expirou, ainda apavorada o suficiente para mal conseguir olhar para a outra gêmea Olsen. Trocou os contatos e mandou outro torpedo:

Rebecca, eu estraguei tudo.

Como?

Mandei I ♥ pra ele

???

MANDEI I ♥ PRA ELE!!!!

Não esquentar. Ele não vai ligar.

Mas...

Shhh. Confie em mim e sorria.

O celular apitou por causa de mais uma mensagem. Charlie.

Fique perto da Stella. Chego em 2 min. CW

Bree resolveu acreditar em Rebecca e sorrir. Então reduziu um pouco o tom do sorriso, indo de 11 para um módico cinco. Seu coração, no entanto, não estava sendo tão cooperativo. Foi um erro bobo, só isso. Nem mesmo um erro. Um coraçãozinho não precisava ser tão significativo. Ela usava com suas amigas o tempo todo, e elas não ficavam achando que era uma declaração

de amor eterno.

Estava tensa, só isso. A atmosfera, o encontro em si. As gêmeas *Olsen*.

E o que vinha a seguir. O que *poderia* vir a seguir.

Como uma prévia, o beijo erguera uma grande promessa. Ela gostara de Charlie mais do que tinha esperado gostar, e ele a beijou, então ele não a achava repulsiva ou coisa assim, de modo que aquilo era um ponto a seu favor. Sinceramente? Estava igualmente ansiosa de um jeito bom e insanamente ansiosa de um jeito ruim sobre ficar a sós com ele. Mas a primeira vez, a única vez, com alguém era sempre assustadora. Muito potencial para a catástrofe. O coraçãozinho era nada comparado a todas as coisas que poderiam dar errado.

Bree já tivera seu quinhão de erros no quarto. E só de lembrar ficava corada. Mas agora não era o momento para remoer sobre erros cometidos na aprendizagem dos prós e contras, por assim dizer, de sexo com caras relativamente desconhecidos. Era o momento de procurar por Charlie, agradecer cada minuto por estar ali, naquele salão fenomenal, com um sujeito que fazia os mamilos dela enrijecerem voluntariamente ou não.

Não havia nenhuma gêmea perto dela agora, mas a srta. McCartney estava com uma multidão muito grande e entusiasmada ao seu redor, e era fácil perceber o porquê. Embora Bree não fosse capaz de ouvir a estilista, ou até mesmo de enxergar bem seu rosto, as pessoas ao alcance dela estavam sorrindo. Não o tipo de sorriso que causava arrepios, mas o tipo que rejuvenesceia e era divertido de se espreitar. Mas daí havia Charlie, e o sorriso dele....

Deus.

Era uma coisa. Se fosse falso, ela aceitaria mesmo assim, sem questionar, como muitas outras coisas genuínas na vida. De algum modo, no entanto, ela não achava que era falso. Não importava, sorriria de volta, completamente sincera. Não era que ele era o homem mais bonito que ela já vira. Havia uma boa quantidade ali esta noite que ficaria melhor em uma capa de revista. Claro, eram modelos, então isso fazia sentido. O charme de Charlie estava na veracidade de seu rosto. Havia rugas, pequenas, as quais teriam sido retocadas em uma capa de revista, mas Bree gostava delas. Conferiam personalidade a ele e o faziam parecer tão cortês quanto era de fato. Eram rugas de sorriso, o que era sempre um bom sinal. Principalmente no Rei de Manhattan.

Ela gostava do fato de ele ter 31 anos. Homens na faixa dos 20 anos eram... problemáticos. Tá, está bem, ela estava na casa dos 20 e era capaz de listar de todas as coisas que desejava que fossem diferentes, então nada de atirar pedras no telhado alheio, mas homens costumavam demorar mais a amadurecer em relação às mulheres, isso era fato. Charlie parecia ser um amante maravilhoso, imaginou ela quando o encontrou a meio do caminho para a mesa de sobremesas. Aquele beijo tinha sido um tira-gosto. A refeição seria o paraíso.

– Você parece relativamente incólume – comentou Charlie. – Estou chocado.

– Por quê?

– Achei que todos os héteros daqui estariam em cima de você.

– Pare.

– Nem uma fila – disse ele. – Estou falando sério. Estou surpreso. Corri. Embora ache que você seria capaz de cuidar de si.

– Baseado em quê?

– Em tudo que tenho visto até agora. Você e Mick Jagger, por exemplo. – Charlie passou a mão no coccix dela. – O que você gostaria de ver agora?

Bree encontrou o olhar dele.

– A vista daqui já está boa.

Ele suspirou, e como houve uma pausa momentânea na música, ela ouviu. A música ao vivo tinha parado há algum tempo, e agora estavam reproduzindo um som mecânico... uma seleção excelente. Claro que havia um grande DJ em uma festa como aquela.

– Vamos fazer o seguinte. Vamos fazer mais um circuito. Prometo não arrastá-la para fora, não importa quem encontraremos, você está autorizada a ficar o tempo que quiser, em qualquer lugar que quiser.

– Uau. Isso é muito generoso.

– Estou me sentindo magnânimo. – Ele fez sinal com a cabeça para um garçom. – Suco de abacaxi? Champanhe? Docinhos?

Ela ergueu a água.

– Já tenho o que preciso.

Charlie a puxou para mais perto e eles começaram a procissão, e Bree realmente se sentia como uma princesa. Sua mão livre acabou em torno das costas de Charlie, e em algum ponto ao lado de uma grande escultura de gelo do *Davi* de Michelangelo um pouco desgastada, a cabeça dela se apoiou no ombro dele. Ela pensou em parar em uma infinidade de lugares por onde passaram, porque as chances de encontrar aquelas pessoas novamente eram nulas, mas nem mesmo Michael Kors em pessoa foi o suficiente para tirar Bree da magia de estar com Charlie, seu príncipe de apenas uma noite.

Capítulo 5

A LIMUSINE chegou, e graças a Deus, Charlie conhecia o motorista porque todas as limusines pareciam idênticas, exceto pelos radicais que gostavam de ostentar seus utilitários e seus Bentleys longos e deslumbrantes. Bree ficou contente por ver que o cavalheirismo não estava morto quando Charlie se posicionou para bloqueá-la e lhe oferecer segurança enquanto ela sentava-se no banco de trás. Quando ele sentou-se logo depois dela, puxou-a para si, o braço em volta dos ombros.

– Foi incrível – disse ela, esfregando as mãos na tentativa de se aquecer.

– Foi. Todo mundo compareceu esta noite.

– Eu ainda estou tentando absorver os acontecimentos, acreditar que não foi um sonho.

– Não. Vai ter um monte de fotos e vídeos no *Naked New York* esta noite. Vou garantir cópias para você, o que acha?

Bree olhou para ele, espantada.

– Sério? De tudo?

– Sim. Gravado num CD, assim você pode usar um editor de imagem em quem quiser. Só me faça um favor: não publique nada. Isso pode complicar as coisas.

– Não vou fazer isso, eu juro. Não a parte do editor de imagem... isso eu vou fazer. E vou economizar cada centavo até poder comprar uma impressora colorida, mas juro que não vou publicar. Não vou abusar do privilégio.

– Não estou preocupado.

Ela não conseguia parar de olhar para ele.

– Como pode não ficar? Você não me conhece. Eu poderia ser qualquer um. Uma concorrente. Eu poderia trabalhar para Perez Hilton ou para o Gawker, e o que isso causaria a você?

– Mas você não trabalha. Porque Rebecca gosta de você.

– Ela também quase não me conhece.

– Rebecca tem instintos excelentes sobre as pessoas. Vai ser bom para você ser amiga dela. Não diga a ela que eu falei isso, mas ela é muito, muito inteligente. A mais inteligente da família, e olha que temos alguns juizes federais em nosso clã, além de um bando de políticos.

– Falando nisso, ultimamente eu tenho visto todos esses cartazes pedindo votos para Andrew Winslow III. Nem pensei nisso, mas vocês são parentes?

A expressão de Charlie azedou.

– Começou... ele é um primo. Um do qual não gosto muito, embora eu não goste da maioria deles. Rebecca é a exceção.

Interessante o desgosto dele pela família. Tão diferente da experiência de Bree. E triste também. Ela não sabia o que faria sem o apoio da família. Melhor voltar a falar da parente que

ele gostava:

– Estou adorando a amizade até agora. Rebecca é absurdamente engraçada. E ela conhece a cidade do jeito que eu gostaria de conhecer um dia. Todos os lugarezinhos e segredos.

– Por que Nova York? – questionou ele.

– Tudo começou com o prédio da Chrysler – disse ela. – Amo *art déco*, embora não soubesse o que era *art déco* quando vi fotos do prédio pela primeira vez. Então descobri a moda, aí o teatro e tudo o mais que estava disponível aqui, algo incrível em todas as ruas. Eu me apaixonei por esta cidade, mesmo antes de pisar aqui. E sim, graças a Woody Allen, descobri uma partitura de George Gershwin. Acho que devo ter morado aqui em outra vida. Não que eu necessariamente acredite em reencarnação, mas, se for verdade, então eu vivi aqui. Este é meu lar.

– Este lugar tem uma pulsação que ou está em sincronia com seu ritmo, ou não. Percebo sua ausência sempre que viajo. Se você é um dos escolhidos, Manhattan se torna seu lar, e toda vez que você retorna, é como se você finalmente pudesse respirar de novo. Para mim, pelo menos, é assim.

Bree sorriu para ele, como se eles tivessem compartilhado um aperto de mão secreto. Ela presumia que o tivessem feito de fato. Então inclinou-se, a cabeça descansando suavemente no ombro de Charlie.

– Obrigada, Charlie. A noite de hoje entrou para a história.

Charlie fechou os olhos ao mesmo tempo que a puxava para mais perto. Ele concordava com a opinião sobre aquela noite. Não tinha sido fácil deixar Bree enquanto ele trabalhava, e quando algo parecido havia lhe acontecido? Ele não conseguia se lembrar.

Não que Charlie não tivesse gostado das mulheres com quem saíra... ele gostou, sim. Gostava de mulheres de todos os tipos, mas tinha algumas preferências fortes, não ia negar. Ele não saía com elas visando apenas a própria diversão, afinal de contas. Sua imagem era parte da marca *Naked New York*, bem como as mulheres com quem ele era visto. Algumas eram melhores do que outras. Havia as que conseguiam conversar, outras eram incapazes de formar duas frases coerentes, mas, como mulheres, elas eram um tipo.

Bree não chegava nem perto desse estilo.

Até agora ela o havia surpreendido em quase todos os aspectos, no entanto, conforme vasculhava através de todo o resplendor, ele tentava se lembrar da última vez que tinha existido alguma surpresa na mistura. Escândalos eram esperados nos dias de hoje, com roteiro ou não. Diabos, escândalos eram o ponto principal, fossem causados por celebridades ou por si mesmo. Festas eram apenas pretextos para ser visto ou ouvido ou fotografado. Tudo era farinha do mesmo saco, e ele era tanto o trigo quanto o moinho. Surpresas? Raramente.

Ele queria saber mais sobre a mulher que aquecia a lateral de seu corpo, que também era rara, pelo menos naquela circunstância. Charlie sempre estivera interessado em pessoas. Por isso começara o blog para início de conversa. Bem, por isso e para acabar com os planos horrorosos de seus pais para ele. Ele queria saber mais detalhes sobre Bree. As minúcias da vida da qual ela havia aberto mão para estar aqui, quem esperava se tornar. Algo a ver com a moda, obviamente. Será que aquele vestido dela era um modelo novo? Tinha sido projetado para se destacar? Charlie podia conviver com a alta-costura muito mais do que uma pessoa normal deveria, mas isso não significava que ele era um membro do ramo. Até onde sabia, o vestido de Bree era bonito. Ele

destacava as formas dela, a aparência da pele, as curvas e a pele macia das coxas. Ele gostava. Mas era moda? Ele não fazia ideia.

Por outro lado, talvez ele não quisesse saber mais. Ele dificilmente a veria novamente, mesmo com ela sendo amiga de Rebecca. O calendário social de Charlie girava em função da necessidade, não de seus desejos, e por mais que ele tivesse gostado de Bree... qual era o sobrenome dela? Ela não estava na pauta do dia. Não podia estar. O que quer que tivesse motivado Rebecca a armar este encontro, não era para se tornar sério. Charlie soubera disso no momento em que ele pusera os olhos na garota de Ohio. Mas ele não estava arrependido pelo tempo passado com ela. Ela fizera a noite dele.

Bree ficara absolutamente faiscante pelo modo como o evento a deslumbrara. Ele tinha que lhe dar crédito; ela lidara com a situação lindamente diante de tantos desafios, mas, mesmo assim, não escondera sua empolgação. Era provável que ela não tivesse noção de como se comportara. Charlie tinha a sensação de que ela ficaria incomodada se soubesse que havia se iluminado como um letreiro toda vez que via alguém famoso. A fã ideal, na verdade. Nenhum grito ou agitação ou “Ai, meus Deus”. Só aquela luz interior, a centelha nos olhos, o jeito tímido e encantador como mordida o lábio quando a emoção era demais.

Ele a sorveu, contente porque os perfumes da noite não a tinham dominado. Outra surpresa veio quando ele percebeu que passou todo o trajeto acariciando-a. Passando a mão no braço dela. Assim que o carro parou, Bree estava praticamente ronronando e, pelo seu olhar, exausta. Provavelmente por causa da queda da adrenalina.

Ela sentou-se, olhou para o edifício, depois de volta para ele.

– Então, terminamos por aqui?

O *sim* estava na ponta da língua dele. Mas, em vez disso, ele falou:

– Só se você quiser que termine.

Bree ergueu as sobrancelhas, bem como os cantos da boca, mas um segundo depois, hesitou e foi tomada pela preocupação.

– Você não precisa. Quer dizer, isso foi...

– Você tem que trabalhar amanhã?

Ela balançou a cabeça com pesar.

Charlie fez uma pausa de um segundo.

– Você quer subir mesmo assim?

BREE SE perguntou se estava interpretando a situação corretamente. Ela respirou fundo quando se lembrou do beijo dele, do jeito como ele a tocou. Se estivessem em Ohio, ela saberia exatamente o que ele queria. Em Nova York? Ela teria que assumir o risco.

– Quero – respondeu, esperando ter soado muito mais confiante do que se sentia. Ela iria subir até o apartamento dele. Para o quarto dele! Talvez!

Charlie a ajudou a sair da limusine e passou o braço ao redor de seus ombros enquanto ela agradecia ao motorista. Ambos cumprimentaram o porteiro meneando a cabeça, mas nada foi dito enquanto Bree e Charlie cruzavam o saguão, o braço dele nas costas dela, seu toque cálido.

Ficaram em silêncio enquanto o elevador subia. Ela estava encaixada na lateral dele, cuidadosamente instalada. Era incrível ser abraçada por ele, ser aquecida por uma fricção suave.

Ela o avaliou na cabine espelhada, mas só chegou até os olhos, que a encaravam também.

Eles desceram no décimo oitavo andar e as portas se abriram para um pequeno átrio à entrada da casa dele. Charlie abriu a porta e ficou de lado para deixar Bree entrar primeiro.

Mesmo depois de ler a *Architectural Digest* durante anos, e assistido sobre a vida das pessoas ricas em reality shows, ela não estava preparada para a beleza e a elegância da sala quando adentrou.

– Isso é... – disse ela, dirigindo-se diretamente para as janelas que compunham a maior parte da parede oposta. A vista era espetacular, o Central Park em toda sua glória invernal, as reluzentes luzes da cidade.

Bree queria verificar o mobiliário, o lindo trabalho de design em *art déco* do piso em preto e branco, a magnífica lareira de mármore e a pura novidade de ver tanto espaço para circular. Mas ela não conseguia parar de olhar para a cidade. Dezoito andares acima, a vista deslumbrante cobria uma distância muito grande para se absorver, não quando havia tantas outras coisas nas quais se pensar. Porém, ela podia vir a ter outra chance, ou não. Que diabos, ela poderia ir a qualquer arranha-céu em Manhattan para conferir a vista, mas Charlie era uma oportunidade única.

Charlie falou atrás dela:

– Gostaria de beber alguma coisa?

Ela se virou para ele, não muito segura, mas sabia que estava com sede.

– Chá? Se você tiver.

A hesitação dele fez Bree considerar que seu pedido não correspondia a algo que ele costumava ter em sua despensa.

– Acho que sim – disse ele. – Dê-me um minuto. Fique à vontade.

Charlie largou o casaco nas costas de uma poltrona antes de desaparecer na cozinha. O pequeno vislumbre que Bree teve através da porta vai e vem mostrou um monte de aço inoxidável e possivelmente a beiradinha de um armário de madeira teca. Estranho ele não ter dito que compartilhavam a mesma paixão quando ela mencionara seu amor pelo *art déco*. Ou talvez o apartamento dele fosse obra de um decorador?

A coisa estranha sobre a tangente mental dela sobre a decoração não era a coincidência de gostos, mas sua reação a Charlie. Ela estava fascinada por ele, além do óbvio. O que demandava a pergunta: será que teria concordado em subir se ele fosse qualquer outra pessoa? Ela estava sinceramente atraída por ele, tal quanto seus hormônios a teriam feito acreditar, ou foi a *ideia* de Charlie Winslow que a deixava louca para se despir para ele e fazer com ele todas as coisas safadinhas nas quais ela conseguia pensar?

Ela abriu a bolsa e pegou furtivamente o cartão de troca de Charlie. Depois de uma rápida conferida para certificar-se de que ele não iria flagrá-la no ato, virou o cartão para ler o verso:

* Restaurante favorito: *Grand Central Oyster Bar*.

* Casamento, encontro ou de uma noite apenas: *uma noite apenas é o seu máximo, mas vai ser uma noite fabulosa!*

* Paixão secreta: *no fundo ele é antiquado. Eu sei, surpreendente, hein?*

* Cuidado com: *o idiota é obcecado por trabalho. Ele precisa de uma folga.*

* Conselho final: *divirta-se! Basta ser você mesma!*

Bree sorriu diante das respostas personalizadas de Rebecca. Aquele era um cartão que não iria retornar para a pilha, com certeza. Não, aquele era um presente de Rebecca para Bree, e Bree não iria permitir que sua insegurança se tornasse um obstáculo para o restante da noite mágica.

Ela virou o cartão de novo para ver a foto. Objetivamente, ele era um homem bonito. A beleza de Charlie estava bem documentada em revistas, na televisão e na internet. Mas ela estava completamente atraída por ele de uma forma que não tinha a ver exclusivamente com a aparência.

Sabia o que sentia. Houve momentos na faculdade e ali em Nova York nos quais tinha gostado da aparência de um homem e simplesmente corrido atrás. E tinham sido bons momentos do ponto de vista hedonista, mas não era algo que Bree fazia com frequência. Mas ela precisava avaliar por que ela estava ficando ali, presumindo que não era apenas para beber o chá. Seu coração acelerado era coisa de uma fã ensandecida ou reflexo de um desejo comum, rotineiro... será que isso importava mesmo?

A resposta foi tão instantânea quanto física. Ela o desejava de uma forma incomum e nada rotineira. Desejaria-o mesmo que Charlie não fosse o rei de Manhattan. Ele tinha sido uma surpresa. Agradável. Cativante. E compartilhava boatos privilegiados com ela propositalmente para que Bree pudesse sentir-se menos como uma impostora tentando entrar no palácio. Ele a procurou, e riu de suas piadas, e a aqueceu. E aquele beijo foi...

Bem, ela precisava ficar alerta esta noite, só isso. Se terminasse na cama, o que não era uma coisa certa já que parecia haver um mundo totalmente diferente de sinais e insinuações dos quais ela não estava ciente naquele ar rarefeito dele, mas se os sinais fossem reais, teria de ser cuidadosa.

O jeito como Charlie a fazia se sentir, *isso* podia ser perigoso. Essa era a diferença. Os outros caras, ambos, tinham sido divertidos nessa coisa empolgante e arriscada, quando você já tomou todas as precauções e então não está exatamente com medo, mas ele era novo, e se fosse terrível na cama, ou se seu órgão fosse minúsculo, ou se quisesse usar a calcinha dela?

Charlie podia ter todos esses problemas, mas isso não era perigoso. O verdadeiro medo de Bree era que ela pudesse *gostar* dele. O tipo de gostar que não significava nada além de problemas. Gostar de um cara não era parte de seu plano de cinco anos. Na verdade, ele era a antítese do plano de cinco anos, a única coisa capaz de transformar até mesmo aquele golpe inacreditável de sorte em um desastre de proporções épicas.

Depois de enfiar o cartão de volta na carteira fininha, Bree apoiou o quadril no braço de um lindo sofá de couro branco. Ela continuou a esperar, se perguntando por que Charlie estava demorando tanto. Quando o olhar dela atravessou a paisagem da cidade, lembrou-se de Susan. Ambas tinham sido colegas da faculdade quando Bree era caloura, e elas se deram bem desde o primeiro dia. Susan resolveu estudar Política. Já havia estudado Direito e tinha escolhido três faculdades para se inscrever; na verdade, fora Susan quem mostrara a Bree a sabedoria e o poder do plano de cinco anos. Susan tinha sido brilhante. Memória formidável juntamente a uma mente sagaz e uma presença poderosa. Era fácil pensar nela como uma senadora em potencial

ou até mesmo presidente.

E então apareceu Nick.

Susan foi se apaixonando lentamente. Gradativamente. Mas daí ela se apaixonara tão intensamente, que saiu totalmente do rumo em relação aos seus planos. Fora para a faculdade de Direito, sim, mas para a Universidade da Califórnia, só por causa de Nick. Susan tinha sido aprovada em Yale e em Harvard, mas ela estava apaixonada. Bree fora dama de honra em seu casamento, e as duas mantiveram contato pela internet, e agora Susan tinha um bebê, e era dona de casa, e tudo bem. Claro que era bom. Mas não era o sonho.

Se só tivesse ocorrido com Susan, Bree não teria dado tanta atenção. No entanto, não foi. Quase todos os amigos da época da escola e dos primeiros anos da faculdade, ou melhor, todas as amigas, de algum modo, arruinaram seus sonhos por causa do amor. A experiência de Bree podia até ser uma anomalia estatística, mas era muito assustadora.

Bree não tinha nada contra relacionamentos, mas isso ficaria para mais tarde. Ela nem sequer vislumbrava o casamento antes dos 30, e possivelmente até além disso. Nada de ter filhos enquanto estivesse em seus 20 anos. Ela nem mesmo tinha certeza se queria ter filhos. Não era algo com o qual precisava se preocupar no momento, graças a Deus, mas gostar de Charlie? Isso era uma possibilidade distinta.

Claro, ele gostar dela também era altamente improvável. No mesmo nível de ganhar na loteria. O que era pior em alguns aspectos, porque apesar de ter sido uma noite, e de Bree ter uma leve quedinha por ele, havia todas as razões para acreditar que poderia haver faíscas no quarto. Seria tão típico de Bree se flagrar encantada por Charlie, só para depois desabar em um ataque de saudades e paralisia apaixonada pelo tempo necessário para superar aquilo. Isso também não seria bom para o plano.

Aquela decisão sobre fazer sexo estava sendo mais complicada do que ela imaginara. Graças a Bree ela não havia se rendido a mais doses de champanhe.

Bree não estava usando relógio, mas Charlie realmente tinha saído há muito tempo. Ela se ergueu do sofá e foi em direção à cozinha, esperançosa de que não houvesse nenhum problema. Dois passos depois e a porta se abriu, e Charlie entrou carregando uma bandeja de prata. Em cima dela havia bule, um bule de chá de verdade, feito de porcelana fina, decorado com flores e videiras. Havia xícaras combinando, duas, e pires, também dois. Uma tigelinha de creme, uma tigela com pacotes de açúcar, *pinças de chá*, rodela de limão, um coador, e ela precisou se aproximar para ver que as latas continham diferentes variedades de chá. Ela olhou para Charlie, e ele retribuiu o olhar. Foi um... momento.

Parte dela queria rir, mas uma maior queria saber... *o que diabos?*

– Aparentemente, eu tenho um serviço de chá completo – disse ele, em voz baixa e perversamente inexpressiva. – Eu nunca soube disso. Não cozinho muito, e tenho gente para limpar minha cozinha. Mas pensei, por que não? Pode ser que ninguém nunca mais peça chá de novo.

– Estou vendo... ah, esse aqui não é chá. São biscoitos?

– Biscoitinhos ingleses – disse ele. – Frescos, de acordo com o pacote. – Ele colocou a bandeja na mesinha de centro depois que ela correu para tirar algumas revistas dali. – Meu palpite é que a minha faxineira é aficionada por chá. Ela vem três vezes por semana, e eu não presto atenção

aos seus hábitos de lanche. Faz sentido, no entanto. Ela enche a geladeira. O jogo de chá se parece com algo que minha mãe teria, e espera que eu tenha também.

– E cá estava eu pensando em uma caneca e um saquinho de chá barato. Mas isso serve.

– Serve, não é?

Bree assentiu.

– Tantos tipos diferentes – disse ela, investigando atentamente. Havia camomila, chá verde, chá preto e um outro do qual ela nunca tinha ouvido falar. Ela apontou para ele.

– Devo preparar?

– Vá em frente.

Bree estava muito feliz por estar acostumada a chá a granel enquanto colocava as folhas em água quente, deixando-as em infusão a seguir. Ela usou a pinça para colocar dois torrões de açúcar em sua xícara, serviu um pouco de leite e esperou nervosamente, quando percebeu o quão perto eles estavam juntos no sofá.

Aquilo era diferente de ter o braço dele ao redor dela na festa ou mesmo ficar sentada grudadinha nele na limusine. Agora havia um quarto envolvido, a poucos passos de distância.

Ela poderia optar por uma dentre estas duas abordagens no minuto seguinte: falar da decoração e ficar se perguntando o que iria acontecer até ele fazer algo óbvio, ou assumir uma postura de mulher adulta e perguntar se eles iam dividir algo mais do que chá.

– Então – disse ela – você gosta de *art déco*.

Charlie olhou para ela, seu próprio torrão de açúcar na pinça, pairando acima da xícara.

– Sim. Gosto.

Mal conseguiu escutá-lo por causa dos xingamentos ressoando na própria cabeça, o que francamente não era muito agradável. Ela não era uma covarde e odiava pensar que o era, mas a única maneira de provar que possuía *cojones* era fazendo jus a eles.

– O apartamento é todo no estilo *art déco*? – perguntou, tentando ser sensualmente recatada em vez de assustadoramente dura. – Seu quarto, por exemplo?

Bree fez uma careta. Não conseguiu evitar. Uma garota de 15 anos teria se saído melhor.

O açúcar caiu na xícara com um baque suave e Charlie sorriu.

– Você gostaria de vê-lo? Depois do chá, talvez...

Bree assentiu, então se ocupou em coar as folhas e servir-se. Ela concluiu que já tinha dito o suficiente, mas Charlie não se apressou para preencher o silêncio. Deve tê-la visto olhando pela janela; ela não sabia ao certo porque não se atreveu a olhar para cima. Já era o suficiente desejar ter firmeza nas mãos e calma e compostura nos pensamentos. Algo tinha acontecido nos últimos segundos; talvez fosse o jeito como a voz dele baixara, e como o murmúrio rouco deslizou na pele de Bree como uma promessa vibrante e tépida... ela não fazia ideia do que era.

Não, ele definitivamente estava concentrado nela, concluiu Bree quando o peso do olhar dele pareceu agitar o ar ao redor. Ela podia de fato senti-lo observando-na, aguardando, sem perder nada. Bree colocou a chaleira na mesa, pegou a xícara e bebeu um gole, sentindo mais o calor do que o sabor quando o silêncio se prolongou entre eles. O elemento de surrealidade, como as pinças de prata e o fato de ser duas da madrugada, deixava o tempo mais trêmulo e lento. Bebericou mais uma vez, a xícara delicada incitando-a a levantar o dedinho.

Ela finalmente olhou por cima da xícara e viu que Charlie estava, de fato, encarando-a.

Também levou a xícara aos lábios, bebeu em silêncio, a mão grande e os dedos longos, os olhos fixos em cima dela o tempo todo, nunca vacilando.

Bree estava totalmente ciente de que ele poderia ter fitado seus seios empinados por causa do sutiã especial ou as coxas descobertas. Se o tivesse feito, Charlie teria notado os tremores intermitentes, a pele que, Bree tinha certeza, não estava rosada apenas nas bochechas, mas também nas pontas das orelhas.

Aquele olhar era insuportavelmente sexy, com olhos escuros tão grandes, sem piscar. Como se ele pudesse enxergar mais do que ela queria.

Conforme cada segundo passava, o calor se intensificava, até que Bree não aguentou mais. Ela piscou.

– O chá está gostoso – disse ela surpresa, com a voz firme.

Ele lambeu o lábio inferior com a pontinha da língua; só uma leve pincelada, apenas o suficiente para a luz captar a umidade ali.

– Embora eu não faça ideia do ingrediente principal deste aqui. Tem gosto de... chá.

Ele baixou sua xícara.

– Tenho uma janela no meu quarto – disse ele, a voz ainda suave e grave atravessando-a como um trovão distante. – Quero tirar seu vestido lentamente. Deixar deslizar pelo seu corpo. Durante horas fiquei me perguntando o que há embaixo dele. Meu palpite é: preto, talvez rendas, talvez seda, mas definitivamente preto. Você vai ficar incrível perto da janela com as luzes da cidade como pano de fundo.

Bree quase deixou sua xícara cair, desajeitada e inábil quando uma onda de calor úmido fluiu por ela. E estivera tão composta. Completamente calma, racional e avaliando as coisas. E então ele tinha que vir e dizer *aquilo*.

Ela estava oficialmente em outro plano de existência, porque não havia ninguém no mundo que conhecia capaz de dizer aquelas palavras naquele tom, com aquele olhar. Se já não soubesse, ela teria pensado que havia alguém sentado atrás dela, algum modelo ou atriz, ou praticamente qualquer pessoa que não fosse Bree Kingston.

– Bree? – O sorriso de Charlie era lento e controlado enquanto ela hesitava.

Deus, *por que* ela estava hesitando? Mais alguns segundos e talvez conseguisse fazer suas pernas obedecerem.

Charlie se levantou e estendeu a mão para ela. Com o coração dançando flamenco, a cabeça girando em uma nuvem de luxúria e esquisitice, ela se levantou, sem derramar chá, sem tropeçar ou emitir quaisquer sons infelizes.

Em vez de puxá-la para mais perto, Charlie entrou em seu espaço pessoal, e então a invadiu. O corpo dele a tocava do peito à coxa, e ele era quente e grande, e cheirava como se tivesse acabado de caminhar em uma floresta. Olhar para cima não era novidade para Bree, mas encontrando o olhar dele tão perto, sentir sua respiração adocicada pelo chá acariciando seus lábios era atordoante. Quando ele se abaixou, os olhos dela se fecharam no último segundo possível, e depois, e depois...

Capítulo 6

CHARLIE MUDOU de posição enquanto a beijava. Ele já estava excitado há um tempinho, desde que largara aquela bandeja de chá burlesca. Bree não fazia seu tipo, não havia nenhuma dúvida sobre isso, mas havia nela alguma coisa tão...

Alguma coisa.

Tão pequena. Não magra, era uma magreza onipresente, uma coisa a se superar, não para se desfrutar. Pelo menos o tipo de magreza ao qual ele estava acostumado. Bree era diminuta, delicada. Como ele, queria abraçá-la completamente, erguê-la e levá-la para sua cama. Isto era mais absurdo do que o serviço de chá, pois não havia nenhum traço romântico no corpo dele, e nem a bebida fora o suficiente para fazer sua imaginação voar para longe, no entanto, as mãos dele corriam pelo vestido preto, o qual tinha de ser retirado, abarcando os quadris e o traseiro dela.

Em vez de ceder à sua vontade, Charlie andou de ré, puxando-a consigo. Ele não precisava olhar, ainda não. Era uma linha reta até o corredor, onde então eles se virariam, em seguida iria por outra linha reta até o quarto.

Eles se beijavam e caminhavam num arrastar desajeitado. Ele a tocava sempre que podia, principalmente nos pontos desnudos, quentes e eriçados. Ele esperava que os arrepios fossem por causa dele, não por causa da temperatura. Optou por não perguntar.

O quarto era obscenamente grande para Manhattan, mas o prédio era da época pré-guerra e o local tinha sido expandido em uma reforma. Ele havia colocado um tapete de pelúcia ali para o próprio deleite, lençóis escandalosamente refinados, preservativos e garrafas de água perto da cama king-size. Bree rompeu com o beijo em um suspiro. Não por causa do luxo do cômodo, ela não o havia espiado ainda, mas para respirar. Para oferecer um sorriso.

Charlie acenou com a cabeça em direção à parede, as cortinas eletrônicas de todas as janelas estavam abertas para exibir a vista.

– Não – disse ele. – Eu quero você lá.

Ela se virou. O arfar não foi para tomar fôlego.

– Oh, é lindo.

– Perde a graça. – Ele pegou a mão de Bree e a guiou para mais perto das janelas, beijando-a novamente, esgueirando a língua entre os lábios enquanto seus dedos encontravam o zíper dela. Não ouvia nada além da respiração e da circulação sanguínea, mas continuou a baixar o zíper do vestido com a mão esquerda nas costas nuas até chegar ao fim. Tocou a faixa de elástico do cós da calcinha fio dental. O toque foi suficiente para fazer Charlie se afastar do calor maravilhoso da boca de Bree. Ele precisava ver aquilo.

O vestido caiu, formando uma poça aos pés dela, e foi melhor do que ele tinha imaginado. A calcinha não era preta, mas vermelha. Um tom de vermelho escuro, pequena. Vê-lo contra a

pele pálida deixou seu membro rijo, o desejo intenso.

Estranha, tão estranha a reação dele. Ela era bonita, realmente era, mas não de uma beleza escultural. Proporções perfeitas, mas não tão magras a ponto de não ter curvas e uma barriguinha que o fazia querer descansar a cabeça ali por uma semana. Deus, e os seios. Eram de dar água na boca, com aréolas rosa claras e mamilos pequenos e firmes, enrugados e à espera.

Bree saiu de seu vestido, e ah, que coisa. Ela nua, usando nada além de uma tanguinha cor de rubi e saltos altos. Impressionante, deliciosa... Deus do céu, a mulher estava a meio metro dele, disposta e ávida.

Charlie tirou as próprias roupas em um frenesi controlado, atirando tudo para os lados, em gestos multitarefa, retirando sapatos e meias, se aproximando de Bree enquanto abria o zíper, com a seda da cueca boxer farfalhando enquanto roçava seu pênis cheio de desejo.

Ele a beijou novamente, mas ela estava tremendo e com frio suficiente para ele se render à vontade absurda de tomá-la nos braços. Ela era um peso-pena de carne macia e arfares, e droga, Charlie devia ter puxado o edredom da cama. Bree riu dando uma bufada quando ele a pôs no chão, e juntos eles se livraram dos travesseiros extras e retiraram o edredom.

Charlie esperou, e quando ela se sentou e se abaixou para tirar os saltos, ele fez um barulho. Não foi um grito ou um gemido, mas algo parecido com ambos. Bree sorriu e levantou-se da cama. Havia um brilho perverso nas pupilas dilatadas de desejo dela, e quando se virou e ficou de quatro no colchão, Charlie fez outro barulho, mas este era um gemido, originado diretamente de sua masculinidade. Bree rastejou sobre a cama, rebolando num convite, mostrando-lhe lampejos em vermelho entre as coxas.

Quando ela chegou ao segundo travesseiro, exibiu-se para ele ao se deitar, sorrindo, corada e respirando com dificuldade enquanto posava. Colocando as mãos atrás de si, segurava a cabeceira feita com ripas de teca, com os cabelos escuros contrastando na franha branca. Bree levantou as pernas, uma inclinada sobre a outra, como uma pin-up dos anos 1940, como uma sereia, como um sonho.

Milagrosamente, Charlie não chegou ao ápice de imediato. Ele subiu na cama, devagar, e fechou os olhos antes de tocá-la. Porque, Deus.

Quando ele lambeu uma trilha pela parte interna da coxa de Bree, ela estremeceu de encontro à língua dele.

BREE PAROU de respirar quando a boca de Charlie avançou pela coxa. A pose sexy não era bem o estilo dela, mas esta noite ela não era a Bree de sempre. Felizmente as mãos dela estavam agarradas às ripas, ou ela teria flutuado até o teto. Queria apressar Charlie, o hálito quente provocando-a muito perto dos vincos onde as coxas encontravam a calcinha, mas sem exatamente chegar lá.

Ele pegou o tornozelo esquerdo dela, segurando a perna no ar enquanto a outra mão lhe alisava a coxa direita. Ela o observava, a excitação crescendo, porém estava complicado para Bree manter a cabeça naquele ângulo, com os travesseiros firmes amarrados de um modo meio desajeitado sob suas costas. Por mais que ela quisesse refestelar a cabeça para trás, manter os olhos fechados e soltar o grito preso na garganta, não conseguia fazer nada senão observá-lo, nu,

agachado na cama entre os joelhos dela. Sendo assim, ela só ficou observando, incitando-o a se movimentar, permitindo que aquela respiração quente se espreitasse furtivamente sob a pele sedosa, deixando que a língua acompanhasse.

Cada inspiração expandia o peito de Bree, então os seios, pequenos demais para seus mamilos pontiagudos, entraram no campo de visão dela. Quando Charlie olhou para cima, sorriu por compartilhar a mesma visão, porém de baixo. Certo, talvez os seios dela não fossem *tão* pequenos. Pelo jeito como Charlie gemia, sempre mantendo a língua na pele de Bree, ele parecia gostar deles. Muito.

Apesar do gemido, o sujeito teimoso se recusava a *acelerar*.

– Charlie – gemeu Bree quando levantou os quadris. Ele queria o que para ir além, um convite por escrito?

A risada baixinha dele marcou a frustração dela.

– Paciência – sussurrou ele, com a boca se movimentando para mais perto de onde ela necessitava. Mas em vez de usar a língua, ele roçou o nariz na fenda, afastando a calcinha. Ele inalou como se ela fosse um buquê de rosas e, ai, Deus, baixou o tornozelo dela enquanto seus dentes agarravam a seda. O puxão foi forte, mas não o suficiente para arrebentar a calcinha, só para arredar as coisas para o lado, para permitir a ela sentir o roçar do ar frio em sua carne nua.

Quando Bree soltou as ripas, as mãos doíam. Tinha certeza de que estavam marcadas com a pressão, mas não se importava. Era necessário tocar Charlie. Ela era mais baixa do que qualquer uma de suas amigas, mas a distância entre a cabeceira da cama e o corpo de Charlie pareceu se estender por quilômetros. No entanto, Bree chegou a ele sem esforço, tocando o cabelo escuro, macio, os dedos trilhando pelas têmporas.

Ele gemeu, a centímetros de mais uma dobra íntima. Então aquela língua astuta começou a explorar e o corpo de Bree arqueou com o choque.

A batalha contra o travesseiro mal posicionado foi perdida em um instante. Ela pendeu a cabeça para trás, os olhos fechados enquanto ele lambia, sugava e pincelava, até que Bree pôs uma perna pressionando o ombro dele e agarrou os cabelos de Charlie de um jeito que deve ter doído muito.

Ele não parou, nem quando ela choramingou, nem mesmo quando o nome dele virou um apelo compassivo nos lábios dela.

Bree chegou ao êxtase com um tranco, o corpo inteiro arqueando e um grito que começou grave e terminou tão agudo que apenas morcegos seriam capazes de ouvi-lo.

Charlie a segurou em meio aos tremores, beijando até o umbigo, rumo ao peito. Beijos suaves, beijos fortes, alguns molhados e obscenos, e outros castos e doces. Os dentes arranharam a pele dela, fazendo-a ofegar, no entanto as lambidas posteriores a acalmaram para um suspiro. Quando ele chegou aos seios, ficou ali por um tempo. Bree estremeceu, cada mordiscar e sugada nos mamilos sensíveis provocara tremores.

Ela correu as mãos pelos ombros de Charlie enquanto sussurrava o nome dele sem parar, puxando-o para mais perto. Mas o safado obstinado tinha outros planos. Charlie abandonou o mamilo com um longo toque da língua e encontrou o olhar de Bree, as pupilas mais dilatadas do que nunca. Os lábios dele estavam molhados com a umidade dela, e o sorriso estava a três passos além do estágio pecaminoso.

– Você precisa alcançar ali – disse ele, apontando para a mesinha de cabeceira. – Abra aquela gaveta.

– Vou abrir.

Charlie escancarou o sorriso e Bree sentiu a mão dele descendo furtivamente por sua barriga.

– Se você não se importa – disse ele, e ela pôde jurar que a voz dele baixou uma oitava.

– Charlie, o que você está fazendo?

– Eu não terminei – disse ele. – Então só vou me divertir até que você achar que vai preferir mais do que apenas dedos.

– Talvez eu tenha uma quedinha por dedos.

– Tudo bem – respondeu ele. Mas ele já estava se posicionando de joelhos até que Bree pudesse vê-lo. Ver seu membro muito, muito duro e pronto.

A mão que não estava acariciando a parte íntima de Bree, brincando no limite dos lábios, envolvia a ereção. Era caprichada e, aparentemente, ele sabia muito bem como usá-la.

Ela engoliu em seco e contraiu seus músculos quando ele percorreu o comprimento do membro até o brilho da lubrificação reluzir na ponta, uma gotinha de pré-ejaculação gotejando obscenamente.

Bree odiava a ideia de ter que desviar o olhar, mas não conseguia levitar. Ela encontrou o preservativo na mesinha rapidamente, abriu o pacote com os dedos trêmulos. Charlie fez as honras de vesti-lo, exibindo-se descaradamente, então se deitou em cima dela, apoiado nos cotovelos para não esmagá-la.

O beijo era puro sal e sexo, a língua de Charlie dando a ela uma prévia do que estava por vir. Abrindo-a, ele se esfregou para cima e para baixo entre os lábios, orientando-se instintivamente. Durante o tempo todo, ele a encarava com pupilas dilatadas, olhos semicerrados.

Quando ele investiu, o grito que Bree estava segurando ecoou além do quarto, deixando-a sem fôlego.

Tudo a partir de então foi preenchido e se transformou em excitação intensa. Crua e opressiva, cada estocada era seguida por um arfar desesperado dele, e dela.

Bree chegou ao clímax novamente. Espremendo-o no íntimo, puxando-o para si, mais apertado. Então ele congelou, com o rosto em uma máscara de intenso prazer.

Quando Charlie retornou do limite do êxtase, ele a beijou. Mais do que o encontro, mais do que o chá, mais do que tudo, o beijo revirou tudo. Longo, lento e profundo, que não foi um agradecimento ou exibicionismo, ou como qualquer outro beijo pós-sexo que ela já experimentara. Foi tão real quanto o céu noturno, e deixou Bree tão tonta quanto se tivesse afogado em um garrafão de champanhe.

Depois, enquanto ela recuperava o fôlego roubado, Charlie desabou sem qualquer graciosidade ao lado dela.

Ela ainda estava usando os sapatos de salto.

Quando ele se obrigou a se levantar da cama e ir ao banheiro, ela fechou os olhos, ainda atordoada e confusa.

– Feliz Dia dos Namorados, Bree – disse ela baixinho para ele não ouvir. – Uau.

ERAM 6H40. Charlie tinha olhado para o despertador às 6h38 e em seguida para Bree, ainda

dormindo, ainda com ele. Ele só conseguira enxergar parte do ombro nu e a parte de trás da cabeça dela. Agora ele estava olhando para o teto e tendo um ataque de pânico.

Nunca tivera um, mas o jeito como seu coração estava batendo devia ser um sinal. Como um teste, ele virou a cabeça para captar um vislumbre dela. *Que droga.* O que diabos ele tinha feito?

Na última vez que se sentira assim, não exatamente assim, mas da maneira mais similar que conseguia se lembrar, com uma vibração semelhante, fora aos 15 anos. Sua primeira vez. Ele estava na casa de Amy Johnson, na cama de dossel, com os pais dela a duas portas de distância no corredor. Ele era louco por Amy, louco dentro daquele conceito de amor aos 15 anos. O sexo tinha sido horrível, mas ele tinha conseguido afinal. Não conseguia imaginar o quão ruim tinha sido para Amy. Ele se sentia o rei dos garanhões; mesmo quando caiu de cara no chão ao fugir pela janela do quarto, considerou a noite um grande sucesso.

Ele certificou-se para que seus pais encontrassem um dos preservativos da caixinha. O ataque fulminante deles perante a inadequação do sexo com uma garota daquele tipo de família. Ela frequentava a escola pública e seu pai era dentista em uma clínica, tinha sido o acontecimento mais gratificante da vida de Charlie, até seus 16 anos e meio, quando ele descobriu as delícias das mulheres mais velhas e percebeu o quanto tinha a aprender.

Tais lições tinham sido um prazer sincero.

Mas ninguém e nada desde Amy tinha recapturado a alegria enlouquecedora daquela viagem inaugural. Até ontem à noite.

Independentemente do que tinham feito, Bree definitivamente era inocente. Ah. Tudo bem. Bree o fazia se lembrar de Amy. Não era motivo para pânico. A respiração dele provavelmente voltaria ao normal em breve. A noite anterior tinha sido uma reprise de uma grande noite. Só isso. A reação de Charlie nada tinha a ver com a mulher agradável em sua cama. Ele prepararia o café para ela, pagaria o táxi e fim.

Quanto mais cedo melhor. Ela precisava ir para o trabalho, e ele também.

Charlie congelou quando Bree se virou e eles se tocaram. A mão dele, a coxa dela. Estava quente, o lugar onde tinham chegado ao ápice juntos, e todo o progresso que ele tinha feito no quesito respiração foi para o inferno.

Por que ele estava ficando excitado de novo? Droga.

Charlie a imaginou naquela pose, com as mãos segurando na cabeceira da cama, os mamilos duros como seixos e aqueles sapatos de salto. Jesus. Ela cheirava a mel e tinha o sabor do oceano, e ele não ficava excitado daquele jeito há anos. Conteve um gemido quando imaginou o rosto dela no ato do clímax. Eis o resumo do problema. Ou ele deveria dizer prazer?

Obrigando sua mente a se concentrar, Charlie se recusou a validar qualquer reação abaixo da cintura. Se estivesse pensando com a cabeça de cima, e não com a de baixo, ele teria mandado Bree para casa ontem à noite. Assim que ela pediu chá. Chá? Sério mesmo? E então ele piorou tudo pegando a maldita prataria do jogo de chá. O que foi aquilo?

Dane-se sua excitação. Aquilo era ridículo. Ele estava a trabalho. A noite anterior tinha sido um favor para Rebecca, uma agradável surpresa para ele. Charlie não negava que Bree era fantástica na cama, mas isso não era relevante. Não importava. Não precisava de uma boa transa, precisava de vips, mulheres que atraíssem leitores para os blogs, material para fofocas. Ele precisava de Mia Cavendish e suas sócias, quanto mais fotogênicas e controversas, melhor.

Querira trending topics, render manchetes na coluna de fofocas do *New York Post*. Necessitava de receita publicitária e de infâmia.

Bree poderia levá-lo exatamente a nada disso.

BOM DEUS Todo-Poderoso, ela estava *muito encrencada*.

Como era possível que a melhor coisa de sua noite de Cinderela tivesse sido um casinho de uma noite com o rei de Manhattan?

Não é a limusine, não a fama de Charlie, nem as estrelas ou os vestidos, e nem mesmo conhecer seus estilistas favoritos. Não. A melhor coisa, a coisa que iria paralisá-la se ela não se apurasse *neste minuto* foi fazer... sexo com Charlie.

Bree não era nenhuma virgem recatada e tinha noção do que havia acontecido entre os lençóis. Ela já havia experimentado sexo ruim e já havia experimentado sexo incrível, porém o que tinha acontecido com Charlie não estava nem na mesma escala do que ela conhecia.

Apaixonar-se por Charlie não era aceitável.

Ela realmente precisava sair da cama porque, se ele movimentasse a mão na coxa dela só um pouquinho, não seria capaz de se responsabilizar por suas atitudes.

Onde estava seu vestido? Perto da janela. De algum modo, o quarto não estava iluminado, fato que deveria ocorrer, porque da última vez que ela olhara, não havia nada senão vidro entre eles e o Central Park. No entanto, o parque ainda não estava escuro. Ela ainda não havia aberto os olhos, mas havia algum tipo de coisa dourada ocorrendo sob suas pálpebras, então...

O abajur que havia sido ligado enquanto eles estavam...

Ela inspirou baixinho, se recompondo. Não importava o que Charlie estivesse fazendo. Estava no controle de suas ações e pensamentos. Jogaria as cobertas para o lado, sairia da cama, pegaria seu vestido e iria ao banheiro. Não precisaria nem olhar para ele.

Droga. Os dedos de Charlie roçaram sua coxa. Então rápido assim a determinação de Bree desapareceu e seu corpo ficou tenso. As coisas estavam acontecendo contra a vontade dela. Os mamilos enrijeceram. Os músculos de Kegel se contraíram. Isso sem mencionar as batidas de seu coração.

Foi só uma vez, Kingston. Uma noite. Você tinha bebido champanhe. Foi como estar em um conto de fadas. Não é de verdade. Coisas assim não acontecem no mundo real. Acabou. Deixe de ser idiota e vá embora.

Depois de uma contagem silenciosa até três, ela tomou uma atitude. Arremessou as cobertas, colocou o vestido, estragou o zíper, pegou os sapatos, correu para o banheiro, bateu a porta, respirou.

Amaldiçoou-se dali até domingo, porque, enquanto ela estava na segurança agradável do banheiro, sua bolsa com seus pertences estava na sala de estar.

Bree suspirou e se recostou na porta, mal contendo a vontade de bater a cabeça contra a madeira até desmaiar. Sua maquiagem já estava um desastre, então chorar não estava fora de cogitação.

Quais eram as chances de Charlie ter uma escova de dentes reserva naquele cômodo gigantesco? Só o boxe do chuveiro era maior do que aquilo que ela ridiculamente chamava de quarto.

Ela poderia lavar o rosto com qualquer sabonete que ele tivesse, e enxaguar a boca com alguma coisa que pelo menos pudesse disfarçar o bafo matinal por um tempinho. Tudo o que precisava fazer era estar um pouco apresentável para pegar um táxi, daí poderia começar a esquecer Charlie enquanto corria para se arrumar para o trabalho.

Café. Café resolveria tudo. Não, *aspirina* e café. Era disso que ela precisava, e seu mundo iria voltar ao normal.

Uma batida na porta do banheiro a fez dar um pulo de susto tão intenso que seu vestido quase escorregou até o chão.

– Hum, tem gente – disse ela, puxando-o para cima novamente.

– Sim – disse Charlie, e Deus, a voz dele a atravessou como um fogo brando. – Imaginei que você fosse querer sua bolsa.

– Ah. Hum. Isso. Sim. – Ela se virou, segurando o vestido com um braço quando abriu uma gretinha na porta. Não era o bastante. Abriu mais um pouco, depois mais, e finalmente conseguiu pegar a bolsa. Bree a segurava como se estivesse conectada a uma ratoeira. – Obrigada. Já vou sair em um minuto. Não se preocupe comigo.

Então veio o silêncio. Bree não sabia se Charlie estava bem ali fora ou não, mas ela não se mexeu. Pressionou seu ouvido contra a porta.

– Tudo bem – disse ele, fazendo-a se sobressaltar novamente. – Vou preparar o café.

– Ótimo. Obrigada. Parece ótimo. – Ela se encolheu por causa de sua boca grande e recogitou a coisa de bater a cabeça contra a porta.

Finalmente, ela se virou, conformada que não haveria aspirina e café suficientes no mundo.

– O QUE é isso? – perguntou Bree.

Charlie olhou para a nota de cem que ele estava estendendo para ela.

– É para o táxi.

– Cem? Você acha que moro em outro estado?

– Eu não tinha certeza. Olha, sinto muito, eu não posso levá-la, mas o blog...

– Tudo bem. Mesmo. Já entendi – disse ela enquanto segurava seu copo descartável de café. – Obrigada pelo café.

– Mas assim você não vai se atrasar para o trabalho?

– Não. Não, se eu sair agora.

Bree não olhou para ele. Nem uma vez. Pelo menos, ele achava que não. Charlie estivera evitando olhar para ela, então não havia nenhuma certeza, mas aparentemente ela não olhara.

Se nada mais lhe dizia que a noite tinha sido um erro colossal, o constrangimento desta manhã o teria feito. Foi épico. Ambos aos tropeços, resmungando, envergonhados e basicamente agindo como idiotas. O problema era que Charlie não sabia por que Bree estava se comportando como se ele fosse um leproso. Ele achou a noite ótima, e o sexo fantástico. Bom demais.

Talvez só ele tenha achado, no entanto.

Não. Tinha sido espetacular, e ele sabia do que estava falando. Bree estava esquisita por outra razão. Charlie bem que gostaria de culpar o dinheiro excessivo para o táxi, mas a esquisitice tinha começado assim que ela saía da cama.

Bree estava chegando na porta de entrada, embora simplesmente tivesse dado meia-volta e

saído. Deu alguns passos para trás, conferiu as próprias costas, em seguida andou mais alguns passos, e aquilo fez Charlie desejar beijá-la.

Droga.

Ela precisava ir. Agora.

Charlie passou na frente dela e abriu a porta.

– Desculpe por não poder encontrar você... – Ele parou antes de repetir a frase inteira.

– Claro. E eu tenho... – Ela estava bem na frente dele agora, encarando-o com aqueles olhos verdes. – Obrigada – disse ela. – Foi a melhor noite de todos os tempos. Eu nunca vou esquecer você. O evento. A festa. As coisas que fizemos... na festa.

As bochechas dela ganharam um tom muito escuro de rosa, e sim, as pontas das orelhas também. A necessidade de se abaixar alguns centímetros e grudar os lábios aos dela mais uma vez foi mais forte do que Charlie estava preparado para admitir.

– Eu me diverti muito também – disse ele, a voz embargada no final. – Nós deveríamos... – Ele se conteve, mordendo a língua. Doeu um pouco. Mas Charlie quase disse que deveriam fazer aquilo novamente.

– Bem, vou sair. Pegar o elevador. Para pegar um táxi. – Ela passou pela porta. Quase escondida atrás de seu café, derramando só um pouquinho.

– Certo. Tchau.

– Tchau.

Charlie foi fechar a porta enquanto Bree chamava o elevador. Então ele parou. Seria rude da parte dele fechar a porta. Por outro lado, ela parecia desesperada.

Ele escolheu o meio-termo. Deixou a porta entreaberta, mas se afastou. Para a cozinha. E não voltou a respirar até ouvir o *ding* do elevador.

Mas que droga.

Capítulo 7

BREE ESTAVA em sua baia, embaralhando papéis de uma pilha para outra. Estava no escritório há duas horas e não tinha feito nada. Gastara a maior parte da manhã repensando a noite anterior, analisando até morrer cada coisa que Charlie tinha feito ou dito. Espiando a foto que tinha tirado, o cartãozinho de troca.

Sob as luzes fluorescentes cruas da BBDA, os eventos com Charlie pareciam mais um sonho do que algo que poderia ter acontecido com ela. No entanto, seu corpo estava dolorido, não era resultado do esforço na academia de ginástica. Ela tensionou tanto os braços para segurar a cabeceira da cama que seus músculos queimaram durante a ducha hoje de manhã, e não havia uma contusão em seu quadril. Além das lembranças, é claro.

Ela não tinha nada que pensar nele. Na noite. Nele. Sério, agora. Acabou. Pronto. Era uma recordação que deveria evocar prazer em vez de aquela sensação de perda. Como ela poderia ter perdido algo que ela nunca tinha tido? Nunca poderia ter?

Deus, a manhã toda foi um saco. Os pensamentos já estavam loucos o suficiente antes de ela notar que ele não tinha publicado nada no blog. Mas deveria tê-lo feito. A rotina dele era pontual como um cuco, como tempo atômico. Em vez disso, outras três pessoas haviam postado textos: um fashionista, um perseguidor de celebridades e um apaixonado por gastronomia.

Assim, além de ficar obcecada com o fato de o sexo ter sido mais do que parte do pacote padrão, em vez de um momento romanticamente maravilhoso entre ambos, agora ela estava muito convencida de que, de alguma forma, tinha amaldiçoado Charlie. E estava com dor de cabeça.

Surpreendentemente, Rebecca ainda não tinha telefonado, o que era bom porque Bree não sabia ainda quanto sobre a noite queria contar à amiga, e ela queria ser cautelosa a respeito daquela conversa, sem se mostrar extenuada. Na verdade, ela estava pensando seriamente em escapar para um cochilo hoje no horário de almoço. Ela precisava dormir mais do que de comida.

Seu celular apitou, e quando viu o nome brilhando na tela, quase engasgou. Clicou no ícone.

Como está se sentindo? CW

Bree olhou para as iniciais, completamente atordoada. Por que Charlie estava mandando torpedos para ela? Em nome da boa educação? Será que ela levará algo do apartamento dele por engano? Apertou a tecla responder, mas aí se obrigou a pensar, sem digitar, ainda não.

Aquilo era bobagem. Ela balançou a cabeça enquanto movimentava os polegares.

Estou bem. Obrigada.

Chegou bem no trabalho? CW

No horário e tudo.

Que bom. Almoço? CW.

O quê? Almoço? Será que ele a estava convidando para almoçar? Não, não, aquilo não poderia estar certo. Não depois da manhã de hoje. Bree olhou para o painel cinza de seu cubículo por um instante, depois olhou mais uma vez para o torpedo. Não tinha interpretado errado. Simplesmente não fazia sentido.

Agora seu olhar se erguia acima da parede da baía, mas ela só conseguia enxergar o topo das cabeças que passavam. Não havia uma única pessoa na BBDA que Bree pudesse puxar de lado para pedir um conselho. Ninguém sabia sobre seu encontro com Charlie. Ou qualquer coisa a respeito dela, exceto que tendia a ser bem reservada.

Bree digitou um “Volto já” rapidamente para informá-lo de estava longe do aparelho, então pegou o telefone fixo. Dane-se a coisa de não contar a Rebecca sobre o que aconteceu. Bree precisava de ajuda. Depressa. Ela discou, rezando para a amiga atender.

No segundo que ouviu o “alô”, Bree mandou:

– A noite passada foi a noite mais fabuloso na história do planeta, mas esta manhã foi completamente estranha e agora ele está...

– Bree...

– Ai, Deus, você está ocupada. Por favor, não esteja ocupada porque eu nem sequer... espere. Ele está me mandando um torpedo agora, e eu não sei o que fazer.

– O que ele escreveu?

– Ele quer que eu almoce com ele. Hoje.

Rebecca riu.

– Então vá!

– Nós dois surtamos hoje de manhã. Ele me ofereceu cem pratos.

– *O quê?*

– Para o táxi.

– Ah. Então repito: vá!

– Mas...

– Confie em mim. Eu o conheço. Muito bem. O almoço é importante.

– Importante? Importante não é nada bom. Agora acabou, certo? Ele não repete encontros, e eu tenho um plano, e esse plano não inclui gostar de ninguém. Importante não pode ser a próxima coisa da lista.

– Ouça – disse Rebecca, com um tom que certamente devia usar quando estava negociando com bilionários ou com amigas tendo ataques de pânico. – Vá para o almoço com Charlie.

Coma. Ouça o que ele tem a dizer. Você pode se surpreender. Então me ligue depois.

Bree tocou seus cabelos e seu rosto quando o estômago revirou de emoção, depois de pavor, depois de emoção de novo. Droga, ela praticamente não havia arrumado o cabelo, a maquiagem consistiu apenas em rímel. E só. Ela mal teve tempo para tomar banho e trocar de roupa, e então saiu aos tropeços para chegar no escritório.

– É melhor você estar certa, Rebecca.

– Estou. Boa sorte.

Bree desligou, então posicionou os polegares.

Onde? Quando?

Bistro Truck? CW

Hum...

Mediterrâneo CW

OK.

Mandando l mapa. Vc me diz qdo. CW

13h?

T vejo lá. CW

O celular de Bree avisou que o mapa tinha chegado, e o Bistro Truck ficava a apenas um quarteirão de seu escritório. Ela escreveu o nome em um site de busca para verificar o menu, a fim de se preparar e evitar qualquer coisa que fizesse sujeira. Escolheu wrap de massa folhada vegetariano e batatas fritas, presumindo que seria capaz de comer qualquer coisa. Mesmo que o encontro com ele se revelasse um erro terrível, batatas fritas iriam aliviar a ferida.

Depois de desligar o telefone, Bree olhou para a papelada que precisava finalizar antes do meio-dia, a visão borrando nas palavras. Charlie queria vê-la novamente. Por quê? *Por quê?* E por que Rebecca estava tão segura de que ela deveria ir?

Nova Yorkera confusa.

CHARLIE ESTAVA num banco de cimento na East 14th Street, procurando por Bree em meio à

multidão do horário de almoço. Apesar de seu vestidinho preto da noite anterior, ele se lembrou do comentário de Rebecca sobre a afeição de Bree por cores, por isso ele se concentrou em qualquer roupa diferente de preto, o que eliminou cerca de 70 por cento das mulheres. O fato de o dia de hoje estar excepcionalmente quente ajudava, de modo que a maioria dos casacos estavam abertos.

Ele se virou, sem se importar com os olhares que ganhava. Aquela era a Union Square às 13h. Ele fazia o que costumava funcionar. E funcionou mesmo, porque lá estava ela. As roupas dela não chamaram a atenção dele, mas os cabelos, sim. Era o mesmo estilo curtinho, mas hoje ela usava um arco com um laço de fita fininho cor-de-rosa. Era ridículo, e aquilo o fez sorrir como um idiota.

Quando Bree se aproximou, Charlie se obrigou a olhar para baixo, sem parar no rosto dela, ainda não. Sem casaco. Surpreendente, mas não, porque eles estavam a apenas um quarteirão do escritório e ela já havia provado que preferia congelar até a morte a estragar o conjunto do visual. Ela precisaria de mais um inverno em Nova York até acordar e sentir o gelo de verdade.

Hoje, ela usava uma blusa de mangas compridas abotoada com padrão em xadrez rosa e verde, que deveria ser feia para diabo, mas não era. E uma saia, curtinha, em um tom de verde completamente diferente. Nada daquilo deveria estar em uma única pessoa ao mesmo tempo. Até mesmo as sapatilhas de couro velho estavam erradas. E fantásticas.

Bree vacilou quando Charlie lhe chamou a atenção. Ela sorriu, um daqueles sorrisos completamente interioranos que mostravam um monte de dentes. Mas quando ela recomeçou a andar, o sorriso também vacilou. Quando Charlie se levantou num salto e a encontrou no meio da calçada, Bree pareceu preocupada. Ou com fome. Não. Preocupada.

– Você está bem? – perguntou ele.

– Sim – disse ela, balançando a cabeça. – Tudo bem, obrigada.

Ele não iria pressioná-la agora. Primeiro, eles precisavam acertar as coisas. – Com fome?

– Claro.

Charlie agarrou a mão dela, e antes que dessem mais um passo para entrar na fila do imenso caminhão branco, Charlie beijou a bochecha de Bree. Ele ficou debatendo internamente sobre aquele gesto durante todo o trajeto até ali. Pareceu-lhe rude não reconhecer a noite deles juntos, mas não queria enfatizar esse aspecto de conhecimento de ambos, apesar de a lembrança de Bree em sua cama ter sido uma espécie de febre constante desde que ele abrira os olhos naquela manhã. Charlie não ficou surpreso quando ela parou e o encarou como se ele fosse louco. Não importava. *Não se arrependia pelo beijo. Ora bolas, como ele poderia ter resistido? Um olhar para ela com seu arquinho cor-de-rosa e aquela sainha curta...*

Tudo bem, droga, direção errada. Ele inspirou profundamente o cheiro de fritura e dos ônibus da cidade, se orientando mais uma vez. Eles não conseguiriam fazer o pedido dentro dos próximos dez minutos, considerando o tamanho da fila, portanto, *não haveria comida para preencher o tempo*. Poderiam muito bem começar a comer. Ele continuava a segurar a mão dela enquanto se abaixava para perto o suficiente para conversar sem serem ouvidos.

– Eu tenho uma proposta para você.

Bree ergueu as sobrancelhas.

– Ontem à noite, na festa, você foi ótima.

– Obrigada – respondeu ela, com uma leve mudança na entonação no final para transformar sua resposta vagamente em uma pergunta.

– Passei a manhã inteira tentando escrever no blog. Passou-se tanto tempo que acabei postando textos de freelancers para que as pessoas não ficassem impacientes.

– Eu sei. Eu vi.

– Ah. Claro. – Eles andaram meio passo na fila. – Bem, o fato é: você não parou de pipocar no meu primeiro rascunho.

– Eu pipoquei? – questionou ela lentamente, a testa franzida em confusão.

Charlie normalmente não confundia as pessoas. Ele as irritava, o tempo todo, mas a clareza não era um problema.

– Percebi que eu me sentia como se a noite passada tivesse sido minha primeira vez na Semana de Moda. Isso não aconteceu nem quando fui pela primeira vez. Enxergar através dos seus olhos foi... diferente. – Ele quase disse “emocionante”. Era verdade, mas informação demais também. – E foi sobre isso que escrevi. Hoje de manhã.

– Tá... bom – disse ela.

Ele não estava se fazendo conseguir entender.

– Atrasei a publicação do texto porque eu queria conversar com você sobre isso. Quero utilizar sua visão, na falta de uma palavra melhor, como gancho para uma coluna. Um inocente na Semana de Moda. Uma perspectiva nova.

– Eu não sou tão inocente assim – protestou ela, seu tom foi brusco e magoado, como se ele a tivesse insultado.

– Você é nova para a cidade. Ainda não demonstra cansaço. Como o *Naked New York* tem se notabilizado pelo cansaço, eu gosto da ideia de fazer uma coluna sob outro ângulo. Eu não vou zombar de você. Na verdade, não vou usar seu nome ou imagem se você não quiser. Serão minhas impressões a partir das suas impressões. Coisa que nunca fiz, então você pode concordar ou não.

– Você já escreveu o texto?

Ele meneou a cabeça.

– Três versões diferentes. Uma com você especificamente, uma com você obliquamente, e que foca apenas nas minhas impressões. Posso enviar os textos para o seu celular agora se você quiser lê-los.

– Quero ler – disse ela. – Os textos por acaso dizem que eu... *nós*... – Ela vacilou brevemente, então continuou: – Você sabe, ficamos... na sua casa?

– Não. Não, isso é... *não*. *Isso não é sobre coisas pessoais. É sobre o evento. A festa.*

– Ah – retrucou ela, e desta vez a coisa não ficou confusa. – Mande-os então.

Ele se entreteu nos cliques do aparelho quando de repente um grupo de cinco pessoas na frente deles se dissipou, fato que levou Charlie e Bree ao primeiro lugar da fila.

– O que você vai querer? Vou pedir enquanto você lê.

– Batatas fritas. Tamanho grande.

– Nada mais?

Ele pensou por um instante, mas não conseguia se imaginar comendo um sanduíche inteiro. Não enquanto seu estômago estava revirando.

– Chá, dois pacotinhos de açúcar.

Ele sorriu. Não conseguiu evitar. Charlie ainda não podia acreditar que realmente tinha servido chá em uma bandeja de prata. Com pinças. Bizarro. Mas daí, tudo na noite anterior tinha sido bizarro.

Ouviu o som indicando que o celular dela estava salvando documentos, em seguida se voltou para o sujeito atrás do balcão. Charlie fez o pedido, olhou para Bree, pagou, olhou de novo, então se dirigiram para a fila de espera onde os pratos eram entregues. Ele ignorou tudo, exceto a linguagem corporal dela, as expressões, a velocidade com que lia a tela. Ele não conseguiu decifrar absolutamente nada.

Virando-se, de forma que agora só conseguia vê-la usando a visão periférica, Charlie lembrou a si de que qualquer reação da parte dela seria ótima. Mesmo que ela não concordasse, isso não significaria nada. Não no sentido pessoal. Aquilo era totalmente profissional. É isso. Talvez eles tivessem a oportunidade de ficarem juntos outra vez, mas este não era o ponto.

Mesmo que a fita rosa o tenha matado. Na verdade, a fita rosa *era* o ponto. Nenhuma das pessoas com quem ele saía teria colocado aquela roupa, não sem motivo. Era um visual anti-Manhattan. Aqueles que compareciam à Semana de Moda tinham mais medo de não serem descolados do que serem atropelados por um carro. o tipo de devoção imperturbável de Bree era completamente sincera, sem esperar nada em troca.

O ponto de vista dela soaria genuíno para a maioria de seus leitores, muitos bem mais parecidos com jovens que nunca teriam a chance de ir a uma festa de gala, que nunca ficariam ao lado de ícones da moda e do cinema, que nunca seriam capazes de pagar por um cachecol de qualquer estilista, e muito menos por um vestido de alta-costura. O segredo nesta abordagem era o equilíbrio. Haveria uma pitada de sarcasmo, porque Charles era um filho da mãe sarcástico, mas ele não faria chacota de Bree. Era uma linha tênue, um desafio bem-vindo.

Todo o conceito poderia dar errado, mas ele não achava que daria. Ele tinha bons instintos sobre seus leitores, e aquele lhe parecia bem correto.

Bree mordiscou o lábio com um dentinho pouco visível, branco e perfeito. A vontade de beijá-la o atingiu novamente, só que Charlie não queria um beijo no rosto, mas na boca. Ai, Deus, qual era o problema dele? Aquilo era trabalho.

– Ei, você. Cara do blog. Vai sair da fila ou não?

A pergunta veio de um homem musculoso com um bigode fino. Charlie se aproximou do caminhão, incintando Bree gentilmente com um leve toque no antebraço dela.

Ela olhou para ele enquanto fechava o celular. As bochechas ganharam um tom rosado que quase combinava com sua fita.

– Oh – disse ela.

Não era informação suficiente. Tirando o excesso de necessidade de parecer tranquilo o tempo todo, Charlie não pressionou mais. Ele treinou uma expressão de desinteresse, que era a única postura aceitável durante um encontro estritamente profissional.

Bree inclinou a cabeça um pouco para a direita. Sem piscar, apenas encarando-o com um olhar penetrante e:

– Por quê?

– Por quê? – repetiu ele.

Ela assentiu.

– Seu blog funciona perfeitamente do jeito que é. Obviamente. Seus números são incríveis. Por que você quer mexer no formato?

– Alterar um pouco as coisas não vai mudar o formato. Se isso não funcionar, vou descobrir depressa e abandonar a ideia. Não é a primeira vez que tentei algo novo, e não será a última.

BREE FICOU encarando Charlie. Aquele almoço estava sendo ainda mais estranho do que ela esperara. E não por qualquer um dos motivos que ela previra. Definitivamente não tinha a ver com o sexo. Claro. Porque isso teria sido loucura.

– Qualquer que seja sua decisão – disse ele –, eu preciso saber logo.

– Claro. Certo. Eu entendo. – Como ela poderia ter se esquecido ao menos por um segundo? Desde que Rebecca mostrara o cartão de troca de Charlie, Bree se perguntara o que um homem como ele iria querer com uma garota que nem ela. Foi quase um alívio quando ela finalmente concluiu que a noite tinha sido um favor de Rebecca a ela, e em troca, Charlie fizera um favor para Rebecca. Por que outro motivo ele a teria levado para sair no Dia dos Namorados? Mesmo assim, não tinha sido um encontro. Charlie fora bem claro sobre o fato de aquilo ser um compromisso de trabalho. Ela duvidava que ele um dia fosse capaz de desviar a atenção de seus negócios. Para começo de conversa, foi assim que ele se tornou Charlie Winslow.

Então ele a usara. Não de forma maliciosa, de jeito nenhum. Na verdade, Charlie encontrou um jeito de explorar o favor, que bom para ele. Ele agarrou a oportunidade, e por pura sorte aquilo poderia dar a ela um espaço no blog dele. Outras pessoas iriam querer saber quem ela era, como ela havia conseguido marcar um “encontro” com Charlie. Nem em sonho Bree conseguiria uma oportunidade melhor. Mas precisava ser esperta. Particularmente inteligente, uma vez que a parte mulherzinha de seu cérebro parecia querer transformar aquilo em um romance. Nada contra romances, mas havia hora e lugar para eles.

Agora que ela havia saltado sobre a grande oportunidade, precisava ser mais clara do que nunca sobre seus interesses a longo prazo, e não se deslumbrar.

– Veja bem... – disse Charlie.

– Se você precisa de ter uma resposta nesse minuto – disse ela –, terá de ser não.

Charlie congelou e aquele ar de tédio que ele estava ostentando como um casaco confortável desapareceu. Ele parecia decepcionado, mas aquilo sem dúvida tinha mais a ver com seus planos sendo contrariados do com a impossibilidade de trabalhar com Bree.

– Não me leve a mal – disse ela. – Eu gostei.

Ocorreu-lhe que ela deveria ter pedido algo mais para o almoço. Precisava parecer o menos afetada por Charlie possível.

– A abordagem é nova para o *NY*. Uma boa abordagem de algo que já foi feito até o esgotamento, e você conseguiu me fazer soar como se eu não fosse totalmente estimada. Embora... – Ela clicou no trecho mais pessoal que ele tinha escrito e rolou a tela um pouco para baixo.

Eis o que Bree disse, mas não em palavras:

1. Todo mundo é alto e bonito e tem roupas melhores do que eu. Qualquer um que parecesse ser, de algum modo, normal, era um zé-ninguém. Exemplo: eu.
2. As pessoas podem ser muito mal-educadas, mas ao mesmo tempo, muito adoráveis. Estar com Charlie tinha a ver com esta última parte. A primeira parte foi por conta da casa.
3. Todo mundo tem um smartphone. E as câmeras são intrusas, mesmo que seu objetivo seja aparecer nas fotos. E o que mais? Eu realmente não estou mais em Ohio.

– Eu realmente não estou mais em Ohio? – Bree suspirou. – Mesmo assim. Você fez um bom trabalho.

Pelo jeito como os lábios dele se entreabriram, ficou claro que ele não esperara aquela reação dela, especialmente pela forma como ela pronunciara *bom*. Agora, se ela conseguisse ao menos conservar aquilo. Bree se imaginava como o tipo de mulher capaz de ficar de igual para igual com os maiores nomes de Manhattan, e agora era sua chance.

Ela tinha estado no País das Maravilhas na noite anterior, e não iria pedir desculpas por sentir-se como Alice. Charlie tinha capturado isto perfeitamente em seu blog. Mas estava de volta à terra firme agora. Conhecia o roteiro, negócios eram negócios, e se Charlie iria usá-la, então ela queria algo em troca.

Sim, ele era *Charlie Winslow*, e o coração de Bree estava acelerado desde que lera o primeiro texto, mas o contexto ali era muito mais grandioso, e seria uma idiota se deixasse a chance escapar por entre os dedos. Ser relacionada a Charlie era um selo que ela não podia ignorar.

– O blog ficaria melhor se você usasse minhas fotos. Me usasse.

– Ficaria? – Um lampejo de sorriso veio e se foi. Ótimo. Ambos estavam jogando o mesmo jogo. Era importante para Bree se lembrar de que Charlie possuía anos de experiência, ao passo que ela... possuía cara de pau. Teria de ser suficiente.

Charlie entregou a ela um prato de batatas fritas e uma xícara de chá de papelão. Ele pagou a conta, o que era bastante apropriado. Afinal ele havia convocado a reunião.

Ao se dar conta disso, Bree sentiu uma pontada de tristeza, arrependimento genuíno e, caramba, ela precisava parar com isso. O sexo tinha sido sexo. Os dois estavam prestes a conversar sobre algo importante e ela não podia se dar ao luxo de ser sentimental, nem por um momento. O sexo tinha sido ótimo. Ponto final. A imaginação dela podia ser um lugar maravilhoso, mas era capaz de feri-la também.

Felizmente, eles conseguiram um banco para sentar. A batata frita estava tão boa que fez Bree gemer, o que por sua vez a fez corar, mas somente até ela vir a manchinha de maionese no queixo de Charlie. Se ela fosse a garota legal que seus pais criaram para ser, ela o avisaria. Mas aquilo ela era uma reunião profissional, e vê-lo de forma tão humanizada ajudava.

– Qual é a sua preocupação? – perguntou Charlie.

– Não sou tão inocente como você me pintou. Entendo que este é o chamariz, e tudo bem, mas eu gostaria de poder escrever lá. Meus chefes leem o *NYNY*, nossos clientes, também. Pode ser só um blog, mas vai ter um impacto na minha carreira.

Ele deu mais uma mordida em seu hambúrguer, e em vez de Bree olhar para a boca de

Charlie, se lembrando de como foi senti-la contra a sua, concentrou-se na maionese que pontilhava o queixo.

– Quero que seja mais do que um blog – disse ele depois de engolir.

O olhar de Bree saltou para os olhos dele e por um segundo ela achou que talvez aquilo não fosse *totalmente* profissional, mas daí se lembrou.

Capítulo 8

– EU GOSTARIA de torná-la parte de uma série de posts – disse Charlie, como se estivesse pedindo a Bree uma batata frita. – Alguns dos quais apresentariam a Semana de Moda, mas não todos. Hoje à noite há uma festa no Chelsea Piers. Eu gostaria que você fosse comigo.

Bree não engasgou, mas tossiu. Principalmente para esconder seu espanto e poder se controlar.

– O que você quer dizer com série?

– A quarta-feira está livre, mas na quinta-feira haverá mais uma festa da Semana de Moda. Na sexta-feira, há uma estreia de um filme. Você já ouviu falar sobre o filme *Cortesã*?

Se ela tinha ouvido falar sobre o Cortesã? Era um filme famosíssimo de um grande estúdio estrelado por atores top de linha, e ela queria assisti-lo desde que vira a primeira propaganda a respeito. Por dentro, ela saltitava a alguns metros do chão. Para Charlie, ela balançou a cabeça e bebeu um gole de chá.

– Sim, já ouvi.

– Já tenho um compromisso no sábado à noite, mas não sei muito bem qual é. Ou uma festa de um perfume ou um lançamento de livro. De qualquer forma, precisarei de você, provisoriamente, no sábado à noite. Talvez mais, talvez menos. Vai depender da quantidade de acessos, da atividade nos comentários. Está bom assim para você?

Era inútil para Bree fingir que ia pensar no assunto. Charlie perceberia que ela estava blefando.

– Tempo não seria um problema. Eu daria um jeito de fazer isso funcionar, mesmo que Rebecca precise preparar meus pratos congelados.

– Essa coisa dos pratos congelados é o que Rebecca faz na Igreja de St. Mark, certo?

– Foi assim que a gente se conheceu.

– Ela vai adorar isso. – Agora, ele nem sequer tentava esconder o sorriso. Era o outro Charlie, o primo encantador da amiga, o homem bobo que a tinha beijado.

Bree pigarreou antes de encontrar o olhar dele.

– O que você quer dizer?

– Ela vai pensar que essa coisa das séries foi ideia dela. Vai ficar insuportável.

– Ah. – Bree pegou mais uma batatinha enquanto lutava contra outra pontada. Aquilo era ainda mais tolo. Pensou por um segundo que Rebecca iria adorar o fato de ela e Charlie continuarem se encontrando. Ridículo.

Mas, ora bolas, isso era melhor do que namorar. Sexo, para alguém como Charlie, durava uma noite. Ele não conseguia nem mesmo fingir interesse na manhã seguinte. No longo prazo, ele estava oferecendo mais do que os sonhos insignificantes de Bree tinham delineado. Havia acabado de encurtar o plano de cinco anos dela pela metade.

– Ainda quero poder escrever lá.

– O blog é meu, Bree. As pessoas o leem para saber minha opinião.

– Não quero ficar parecendo uma boboca.

– É assim que você enxerga os textos de lá?

– Não.

– Podemos inventar alguma coisa, algo com o qual ambos concordemos. Se a série funcionar, será porque as pessoas gostam do jeito como relato meu mundo através dos seus olhos. É do meu interesse fazer de você alguém identificável e simpática.

– Tudo bem. Mas acho que haveria ainda mais identificação se eu escrevesse alguns textos.

Ele fez uma careta.

– Não sei. Meu nome é um chamariz. Desculpe.

– Com certeza. Mas isso não significa que não pode haver uma barra lateral. Você já fez isso.

Charlie usou o guardanapo, limpando a maionese do queixo por acaso. Depois de uma longa pausa, ele assentiu.

– Tá, mas sem garantias. Vou ler o que você escreve, ver como funciona. E meu advogado vai elaborar alguma coisa para nos resguardar pelo restante da semana, mas eu gostaria de postar no blog o que escrevi hoje. O que você me diz?

Ela sabia que estava assumindo um risco, sem assinar na linha pontilhada, mas que diabos. Rebecca teria algo a dizer caso Charlie puxasse o tapete dela, mas mais do que isso, os instintos de Bree lhe diziam para aceitar. Ela estendeu a mão.

O arrepio que percorreu o corpo dela quando eles apertaram as mãos foi estritamente em reação à oportunidade. Nada mais.

CHARLIE CAMINHOU com Bree até o escritório dela, um gigante entre gigantes, que bloqueava a maior parte do céu. Estava ventando bastante na rua e ele colocou o braço em volta dos ombros de Bree, puxando-a para si. Ele gostava de mantê-la aquecida, gostava da maneira como o cabelo dela fazia cócegas em seu queixo.

– Charlie? – Ela teve que levantar a voz enquanto caminhavam, então ele inclinou a cabeça um pouco.

– Sim?

– Presumindo que não teremos problema com a papelada e que terminaremos fazendo as... coisas. Nós seremos o quê um do outro nas festas?

– Hum, ah. Vai ser como ontem à noite. Juntos, mas não um casal. Se alguém perguntar, direi que somos amigos. Todos vão presumir que é algo mais, mas isso não é uma coisa ruim. As pessoas gostam de tentar decifrar as coisas, fazer conexões, mesmo sendo falsas. E fofoca paga as contas.

Ela não respondeu, mas desacelerou o passo.

– Bree?

Ela parou. Charlie virou-se para encará-la, insatisfeito com o olhar confuso que ela exibiu.

– Qual é o problema?

– Nada. Está tudo bem. Quero ter certeza de que nos entendemos. Se fizermos isso, será um acordo profissional.

– Isso. – O jeito que ela o encarava não fazia sentido. Estava lhe entregando um presente ali. Claro, ele ia ganhar dinheiro com aquele acordo, mas ela também ganharia. Ele devia ter

perguntado o que ela queria. Pelo seu amor pela moda e seu trabalho na agência de publicidade, não era difícil descobrir sua área de interesse, mas foi negligente da parte dele não ser específico.

– Minha vida profissional e pessoal são separadas – disse ela.

Charlie demorou um segundo além do necessário para entender. Não porque ela estava sendo irracional. Pelo contrário, estava sendo inteligente. No entanto, ele não estava acostumado a isso. As mulheres que Charlie levava para casa não pensavam no sexo como algo extraprofissional. Nem ele, não desde que começara o blog, pelo amor de Deus. Bree não era desse mundo. Esse era o ponto.

Na verdade, ele era romântico. Não apenas com o sexo, mas também com estilistas, Nova York, glamour, beleza, tudo isso. Pena que esse romantismo não iria durar.

Estranhamente, Charlie não se apressou em concordar com ela. Já havia presumido que eles voltariam a dormir juntos. Ele queria. Se a série de textos desse resultado positivo demorasse uma semana, talvez duas, seria um bom tempo sem sexo com Bree. Principalmente considerando que ela estaria com ele quase todas as noites. No carro, na casa dele.

– Charlie?

– Verdade. Não, você está certa. Estritamente profissional. Bem pensado.

O sorriso de Bree não foi muito vitorioso. Na verdade, Charlie ficou tentado a segui-la quando se afastou, só para vê-la melhor.

– Estou muito atrasada – disse ela, quase berrando contra o vento agora. – Envie-me o contrato e eu vou dar uma olhada nele. E os detalhes sobre esta noite. E obrigada – disse ela, mas a palavra foi levada ao vento quando Bree foi engolida por dezenas de pessoas entrando pela mesma portaria.

Ela a perdeu antes mesmo de ela entrar. Sabia que a BBDA ocupava quatro andares do arranha-céu, podia imaginar onde os redatores ficavam. Mas ele não iria atrás dela. Charlie a veria hoje. Pegou o celular enquanto seguia para a esquina para chamar um táxi. Precisava atualizar o blog, ligar para seu advogado, fazer acordos com estilistas.

Depois de informar o endereço ao taxista, ele olhou para o prédio de Bree. Sem mais noites como a última. Bem, droga.

ENTRE OS fotografos que a cegavam e os envios constantes de mensagens nas redes sociais Bree mal teve tempo de aproveitar a festa. Teria sido irresistível, apesar de tudo. O evento era muito menor. Talvez 500 pessoas?

Organizado por uma dos estilistas mais procuradas pelas celebridades, estava sendo realizado no The Lighthouse no Chelsea Piers. O enorme salão tinha sido decorado com temática asiática esplendorosa, com lanternas flutuantes, jardins zen artisticamente posicionados entre mesas e dragões de papel tão grandes e belamente ornamentados que eram verdadeiras obras de arte. Até mesmo a vista do Rio Hudson dos janelões estava de tirar o fôlego, e isso antes de Bree conhecer uma infinidade alucinante de ídolos da moda e de celebridades de primeiro, segundo e terceiro escalão.

A boa e a má notícia era que Charlie tinha sido ainda mais extraordinário, coisa que Bree não tinha pensado possível. Ele não saíra do lado dela, o que foi maravilhoso, mas o que a deixou ainda mais encantada foi o modo como ele a apresentou às pessoas do meio dele. E Deus, elas

realmente eram do meio *dele*. Ele fazia soar como se Bree fosse o a melhor novidade do momento a entrar em cena desde Lady Gaga. Era totalmente exagerado, mas, e isto entrava diretamente na categoria das notícias ruins, era exclusivamente para divulgar a série de textos do blog. *Ela* não era importante; a imagem era importante, a mística, a coisa de ser hipster por associação juntamente com a “inocência” dela para torná-la uma minicelebridade.

O plano estava funcionando, porque, depois do jantar, que foi de matar de tão gostoso, e Deus, como ela queria poder levar uma marmitinha para casa, Bree fora abordada sem parar.

Não que ela não tivesse percebido antes que as celebridades nunca eram o que pareciam. Podiam até aparentar ser amigas de longa data, tal como em sua série de TV favorita ou em tantos filmes que ela conhecia. Mas quem elas eram de fato não tinha qualquer relação com a pessoa que Bree tinha criado em sua cabeça.

Ela sabia disso, e tudo bem. As pessoas sempre tiveram ícones. Isso as fazia se sentirem conectadas a algo. Redes sociais, sites de fofoca, incluindo o *Naked New York*, programas de TV e revistas sobre celebridades. Eram como os bebedouros das empresas, o centro das cidades invisíveis onde os vizinhos se reuniam.

Sendo uma das pessoas escolhidas, conhecendo todos que ela já havia conhecido, fossem famosos ou aspirantes à fama, já criava uma história sobre quem ela era, sobre o que Charlie via nela, sobre o que iria acontecer, de um jeito tão bizarro que Bree nunca poderia ter previsto. Não houve preparo para aquele tipo de exposição, e a peculiaridade da situação estava mexendo com a noção de tempo dela. Num minuto, Bree estava se recuperando dos muitos olhares centrados em si, e no outro estava de pé ao lado de uma janela, olhando para a água, sem ter ideia de como havia chegado lá.

Charlie tinha ajudado bastante. Sua mão no braço dela era uma força estabilizadora, sua presença, suas apresentações deixavam tudo mais fácil. Mas ele estava acostumado, e ela ainda estava sem ar.

Não ajudava o fato de, todas as vezes, o toque dele lhe causar um arrepio de excitação que a deixava sem fôlego novamente. Era ridículo. Bree já deveria ter superado isso. Saber que aquilo era um acordo profissional e nada mais não ajudava em nada. A desconexão entre seu cérebro e seu desejo a preocupava. Era como se ela tivesse recebido choques elétricos durante a noite inteira, com cada um deles sendo sucedido por uma pontada de arrependimento.

– Você está pronta? – perguntou Charlie, a boca tão perto da orelha dela que dava para Bree sentir seu calor. Deve ter sido um grito, porque a música estava altíssima ao redor, mas pareceu mais uma carícia.

Ela assentiu e ele passou o braço em volta dos ombros dela enquanto saíam do interior cheio de vapor rumo ao ar livre gelado. Mais uma vez, havia limusines o suficiente para preencher um campo de futebol, mas também havia dezenas de manobristas correndo para encontrar os motoristas na que parecia ser um hospício subterrâneo.

– O que achou? – quis saber Charlie. – Melhor? Pior?

– Você me diz – respondeu ela. – Era você quem estava me observando como um falcão.

Charlie estudou a expressão dela, e Bree se deu conta novamente do quanto gostava do rosto dele. Foi realmente um absurdo como os olhos dele eram desconumais. Mas não eram grandes como nos mangás, ou mesmo perturbadoramente fora de proporção. No entanto, certamente

eram a primeira coisa que as pessoas notavam nele.

Ele ergueu uma sobrancelha dramática.

– Você gostou mais desta festa, apesar de ter que trabalhar. Em parte, acho que foi porque você sabia o que esperar, e também porque você precisa conversar com alguns de seus estilistas favoritos.

Bree sorriu, embora a conclusão dele não tivesse sido muito precisa.

– Você está certíssimo. Isso é um problema?

– O que você quer dizer?

– Estou perdendo a inocência gradativamente. Na sexta-feira à noite, serei uma cínica calculista.

Charlie riu, e lá estavam as ruguinhas no rosto dele, que tornaram impossível para Bree não tocar o casaco dele, não tocar nele. Por que as ruguinhas? Não era como se fossem sulcos profundos ou qualquer coisa perto disso. Ele estava na casa dos 30 e poucos anos, e as linhazinhas de expressão não o faziam parecer mais velho. Talvez fosse porque rugas de qualquer espécie, mesmo as linhas de expressão, fossem praticamente proibidas naquela cultura glamourosa obcecada pela juventude. Ela odiaria se Charlie matasse suas ruguinhas com botox. Elas o faziam parecer genuíno, o faziam parecer atingível. *Parecer* era a palavra-chave.

– Acredite – disse ele. – Ao mesmo tempo que você está muito mais experiente e não deve ser subestimada, você não está nem perto de se saturar. Essa coisa de conhecer pessoas famosas não vai ser mais tão incrível dentro de uma ou duas semanas, mas a emoção ainda vai estar lá.

– Ótimo. – Bree queria que a emoção continuasse, pelo menos no que dizia respeito às celebridades. Só queria menos emoções quando se tratava de Charlie. – Desculpe por estar fazendo você ir embora tão cedo. Imagino que gosta de ser o último a sair desse tipo de festa.

– De jeito nenhum. Eu só fico até ter material suficiente, então vou para casa. Preciso me levantar cedo para atualizar o blog a tempo.

– Então os fotógrafos enviam suas fotos antes de caírem na noite?

– Isso. Eu junto tudo na parte da manhã. Também pego os textos dos freelancers e as fofoquinhas. Junto o material, envio para minha assistente Naomi e ela edita até estar no ar por volta das 9h. Se você tiver alguma coisa sobre esta noite para eu linkar na barra lateral, vou precisar do material por volta das 9h.

Ela fez que sim com a cabeça, sem desejar que Charlie notasse que sua menção a este aspecto do trabalho a apavorava. Seria um texto original dela. Não uma ilusão, não um chamariz. Afundaria ou nadaria com base no talento. Deus, ela precisava sentar-se.

– Você está bem?

– Tem uma coisa que eu queria perguntar. A estilista? O que estamos buscando aqui? – Bree olhou para o próprio vestido, costurado na época da faculdade. Era um verde lindo, um tom mais claro do que os olhos dela, sem mangas e com um boletinho roxo e verde. Teria sido perfeito para uma noite na cidade com Rebecca e suas amigas, mas aqui ela era superada em quilômetros de distância. Imaginava que o ponto era esse: fazê-la aparentar ser a caipira que era.

– Ah. Você vai gostar desta parte. O máximo de glamour. De sapatos a vestidos. A coisa toda, com maquiagem, cabelo, corpos pintados, tudo.

– Não entendi – disse ela, sem saber se Charlie estava brincando com ela ou não.

– As barras laterais? Devem ser sobre a experiência toda. Sobre a sensação de se tornar uma princesa, de ir ao baile. De ser arrancada da obscuridade e mirar nas estrelas.

Bree piscou para ele enquanto as pessoas se empurravam para chegar a seus carros. Viu um sorriso desabrochar no rosto dele. Desejou como nunca poder se jogar nos braços dele e apertá-lo por causa de mais uma surpresa incrível.

– E você vai poder ficar com tudo que usar.

Ela o empurrou. Tarefa meio difícil.

– Não brinque comigo, Winslow. Se você está mentindo, vou acabar com você.

– Não estou mentindo. É tudo seu.

Os flashes ficaram pipocando durante a noite inteira, mas de repente eles estavam em cima de Bree, cegando-a. Mas só por uns instantes, porém, pois em seguida eles se foram, como uma nuvem de gafanhotos com câmeras. Eles tinham cumprido sua função, impedindo-a de pular nos braços de Charlie.

Era a tortura mais diabólica. Dar a ela todos os seus sonhos com uma das mãos e lhe roubar o desejo com a outra. Enxague. Repita.

– Então estamos conversados que você vai se encontrar com Sveta na quinta-feira, certo? Que você vai estar de folga amanhã...?

– Sim – confirmou ela, se acalmando.

– Você devia dormir. Vai precisar.

– Amanhã é a noite de preparo dos pratos congelados. Rebecca vai estar lá.

– Se eu bem a conheço, ela vai manter você acordada até mais tarde do que eu. A mulher é uma escrava dos detalhes.

Antes de ir dormir, Bree iria rever as fotos que havia tirado. Aquelas nas quais ela precisava se concentrar, não em Charlie. Não no perfume dele, e não na vibração da voz dele, não no desejo de estar perto dele.

Assim que a série de textos estivesse finalizada, Bree já teria superado sua paixão tola. Ah, com certeza, já teria.

Capítulo 9

– PROVE ISSO e me diga se você acha que precisa de mais sal. – Rebecca se afastou de modo que Lilly pudesse experimentar a sopa.

Ela obedeceu e fingiu uma tosse.

– Engraçadinha. – Depois de acotovelá-la na cintura de leve, Rebecca viu seu primo em pé à porta da cozinha do porão da Igreja de St. Mark. Ele não estava olhando para ela, ou, ela imaginou, procurando por ela. O olhar dele estava em Bree.

Ainda havia muitas risadas misturadas ao vapor que pairava acima do fogão industrial. Rebecca estava fazendo uma panela gigantesca de sopa de ervilha, Lilly estava cozinhando chilli, e mesmo com aquele monte de panelas e o forno bem quente, o porão continuava frio. Aquilo não duraria muito tempo, no entanto, não se acontecesse o que Bree achava que iria acontecer.

Era difícil desviar o olhar de Charlie. Ele estava com a guarda tão baixa como ela jamais tinha visto. Como um adulto, pelo menos. Havia uma consciência aguda nos olhos dele, uma concentração que falava de uma fome que nada tinha a ver com a sopa de ervilha.

Uma de suas mãos estava apoiada no batente da porta, a outra segurava papéis. Ele estava elegante em seu casaco sob medida: azul-marinho, no comprimento das panturrilhas, perfeitamente moldado. Tal qual o próprio Charlie.

O sujeito sabia o que ficava bem nele, sabia que aquele tipo de visual o fazia se safar, e o que faria as pessoas ao redor erguerem as sobrancelhas. Nada era despropositado. Nem on-line, nem pessoalmente, nem em uma caminhada até a mercearia da esquina. Vê-lo desejando Bree tão descaradamente era como vê-lo nu. Não que ela tivesse qualquer experiência pessoal com isso, mas estivera com Charlie em situações familiares, momentos particulares de pesar, de apuros, de fracasso, de sucesso, e isso era novidade.

Rebecca sorriu para o próprio brilhantismo. Ela era incrível. Sabia que ele ia gostar de Bree. E que Bree iria gostar dele, mas mesmo Rebecca, no auge de sua convicção, não tinha adivinhado que eles iriam tão longe tão depressa.

Ela teria feito um “toca aqui” consigo mesma se pudesse, por ser tão esperta. Ninguém na família acreditou que Charlie fosse se apaixonar. Ele sempre estivera com muitas mulheres, nunca com apenas uma mulher. Não Charlie. Seu carrossel não tinha parado de girar desde a puberdade, e ficava entediado rapidamente. Nada poderia ter sido mais perfeitamente adequado ao seu primo nesta era de gratificação instantânea. Charlie nasceu para isso, respirava isso, trabalhava com isso. Tudo muito rápido, e o restante era para os fracos e sem brilho.

Bree não era maçante, para dizer o mínimo.

Rebecca se virou para a amiga. Tinham tentado se falar por telefone durante o dia todo, e Lilly apareceu logo depois que elas chegaram à cozinha, então tudo que Rebecca sabia era que Bree tinha ido com Charlie a uma festa superchique na noite anterior, um belo segundo encontro, e

havia escrito um relato em primeira mão sobre a tal festa no blog esta manhã.

Se isso não fosse um testemunho da genialidade de Rebecca, então ela não sabia mais o que poderia ser.

As coisas ficaram realmente interessantes quando Bree se virou e avistou o homem de pé à porta.

Se ao menos a porta ficasse mais perto da área de preparação da comida. Era difícil saber para onde olhar. Bree agora era uma demonstração da mulher moderna sob completa luxúria. Ela apumou as costas, prendeu a respiração, exibindo o peito à luz mais positiva possível. O suéter barato de cashmere que usava abarcava os seios perfeitamente, e Rebecca sabia que Charlie estava tendo um pequeno ataque cardíaco diante deles.

Em seguida, as bochechas de Bree foram tomadas por um rubor. Meu Deus, nem Renoir poderia ter pintado algo tão habilmente. Ela arregalou os olhos, entreabriu os lábios e seus feromônios certamente começaram a gotejar.

Os únicos sons eram o borbulhar lento vindo do fogão, o silvo do aquecedor. Mesmo Lilly, que tinha vindo hoje à noite para beber alguns drinques e ter a companhia das meninas depois de cozinhar, captou que *alguma coisa estava acontecendo*.

Rebecca se voltou para Charlie novamente, e ele deixou a mão cair, dando um único passo para dentro da cozinha. Ele parecia estar lutando para não sorrir. A curva começou a se formar nos cantos dos lábios, que logo ficaram sérios de novo, mas, um segundo depois, o sorriso reiniciaria.

De volta a Bree, e era como a partida de tênis mais lenta de todos os tempos, a bola invisível bem dentro dos limites da quadra, os arremessos para frente e para trás lânguidos e elétricos ao mesmo tempo.

A sopa de Rebecca iria queimar em um minuto caso ela não mexesse a panela.

– Charlie – disse ela. – E aí?

Rebecca quase riu pelo modo como ele se sobressaltou com a voz dela. E quando ela olhou para Bree, o rubor se espalhou pelo rosto e pelo pescoço, e ela começou a piscar sem parar.

– Vim para mostrar a Bree o blog dela. – Ele ergueu os papéis, como se a prova fosse necessária.

– Vai ser meio difícil ela enxergar de lá do outro lado da cozinha.

O sorriso de Charlie finalmente se libertou, assim como suas pernas. Ele entrou, cruzando o cômodo até Bree.

– Aquele é o Charlie Winslow – sussurrou Lilly, e Rebecca não a ouvira se aproximando. Felizmente ninguém viu o sobressalto de Rebecca porque os olhares estavam no centro do palco. Até mesmo o de Lilly.

– Sim, é ele.

– Por que Charlie Winslow está na nossa cozinha? Com Bree?

– Porque ela está saindo com ele.

– O quê?

O questionamento veio em voz alta. Muito alta. Alto o suficiente para suspender toda a ação.

Lilly sorriu e acenou de forma constrangida.

– Lilly Denton. Oi.

– Charlie Winslow – cumprimentou Charlie. – Oi.

O momento passou. Rebecca arrastou Lilly para o fogão, e Charlie voltou a circundar Bree.

– Ela está saindo com ele? – perguntou Lilly, sua voz era um sussurro outra vez – Desde quando?

– Há pouco tempo.

– Como você sabe disso?

– Obviamente você não lê o blog dele.

– Eu leio, mas estive muito ocupada nos últimos dias. – Lilly lançou mais uma olhadinha furtiva. – Isso vai me ensinar a colocar o trabalho em primeiro lugar.

– Tudo bem, não é por causa do blog dele, eu sei porque Charlie é meu primo, e seu chilli está queimando.

Ambas pegaram colheres de tamanho industrial e começaram a mexer as panelas como as bruxas em *Macbeth*.

– Sério, que diabos? – disse Lilly.

– Eu armei o encontro deles.

Lilly, que era um mistério para Rebecca, uma amizade em construção, mas cautelosa, tão cautelosa, abriu a boca, daí deve ter repensado. No entanto, ela se aproximou um passo de Rebecca.

– Explique. Em detalhes, por favor. E lembre-se, estou segurando uma colher imensa e juro por Deus que vou usá-la se você continuar sendo enigmática.

– Eu não costumo armar encontros – respondeu Rebecca. – Especialmente para Charlie porque tem um monte de malucas correndo atrás dele, mas ele e Bree... eles combinam.

– Antes da troca de cartões? Durante? Porque se Charlie Winslow era um cartão de troca, então quero meu dinheiro de volta.

– Você não pagou por nada.

– Rebecca.

– Certo. Ele não era um cartão. Tecnicamente.

– Saí com dois caras dos cartõezinhos. O primeiro foi um cara maravilhoso, desde que você estivesse disposta a tolerar o amor fervoroso dele pela mãe. O segundo disse que queria um relacionamento, mas suas atitudes foram completamente de um sujeito que queria um casinho de uma noite só.

– Eu sei. Meus encontros também não foram avassaladores, embora eu tenha ficado sabendo que Paulie conheceu alguém fantástico, e que o encontro de uma noite apenas de Tess se transformou em três.

– O que ainda não explica Charlie Winslow – disse Lilly, franzindo a testa.

– É complicado, e vamos nos aprofundar mais no assunto quando sairmos para beber, mas se ficar falando com você, não vou escutar o que eles dizem, então vamos continuar mexendo as panelas e calar a boca.

CHARLIE ENGOLIU em seco, se perguntando pela 50ª vez o que estava fazendo na cozinha do porão de uma igreja se movimentando de forma desastrada como um adolescente em seu primeiro encontro. Bree estava lendo as páginas do blog que ele tinha impresso, e ela teve a

gentileza de não mencionar que ele não precisava vir vê-la ou imprimir as páginas, já que o blog estaria no ar na manhã seguinte bem cedo.

Já havia pedido a ela para escrever um texto biográfico curtinho e no dia seguinte já iria ao ar. Bree já tinha dado um gostinho de seu trabalho, seu primeiro link na barra lateral sobre a festa no Chelsea Piers, e a coisa poderia ter acabado ali mesmo. Mas os acessos ao blog aumentaram, e Bree recebera mais de 700 comentários em sua coluna. Muito alentador.

Então Charlie prosseguiu. Na manhã seguinte, haveria mais fotos de Bree, algumas da época da faculdade, uma de Nova York usando roupas casuais. Charlie tinha esperanças de que aquilo desse início a um diálogo.

O olhar dele se dirigiu a Rebecca, que foi flagrada dando um meio-sorriso, e ele tocou no braço de Bree, interrompendo sua leitura.

– Já volto.

Bree assentiu e Charlie foi até Rebecca. Ele sorriu para Lilly, então se virou para a prima.

– Tem um minuto? Lá fora?

Rebecca semicerrou os olhos, mas largou a colher e o acompanhou até a porta. Uma vez do lado de fora, ela estremeceu com o frio, mas não voltou para pegar o casaco.

– Você pode me agradecer agora – disse ela. – E mais tarde. Aceito presentes também.

Quanto mais caro, melhor.

– Nós não estamos namorando.

– Eu leio o *NNY*, bobão – disse ela.

– Você lê o que escrevo no *NNY*. E evidentemente você não tem falado com sua amiga desde ontem antes do almoço.

– Verdade. Vamos sair assim que guardarmos a comida no freezer.

Quando Charlie enfiou as mãos nos bolsos, Rebecca fez uma careta. O desgraçado deveria ter lhe oferecido seu casaco.

– Por que armou um encontro com ela? – questionou Charlie.

– Por que você me trouxe aqui para morrer congelada?

Ele revirou os olhos dramaticamente e tirou o casaco com um suspiro que teria deixado uma vida da Broadway orgulhosa.

Ela se enrolou no casaco pesado de lã, o forro tão luxuoso quanto a alfaiataria.

– Porque ela faz o seu tipo.

– Não, não faz. Ela não faz meu tipo nem vagamente. Você ao menos me conhece?

– Sim. Conheço. E esses esqueletos com quem você sai todas as noites são uma piada. Imagino que você possa contar em uma das mãos só as mulheres das quais gosta de fato.

– Não faz diferença se gosto delas.

– Por acaso você é um dos poucos parentes que consigo tolerar – disse ela –, mas Charlie, é hora de você seguir a vida. Você está com o quê, 32 anos?

– Trinta e um.

– Já passou dos 30. Você passou sua vida mandando seus pais e nossa família para o quinto dos infernos. Já deu. Você precisa começar a viver para você, e parar de dar poder a eles.

Ele a encarou com seus olhos imensos, boquiaberto, como se o frio não fosse capaz de penetrar seu choque.

- Do que diabos você está falando, Rebecca?
- Do *Naked New York*. Seu blog. Não dos outros, não dos blogs legítimos. Do seu. Daquele que aborda todos os aspectos da sua vida. Se é que se pode chamar de vida.
- Estou ganhando milhões.
- Você já tinha milhões. Olha, tenho que voltar para a cozinha. Faça o que quiser, mas pense nisso, tá? Como seria se suas noites fossem repletas de coisas que você realmente gostaria de fazer? Se você saísse com as pessoas de quem realmente gostasse?
- Você é maluca. A fundação Winslow tem deixado você muito frustrada.
- Sim, bem, talvez. Ah, e lembre-se. Não estrague as coisas com a Bree, Charlie. Ela pode querer fazer parte do alto escalão da moda, mas é uma pessoa muito decente. Ela não está acostumada a pessoas como nós. Pise com cuidado.
- Já falei. Nós não estamos namorando.
- Do jeito que vocês dois se olham? Dou três dias. Quatro, no máximo.
- Está muito frio aqui e eu não estou te ouvindo mais. – Ele passou por ela e Rebecca o seguiu, se perguntando como um homem tão inteligente poderia ser tão idiota.

BREE DESVIOU o olhar da página do blog quando Charlie apareceu. Ele parecia com frio, e ela notou por que Rebecca o seguiu. Ele dera seu casaco à prima. Outra coisa legal, mas não no mesmo patamar do que ela estava lendo.

- Você mexeu pouco no texto – disse Bree quando ele estava na frente dela.
- Não precisei. Você escreveu um belo texto.
- Uau. – Ela folheou as páginas, parou em sua foto em Nova York – Por que você não disse nada sobre meu cabelo?
- O quê?
- É completamente... errado.
- Você está linda – disse ele. – Foi difícil escolher qual foto usar. Todas eram ótimas. Está bem, aquilo foi legal, legal *demais*.

A desconfiança de Bree deve ter ficado óbvia porque Charlie lhe tocou no braço, fazendo-a encará-lo.

- Eu estou dizendo a verdade.
- Ela ficou calada durante um tempinho. Não que tivesse muito a dizer, mas pareceu meio inconsistente em sua cabeça, impróprio para o que eram agora. Havia dúvidas, também, sobre o porquê de ele ter aparecido ali, o que aquilo significava, e por que diabos ela continuava a imaginar estar vendo desejo no olhar dele quando o desejo não era algo possível?
- Minha comida está no forno – disse ela.
- Claro – falou ele, olhando para ela, esperando por...?
- Depois de embalarmos tudo e guardarmos no freezer, nós vamos sair para beber.
- Nós?
- Rebecca, Lilly e eu. Quer?
- Quanta gente. Talvez pudéssemos reduzir um pouco?

Era tentador; é claro que Bree queria ficar a sós com ele, mas o fato de ele mesmo ter sugerido isso confundiu ainda mais a cabeça dela.

– A gente não tem se visto muito, por causa das festas, compromissos e tudo o mais. Entendo se você preferir não se juntar a nós.

– Não. Eu gostaria de ir, sim.

Bem, droga. Por que ele iria querer sair para beber com elas? Rebecca! Essa podia ser o motivo.

– Ótimo. Você pode nos ajudar a guardar a comida. Assim vai mais rápido.

– Formidável – disse ele, e Bree sorriu diante do tom impostado dele. – Agora que você sabe que eu preparo um chá maravilhoso, você vai me querer na cozinha para sempre.

A risada de Bree falhou, e um rubor atingiu o rosto de Charlie. Ela acelerou, tanto que precisou olhar por cima do ombro para dizer:

– Não vou matar você. Prometo.

Ele parou completamente.

– Vou acreditar na sua palavra – disse ele, assumindo um tom bem-humorado, mas falhando.

Bree se obrigou a se concentrar no preparo da comida, e não na confusão em sua cabeça.

O BAR não era muito vistoso. A maioria usava roupas de trabalho como Bree e suas amigas. Ela estava disposta a apostar que todos estavam se perguntando o que diabos Charlie Winslow estava fazendo em um bar abaixo de chique em uma noite de quarta-feira.

E se Bree interpretara Charlie corretamente, ele não parecia se importar. Chamou o táxi, insistiu em pagar pela viagem curta e, em seguida, as guiou bar adentro como se aquela fosse a próxima parada no passeio pela Semana de Moda.

As mulheres no lugar o devoravam com uma fome indisfarçável, o tipo de olhar que fariam até uma estátua corar, e Bree só conseguia pensar: *era eu quem estava com ele na outra noite.*

Nua. Ela precisava parar com isso *agora.*

Eles pegaram uma baia nos fundos, e Charlie sentou ao lado dela, grudadinho nela do joelho ao ombro. Teria sido mais fácil se ele não tivesse tirado o casaco, mas não, agora era só ele em sua camisa branca apertada, calças pretas retas e o corpo delicioso, contraindo os músculos nas coxas e bíceps...

– Bree?

– Hum?

– Bebida?

– Ah. Sim. Tequila Sunrise, por favor. Bastante Grenadine.

– Entendi. – Charlie se levantou e ela imediatamente sentiu-se mais relaxada. Caramba, será que o sujeito não conhecia o conceito de espaço pessoal?

Lilly se inclinou sobre a mesa no momento em que Charlie se afastou. A música não era ensurdecedora, mas mesmo assim ela precisou gritar.

– Ai, meu Deus, Bree, por que você não me contou que estava namorando Charlie Winslow?

– Não estou. Não de fato.

Lilly lançou um olhar penetrante a Rebecca antes de se voltar para Bree.

– Não entendi.

– A coisa toda é um truque do blog para angariar leitores. Não é grande coisa.

– Tá bom – disse Lilly lentamente. – Diga isso a alguém que não tenha visto o jeito como ele

olha para você.

– Sério, Lilly? Pare com isso. Será que um cara como ele sinceramente iria querer namorar uma garota como eu?

– Sim!

– Por que não?

Bree piscou para suas amigas. Claro que diriam isso. Qual era a alternativa? “Sim, você está certa, ele poderia conseguir algo muito melhor?”

– De qualquer forma – disse Bree, ignorando a ambas. – Está sendo ótimo. Eu tenho que ir a festas da Semana de Moda, e ele está publicando alguns textos meus, o que vai chamar a atenção dos meus chefes. É um passo enorme na escada para o sucesso. Todo mundo sai ganhando, principalmente eu.

Rebecca pigarreou, e Bree, relutantemente, encontrou o olhar da outra. Ela não parecia satisfeita.

– Por que Charlie está aqui esta noite? – Ela quis saber.

– Coisas do blog.

– Como os textos são mandados via internet, não teria sido mais fácil para ele, sei lá, enviar esse material para você por e-mail?

Bree abriu a boca, mas não tinha resposta.

EXCETO POR todo aquele discurso estilo psicologia para leigos de Rebecca em frente à igreja, Charlie teve uma noite ótima. Ele poderia ter passado sem a parte de guardar comida na cozinha, se bem que não, isso também tinha sido muito legal. Rebecca estava certa sobre uma coisa: ele quase nunca fazia coisas normais. Nada de compras na mercearia, nada de compras em geral, não quando era fácil ter tudo entregue em casa ou organizado por sua faxineira.

Charlie ia a exposições ou estreias, e não ao cinema. Ele recebia antecipadamente cópias de livros e filmes, convites para festas de Nova York a Milão, Paris, Londres, Dubai, Los Angeles. Ele não ficava fazendo vias sacras em bares, e esta noite era a primeira vez em muito tempo que bebia com pessoas reais em um bar normal em vez de estar com celebridades atrás de uma corda de veludo.

Ele gostou de tudo, desde a música na juke-box até as gargalhadas da multidão na happy hour depois do trabalho. Charlie fora lembrado dos velhos tempos, quando ele estava apenas começando seu primeiro blog. A única parte chata da noite foi seu final. Colocando Bree em um táxi. Sozinha. E, em seguida, chamando um táxi para si.

Charlie se consolou com o fato de que o dia seguinte seria repleto de ocupações para sua mais nova colaboradora no blog. Depois de oito horas no emprego, ela ficaria na correria com a estilista, daí haveria a festa de uma exposição de arte, a qual não começaria antes das dez. Bree teria sorte se conseguisse garantir umas quatro horas de sono, e como ele era um desgraçado egoísta, manteve-a acordada até tarde esta noite.

Não queria que a noite acabasse. Mas acabar mesmo assim, tal como todas as coisas, e em uma semana, mais ou menos, seu período com Bree seria mera lembrança. Se tudo desse certo, ele a usaria na nova coluna, e eles se esbarrariam em festas e lançamentos. Mas Charlie superaria. Era isso que fazia. Era melhor assim.

Pensou novamente nas palavras de Rebecca. O fato de seus familiares sentirem-se atingidos pelo que ele fazia para viver era problema deles, não de Charlie. Ele avisara a eles durante todos os anos do colegial que não ia seguir o protocolo. A ideia de ele entrar para a política era ridícula. Eles já deveriam saber disso, sem precisar dele para lhes esfregar isso na cara. Mas só viam o que queriam ver.

A resposta dele poderia parecer radical para qualquer um fora da família. Ser preso em um escândalo público em seu último ano na faculdade foi, ele admitia, um passo dramático. Mas Rebecca, dentre todas as pessoas, deveria ter compreendido. Ele fizera o necessário. Seu sucesso fora uma questão de habilidade, planejamento, e sim, sorte. Por que ele iria querer continuar a prosperar? Teria sido bom estar com Bree. Não dava para negar a atração. Mas ela não se encaixava. A não ser como um chamariz temporário, uma barra lateral, uma emenda no blog.

E na cama dele. Meu bom Cristo, ela se encaixava muito bem lá.

Charlie olhou pela janela quando o táxi parou diante de seu prédio. A vida era feita de escolhas. Algumas mais difíceis do que outras. Diabo, ela era só uma garota. Ele tinha aprendido há muito tempo a não romantizar o sexo.

A ESTILISTA, Sveta Brevda, era alta, maníaca e magrela como um cachorro galgo, e ela brandia suas opiniões com punho de ferro. A primeira parada, na Dior!, ensinou Bree a se despir rapidamente, deixar a postura ereta e manter a boca fechada.

Ela perdeu o constrangimento de ficar nua lá pela sétima loja. Não importava quem estivesse no provador. Vendedores. Amigos de vendedores, homens, mulheres.

Provavelmente até o cara da entrega de pizza estava parado na saída, balançando a cabeça enquanto a observava deslizar em um vestido colado ao corpo e usando absolutamente nada por baixo, como se ele estivesse escolhendo cortinas. Mas as roupas eram...

Bree não tinha adjetivos para classificar. Isso deixava claro o quanto as roupas eram fantásticas. E os acessórios? Meu Deus, ela tinha morrido e ido para o céu. Mesmo que os sapatos torturassem seus pés, que não conseguisse respirar nos dois vestidos que eram um número menor do que o seu, ou estivesse sendo virada, inclinou-se, estimulada a desfilar como um pônei de exposição, pois a tortura valia totalmente a pena, porque ela poderia ficar *com tudo*.

Mesmo considerando a parte em que a assistente grisalha da Prada enfiou a mão no corpete e levantou os seios nus de Bree, agora *eis aí* um belo relato para o blog.

Tudo isso feito com a velocidade de uma montagem de cenário: táxis eram chamados segundos antes de elas saírem, as seleções de roupas eram feitas de forma sobrenatural e perfeita, e ela finalmente entendeu o valor de um bom estilista.

A única coisa que faltava era Charlie. Bree continuava a querer lhe contar as coisas, para ver a reação dele, sentir a mão dele em seu cóccix, mas ele estava trabalhando, e ela também. Só que aquele trabalho a fazia sentir-se como uma rainha de baile e como uma verdadeira modelo, mesmo com todas as roupas necessitando de bainha. Mas, principalmente, como alguém que havia cometido um erro que seria corrigido momentaneamente.

Charlie não era do tipo que cometia erros desta magnitude. No entanto, teria sido melhor se eles tivessem conversado. Bree mandou um torpedo para ele enquanto estava em um táxi, o único momento em que conseguiu parar para fazê-lo, mas Charlie estava em reunião, de modo que a resposta teria de esperar.

CHARLIE PRECISAVA trabalhar para manter sua expressão suave, falar como se a visita de seus pais não tivesse sido algo indesejado e uma enorme coincidência, considerando a conversa que ele tivera com Rebecca na noite anterior. Charlie sempre gostara tanto de Rebecca. Ela era uma aliada, alguém para lhe dar cobertura, sua amiga. A traição realmente foi um golpe duro. Droga.

– Nós não estamos aqui para tomar muito do seu tempo, Charles – disse o pai dele, com o olhar

examinando a sala de estar. Ele e seus pais estavam ocupados catalogando todas as mudanças, as novas luminárias, a chapa que substituiria os tijolos ao redor da lareira. Eles só tinham ido à casa de Charlie algumas vezes ao longo dos anos. Ele sempre preferia recebê-los em território neutro, embora tivesse ido às reuniões familiares, normalmente uma vez por ano, onde quer que estivessem sendo realizadas. Charlie não havia ignorado seus pais completamente.

– Você sem dúvida deve ter notado que Andrew está começando sua campanha e levando isto bem a sério – disse o pai com a voz modulada e suave. Essa tinha sido uma das primeiras lições dos Winslow. Fale suavemente. Faça-os *escutar*. – Estamos muito satisfeitos com os endossos que ele tem recebido, mas o comitê está fazendo o orçamento da publicidade, e naturalmente o nome do seu grupo de blogs surgiu.

Então aquilo não tinha sido coisa de Rebecca. Charlie não conseguia distinguir o tom de seu pai. Mais uma lição aprendida quando ele era garoto. Nunca entregar nada, nem na expressão, nem no tom, nem na postura.

Os Winslow eram a imagem da elegância por excelência. Os pais de Charlie não usavam nada pomposo, porém tudo era meticulosamente escolhido para evocar o status deles. Os relógios mais caros, sapatos artesanais italianos, alfaiataria das melhores mãos de vários países.

Os pais dele impunham respeito, e faziam todo mundo de fora da família sentir-se pequeno e insignificante. Educados ao extremo, eles irradiavam poder e privilégio.

Cristo, o que eles tentaram fazer com ele. Charlie tinha certeza de que não iriam mencionar que esta na verdade deveria ser a campanha dele caso ele não tivesse sido tão rebelde.

– Gostaríamos muito de utilizar a relação familiar nos dois blogs mais adequados para este tema, o *Dollars* e o *NYPolitic*.

– Não – disse Charlie. – Não vou promover a pauta da família em meus blogs. É impróprio, considerando que acho Andrew uma escolha monumentalmente ruim para o senado.

O celular de Charlie vibrou novamente, e ele o tirou do bolso e encontrou mais uma mensagem de Bree. Não podia lê-la agora.

– Nós não estamos pedindo mudanças editoriais ou seu apoio pessoal – disse a mãe dele. – Só queremos espaço em destaque para propaganda. Isso significaria uma receita expressiva para você.

Charlie olhou para sua mãe, sabendo que estava irritada por ele não ter lhes oferecido bebidas. Seria apenas sinal de educação, a coisa certa a se fazer, mesmo para hóspedes indesejados. Na casa dela, nada disso teria acontecido.

Ele sorriu quando olhou ao redor. Aquele era o lar dele.

BREE E seu pelotão pararam novamente na Madison Avenue, desta vez para ver os sapatos. Ou talvez uma bolsa, ela não tinha certeza. E aquele sotaque bielo russo de Sveta não ajudava, era quase ininteligível. Bree passava a maior parte do tempo fazendo sim com a cabeça e tentando acompanhar e não se deixar humilhar nos templos da moda: Versace, Chanel, Anna Sui. Eram aqueles tipos de lojas que só tinham alguns itens expostos artisticamente num esnobismo minimalista. Onde recepcionistas deslumbrantes serviam um champanhe excelente e conheciam todos os detalhes do design e da fabricação das roupas em exposição. A música era sempre... interessante. Nada que você ouviria dentre as dez mais do rádio, porque *isso* poderia ser

conseguido nos shoppings de New Jersey.

As etiquetas de preço eram de fazer hiperventilar. E mesmo que as seleções para Bree não fossem o top dos tops de linha, elas ainda eram extravagantemente bizarras. Na verdade, Bree estava em outro mundo, na vida de outra pessoa. O mundo de Charlie. Como ela posou para mais uma fotografia usando um par de saltos que, provavelmente, a deixariam aleijada depois de cinco passos, ela lembrou a si que era uma mera visitante. Uma turista. Nada mais.

O PAI de Charlie se levantou e nem mesmo foi capaz de controlar a forma como a pressão arterial subiu, avermelhando seu rosto.

– Andrew é da família, Charles. Ele é um Winslow. Temos permitido que você defina o seu próprio curso, se divirta, mas você está interferindo em nosso legado. Não vou aceitar isso.

Charlie se aproximou da porta, foi até o armário onde pendurara os casacos dos pais.

– Hum. É bom saber que algumas coisas não mudam. Vocês continuam presos à crença absurda de que têm alguma influência sobre mim ou minha vida. É bom manter nossas tradições.

– Charlie – disse a mãe, tão ofendida quanto o pai de Charlie, porém menos corada. – Já chega. Nós somos seus pais.

Ele se aproximou e estendeu o casaco à mãe.

– Obrigada pela visita. Espero que tenham tido boas férias em St. Barts.

Ela olhou para o marido, que pegou os dois casacos das mãos de Charlie. Não chegou a rasgá-los no tranco. Mas foi por pouco.

– Nós nos lembraremos disso, Charles – alertou o pai.

– Espero que sim. – Charlie os conduziu até a porta. Quando foi fechada atrás deles, ele ainda estava tremendo de raiva. Precisava esfriar, relaxar a respeito daquela visita, a respeito das mensagens. Queria que Bree estivesse ali.

Ele nunca havia mencionado seus pais a Bree, nem perguntara sobre os dela. Eles não eram amigos. Sim, Charlie ficava à vontade com ela. Tudo bem, isso não acontecia mais com a mesma frequência. Mas não. Ele não ia falar com Bree sobre seus problemas paternos. Jesus.

Pegou o telefone celular e clicou no primeiro dos torpedos dela. Quando chegou ao seu escritório, Charlie estava sorrindo.

FINALMENTE, ELES tinham roupas mais do que suficientes para Bree enfrentar pelo menos uma semana de festas. A mais extravagante era o vestido Marchesa para a estreia do filme *Cortesã*. O vestido de noite, preso com alfinetes por um bando de costureiras para caber no corpo dela, estava tão fora de sua alçada que chegava a doer.

Eram quase oito da noite quando o táxi chegou na casa de Charlie. Sveta não precisa se anunciar. O pessoal da recepção assentiu respeitosamente quando os porteiros a ajudaram a trazer sacolas e mais sacolas, caixas e mais caixas. Bree se apoiou na parede espelhada do elevador, em seguida inspirou profundamente algumas vezes antes de elas entrarem na casa de Charlie. O olhar dela foi imediatamente atraído para o corredor que levava ao quarto dele, e a realidade do novo acordo entre eles a deixou aflita. Em seguida, Charlie entrou no átrio, e tudo o mais ficou vago aos sentidos dela.

Ele sorriu abertamente quando os olhares de ambos se encontraram. Bree estremeceu quando ele se aproximou, sabendo que ele iria tocá-la, e que ela estava autorizada a retribuir o toque, mesmo diante de Sveta e dos porteiros. Que bênção confusa. Ela podia tocá-lo, mas não tê-lo para si.

Bree não se arrependia de sua decisão de manter o relacionamento fora do quarto. Era a decisão acertada, o jeito maduro de prosseguir. E também era uma porcaria.

– Isso é coisa demais – disse ela, enquanto encarava os olhos escuros de Charlie. Ele acariciou os braços dela, e as palmas pairaram pela pele até os pulsos, depois subindo novamente. Ele a beijou, na boca, sim, mas no momento em que houve um indício de calor, ele recuou. Bree se perguntou para quem estava sendo a exibição daquele beijo. Sveta? O restante da equipe? Tinha que ser.

– Não é – disse ele. – Faz parte do show.

– Charlie, eu vi as etiquetas de preço.

Ele sorriu.

– Quase tudo foi de graça.

– Nada é grátis. Eu sei que há uma permuta, mas nem mesmo sou famosa.

– Você vai ser.

– Em uma semana? Duvido.

Ele a conduziu mais para dentro de seu apartamento enquanto Sveta levava os porteiros por um corredor, os saltos estalavam tão rapidamente que Bree se perguntava se seria rude sugerir a ela passar a beber café descafeinado.

– Você não vai estar na capa da *People* – disse Charlie –, mas vai ser conhecida na cidade, onde importa.

Ele fez uma pausa, com a palma da mão quente na pele de Bree. Quando voltou a falar, a voz soou meio apertada, tal qual os dedos dele.

– Você está com um Winslow agora, e os Winslow são o centro do poder nesta cidade, você não sabia?

Bree parou. Não tinha certeza do que estava acontecendo, mas sentia-se desconfortável. O que tinha acontecido durante aquela reunião? Charlie dispensou as dúvidas e inseguranças dela, disse-lhe que estava tudo bem, mas obviamente aquele não era o caso.

– Todas as peças de roupa vão ter um monte de milhagem nos blogs – explicou ele, soltando Bree. A voz tinha mudado de volta para algo menos estridente, algo mais Charlie. – Além de suas barras laterais, tenho alguns colaboradores de moda que vão linkar você nas próximas semanas. Garanto que vai haver um monte de versões das peças na Macy's em abril.

Bree forçou um sorriso, mesmo sabendo que ele estava chateado, que aquele último discurso era um modo de ele conseguir se reorientar. No entanto, Bree não tinha o direito de perder a ele para se abrir com ela, para lhe dizer qualquer coisa sobre sua vida privada.

– Já trabalhei num primeiro rascunho do material que será montado por uma equipe de designers de primeiro escalão.

– Mal posso esperar para ver.

O estalo dos saltos de Sveta anunciava sua entrada na sala de estar.

– Venha se vestir agora.

Bree verificou com Charlie.

– É uma sala de imprensa. Usada para esse tipo de coisa.

– Você arruma todas as suas mulheres?

Ele abriu a boca, mas Bree correu para acompanhar Sveta, não querendo ouvir a resposta.

A sala em si se entregava, no entanto. Havia espelhos, estações de cabelo e maquiagem, racks de roupas. Muitas prateleiras continham roupas masculinas, mas havia peças femininas também, todas deslumbrantes. Em concordância chocante às boas maneiras, havia um biombo num canto. E também havia gente. Cinco pessoas: um delas era um fotógrafo que Bree vira na festa da Mercedes. Seu assistente estava acertando a iluminação. Ao lado, havia painéis gigantes em rolos para mudanças de cenário, peças de tecido, prontos para serem posicionados para qualquer tipo de fotografia.

Havia até mesmo uma máquina de costura num canto, a qual Bree desejava examinar. Provavelmente era a Ferrari das máquinas de costura e ela ficou com tanta inveja de chorar por uma semana.

– Troque de roupa – disse Sveta, segurando o vestido roxo com decote em V adquirido da coleção Victoria Beckham.

Bree obedeceu, até parece que teria a ousadia de fazer qualquer outra coisa. Em segundos ela tirou sua roupa de trabalho velha e entrou no vestido magnífico, até porque a única roupa de baixo era uma calcinha fio dental barata. Bege, de propósito.

No momento em que Bree saiu de trás do biombo, foi coberta por um avental, sentou-se em uma cadeira e foi atacada por um monte de mãos tocando seu cabelo, seu rosto, suas unhas. As luzes deixavam tudo mais intenso, mais quente, mais assustador, e quando alguém disse “Está aberta”, ela abriu a boca, e daí alguém puxou seu cabelo para que ela ficasse na posição certa.

Sua intimidade nunca tinha sido tão invadida. O cheiro de muitos hálitos e colônias passou de enjoativo para desagradavelmente pegajoso, e se aquilo não acabasse logo, ela ia ter que tomar providências, impedi-los de alguma forma.

– Ei.

A voz de Charlie cortou o ambiente e em dois ou três segundos tudo que a tocava, escovas, dedos, lixa de unha, curvex, se afastou. Bree suspirou de alívio, e notou que estava segurando os braços da cadeira de maquiagem tão firmemente que os nós dos dedos estavam brancos.

Ela observava Charlie no reflexo do espelho, sentia a mão dele em seu ombro.

– Eu nem sequer perguntei – disse ele. – Você já comeu alguma coisa hoje?

– Eu almocei.

– Mas isso foi o quê, oito, nove horas atrás?

– Por aí.

Os olhos de Charlie semicerraram-se no espelho e ele se virou para Sveta.

– Quanto tempo até ela ficar pronta?

– Cinco minutos. Unhas da mão esquerda. Rímel. Batom.

– Não passe o batom ainda. Termine o restante. Imagino que você também não tenha comido.

Não, não olhe para mim desse jeito, você precisa comer alguma coisa. Tem comida na cozinha. O suficiente para todo mundo.

Antes de se voltar para Bree, Charlie lhe apertou o ombro e sorriu.

– Não vai ter nada pegajoso ou que escorra, mas sugiro manter o avental. Só para garantir.

Podemos conversar sobre a festa de hoje à noite enquanto comemos.

Ela assentiu com a cabeça. Calmamente. Tocada pela consideração dele. Ela não havia percebido que seu pânico era a fome. Principalmente fome.

Incapaz de se virar, Bree ainda conseguia enxergá-lo do espelho quando Charlie foi até a prateleira de ternos, pegou um e saiu. Da porta, ele se virou e piscou para ela.

Antes que ela pudesse ao menos sorrir, sua mão foi agarrada e a câmera começou a clicar sem parar.

A MELHOR parte depois do evento foi Bree, mas mesmo ela não fora distração suficiente para impedir Charlie de pensar em seus pais. Tinha ligado para Rebecca, mas ela não retornara, e os seus pensamentos ficaram revolvendo naquela tarde. Como eles ousavam achar que ele seria tão sem moral e passaria dos limites promovendo a campanha dos Winslow em seus blogs? Deus do céu, aquilo o irritou.

Ele olhou para cima quando o garçom do Pyramid Clube chegou com vodca. Ele tinha deixado sua atenção dispersa de novo, embora nesse momento não houvesse muito mais a ser visto. Bree estava de pé contra a parede de tijolos pretos, linda com seu vestido roxo e saltos impossíveis, cercada por jornalistas experientes e aspirantes à fama.

Charlie tinha avisado que isso iria acontecer. O texto do blog desta manhã assegurara a Bree o posto de celebridade de segundo escalão, o que significava “famosa por associação”. No entanto, ele tinha a sensação de que não ia levar muito tempo para ela fazer sucesso por conta própria.

A maioria das celebridades de verdade estavam amontoadas do lado de fora, no fumódromo, congelando seus traseiros enquanto falavam mal de todos lá dentro, e Charlie deveria se juntar a elas, ele seria capaz de tolerar a fumaça durante alguns minutos. Mas Bree era muito mais atraente.

Ela ergueu o copo de suco de abacaxi, mas foi seu sorriso radiante que informou a Charlie que ele tinha feito a escolha certa.

– Está se divertindo? – perguntou ele depois de se esquivar de bebidas e bêbados para chegar até ela.

– Estou meio atordoada – disse ela. Ou melhor, berrou. O nível de ruído nesse tipo de evento ia acabar deixando Charlie surdo antes de chegar aos 40 anos.

– É tarde. Não vamos demorar a ir embora.

– Quando você quiser.

Na verdade, não estava tão tarde. Tinha acabado de passar da meia-noite. Mas Bree tinha trabalho a fazer na parte da manhã, precisava escrever o texto a ser linkado na barra lateral. E Charlie queria algum tempo a sós com ela, no qual não precisassem ficar falando sobre quem deveria ser procurado, quem deveria ser evitado. Ele estendeu a mão.

Os flashes pipocavam enquanto eles seguiam para a saída. Não foi uma surpresa terem sido interrompidos várias vezes, entretanto a limusine não demorou muito a chegar.

Uma vez lá dentro, Charlie entrou e esperou que Bree sentasse ao lado dele. Em vez disso, ela se encolheu contra a outra porta.

– Você está bem?

– Tudo bem.

– Você parece... fria.

– Não – disse ela, puxando a saia, evitando o olhar dele. – Estou bem. Talvez você pudesse ligar para a portaria do seu prédio e perguntar a eles a chegada estimada de um táxi por lá...?

– Nós vamos levar você para casa.

– Minhas roupas estão na sua casa.

– Você está usando suas roupas.

Ela olhou para ele.

– Verdade. Eu tinha me esquecido.

Charlie se aproximou dela, preocupado.

– O que está acontecendo, Bree?

Ela cruzou as mãos no colo, com força.

– Eu ia te perguntar a mesma coisa.

– O quê?

– Você esteve nervoso durante a noite toda. Está certo que não te vi em muitos eventos, mas nas vezes em que vi você pareceu ser a pessoa mais relaxada do lugar. Hoje não. Na verdade, senti que tinha alguma coisa errada com você.

Charlie se afastou dela, nem um pouco confortável por saber que havia mais uma pessoa capaz de decifrá-lo. Não eram muitas que conseguiam isso. Naomi. Rebecca. Seu colega de quarto da faculdade. Charlie gostava que fosse assim. Foi necessário muito tempo para cultivar a imagem ideal para seu trabalho, e Bree, de Algum Lugar em Ohio, já havia perfurado seu exterior cuidadosamente elaborado de mais formas do que Charlie gostava de pensar. Ele cogitou mudar de assunto durante o restante do trajeto, deixando claro para Bree que ela havia ultrapassado um limite.

Em vez disso, ele encontrou o olhar dela.

– Meus pais vieram aqui hoje.

Ela certamente pareceu assustada diante da confissão dele. Mas não foi a única. Mal conhecia aquela mulher. E no entanto...

– Eles queriam que eu fosse para a política – contou ele. – Desde que eu estava no colégio.

– Sério?

– Os Winslow têm grande influência política ao longo das gerações. Era hora de preparar um novo senador para Nova York. Minha família é formada por planejadores de longo prazo.

– Obviamente você não estava entusiasmado com a perspectiva...?

– Não. Não estava. Mas para eles isso não importava. Desde cedo fui ensinado que tinha a obrigação de trabalhar num cargo público. Que a nossa vida privilegiada significava que devíamos nos dedicar a uma causa maior, que o que desejávamos era imaterial. Isso soa muito bem na teoria, nobre e filantrópica. Mas tinha mais a ver com manter a família na camada superior da sociedade do que com filantropia. Meu destino deveria incluir a faculdade de Direito, um perfil no periódico *Harvard Law Review*, uma empresa de prestígio, um escritório municipal, um cadeira no Congresso, e então o Senado. Levando o estandarte da herança Winslow.

– Uau, não consigo enxergar você como advogado. Político então, nem pensar.

Ele deu um sorriso irônico.

– E você me conhece há o que, uma semana? O que isso lhe diz sobre minha família? – Charlie

olhou pela janela por um segundo. Esse negócio de confissão era tão esquisito quanto usar as roupas de outra pessoa. – Não é que eu não acredito em cargos públicos, eu acredito. Eu levo isso a sério. – Ele encarou Bree novamente. – Só que eu não queria era viver uma mentira.

– Então você resolveu se tornar um magnata da internet?

– Mais ou menos – disse ele, consciente de que seu meio-sorriso automático dizia mais do que a maioria de suas conversas com as mulheres com quem dormira. – Eu não imaginei que os blogs fossem se tornar tão grandiosos. Não estou reclamando. Eu estava no lugar certo e na hora certa. Eu queria ser independente.

– Funcionou. Você é. E muito bem-sucedido.

– Sim. Funcionou. E vai continuar a funcionar. – Ele estudou as próprias mãos. Charlie era o único que deveria desconcertar suas companhias. Era muito bom nisso, mas Bree não estava nem perto disso, então fosse o que fosse, aquilo não era um jogo de poder. Não, ele havia aberto mais uma porta para ela. Bree era diferente, a exceção da regra. Deixava-o tenso.

Permitir que seus pais mexessem com ele era francamente constrangedor. Na maior parte do tempo, eles não conseguiam isso. Charlie tinha acabado de ser pego de surpresa, só isso. Mas admitir isso a Bree? Jesus.

– Então a visita deles foi desagradável?

Charlie estendeu a mão e segurou a de Bree. Ela estava fria, caramba.

– Foi breve – respondeu ele. – Deixei minha opinião bem clara. Eu já disse o quanto você está bonita hoje à noite?

Ela olhou para ele, para as mãos entrelaçadas de ambos, e então de volta para ele.

– Sim, várias vezes. Obrigada.

– Estou deixando você desconfortável?

Bree suspirou quando puxou sua mão livre.

– Não é que eu não queira...

Charlie assentiu, se recostou no banco. Incrivelmente cansado de repente. Talvez ele estivesse ficando doente.

A NOITE de sexta-feira chegou juntamente a um smoking para a estreia do filme *Cortesã*, e a única razão para torná-la suportável era saber que Bree estava na sala de imprensa sendo preparada. Charlie iria ver como ela estava se saindo depois que estivesse arrumado, embora dessa vez ele se certificasse de que ela comeria alguma coisa antes de Sveta levá-la embora.

Enquanto ajeitava a gravata, Charlie pensava na noite que os aguardava, satisfeito porque Bree caminharia num tapete vermelho legítimo. Um sonho se tornando realidade, literalmente, ela dissera a ele.

Quanto menos ela dormia, Charlie descobrira, mais revelava sobre si. Sobre como ela praticava seu discurso ao receber o Oscar quando era menina, em frente ao espelho do banheiro, segurando uma garrafa de xampu ou uma escova de cabelo. E muito proposadamente *não* agradecia a quem lhe era irritante no momento, então algumas vezes era um de seus irmãos, um professor, um amigo ou um de seus pais.

Aquilo o fez rir quando eles relaxaram no banco traseiro de uma limusine, e também o fazia sorrir agora. Charlie conseguia imaginar aquilo facilmente. Ele se perguntava se ela sempre tivera o cabelo curto. Provavelmente, já que tão baixinha. Você não iria querer esconder nenhuma parte do seu rosto, não com o cabelo, nem com muita maquiagem. Sveta acabara sendo a estilista perfeita para Bree. As pessoas prestavam muita atenção nela.

Seus blogs estavam ganhando muitos acessos. As visitas únicas eram muito maiores se comparadas às obtidas com a maioria de seus novos colaboradores, o que fazia sentido porque era uma abordagem inédita. Charlie nunca pedira a um de seus companheiros para escrever diretamente.

Grande parte do buchicho era sobre eles dois, naturalmente. Estavam juntos? Não estavam? Houve gente publicando que Bree tinha ido embora em um carro separado no final de uma das noites de festa, e a fachada do prédio de Charlie havia ganhado mais alguns paparazzi esperançosos de flagrá-la saindo constrangida de lá pela manhã. A especulação sem confirmação era exatamente o que Charlie estivera esperando.

Bree apareceu em quase todos os sites e feeds de fofoca, bem como nos tabloides.

Ele vestiu o paletó, feliz por ele ter escolhido algo tão tradicional. Lindamente cortado, nada radical. Ele queria que Bree brilhasse sozinha esta noite. Ele não tinha ideia do que Sveta tinha escolhido para ela, e se perguntava como a estilista iria superar o visual da noite anterior. Bree o surpreendiera totalmente ao fazer sua entrada.

Pensando bem, toda vez que Charlie a via, ela o surpreendia. Provavelmente tinha a ver com o fato de ele tê-la tão perto e tão intocável. Opa, eis um pouco de demonstração de interesse por parte de seu membro, isso não é bom para o corte do smoking. Não é bom de muitos jeitos. Ela estava fora dos limites. As estatísticas não mentiam, e este novo negócio tinha aumentado os

cliques do NNY de maneira notável. Aquilo poderia matá-lo, mas ele se manteria fiel ao combinado. Infelizmente, isso significava ser patético. Muito patético.

Charlie olhou para o relógio, verificou se tudo de que precisava estava nos bolsos e, em seguida, entrou na sala de estar. Olhou para a porta aberta no átrio e se perguntou por que não tinha levado Bree ao seu escritório. Não era tão longe do elevador. Então, novamente, eles não vinham tendo muito tempo para nada, senão para o trabalho.

Charlie ouviu Sveta no corredor, e virou-se em expectativa pela chegada de Bree. Droga. Ela fez aquilo de novo. Foi como um tapa na parte de trás de sua cabeça.

Bree era uma visão do paraíso. Tanto esforço para não ficar excitado esta noite. Ele teria de colocar seu membro em uma camisa de força para conseguir se controlar e, sim, não precisava estar pensando naquilo quando Bree veio em direção a ele com um sorriso que o fez se esquecer de como respirar.

O vestido branco e roxo tomara-que-caia tinha um design estruturado que parecia origami. Charlie olhou para o rosto dela, depois para o trecho de pele nua que ia do longo pescoço até o busto. A cintura dela parecia minúscula, as pernas esbeltas, porém curvilíneas, e com aquele sorriso e olhos esfumados, ninguém seria capaz de desviar o olhar.

Jóias teriam sido redundantes.

– Bem – disse Bree, dando de ombros muito sutilmente.

– Você está linda. Vai ser a mulher mais bonita no tapete vermelho.

Bree corou, revirando os olhos. Charlie a deixou pensar que estava de papo furado.

Ele segurou as mãos dela e a beijou nas bochechas. Muito europeu. Todo profissional. Nem perto do que ele queria. Charlie a beijara na boca na primeira noite, quando mal a conhecia, e agora ele ansiava por lhe tomar a boca de novo, para prová-la, e não apenas os lábios.

– Temos uma meia hora antes de irmos. Quer uma bebida?

– Só água – disse ela. – Por mais empolgada que esteja, estou tão incrivelmente cansada que temo que um simples gole de bebida vá me fazer desmaiar.

– E isso não pode acontecer. – Ele assentiu em direção ao sofá. – Sente-se. Vou trazer água, e então cuidar do restante da nossa equipe.

– Diga-lhes novamente que são maravilhosos, sim? Eu já disse, mas acho que eles pensam que sou obrigada a dizer isso. Mas não sou. Eles são verdadeiros magos.

Como ele poderia não gostar dela? Ela era a anticelebridade, a cura para o cinismo de Nova York com arrepios autênticos e uma empolgação descarada. Mas até mesmo ele era capaz de enxergar que ela não tinha exagerado sobre seu cansaço. Não que outra pessoa fosse notar, mas ele a estivera observando durante dias, com muita frequência e muito profundamente. Havia mais maquiagem abaixo dos olhos dela esta noite. Charlie se perguntava se deveria cancelar a ida à inauguração de uma boate na noite seguinte. Bree precisaria trabalhar por algumas horas amanhã de manhã, mas depois ela planejou dormir pelo restante da tarde. Ele duvidava que seria suficiente.

Charlie buscou a água enquanto ela se acomodava no sofá, uma verdadeira proeza com aquele vestido. E então ele transmitiu os elogios dela à equipe, e Charlie também elogiou seu pessoal, depois os acompanhou até a porta. A limusine estaria chegando a qualquer momento.

Dava para ver o cabelo escuro de Bree acima da borda do sofá, e Charlie precisava lembrá-la

de trazer outro par de sapatos para quando voltassem para a limusine. Como é que as mulheres conseguiam andar com aqueles saltos absurdos...

Bree ficou descansando no sofá de couro com uma perna enroscada debaixo de si. O copo, agora vazio, se inclinava na mão dela em um ângulo de 30 graus. Ela estava dormindo.

Depois de tirar o copo das mãos dela cuidadosamente, congelando por um segundo quando ela ronronou baixinho, Charlie tocou suavemente seu ombro nu.

– Bree? Bree, temos que sair agora.

Ela resmungou alguma coisa e acomodou o rosto na almofada novamente.

Odiava ter de perturbá-la. Charlie roçou as costas de seus dedos na bochecha dela.

– Bree – dizia ele enquanto sentava-se ao lado dela. Queria acordá-la, não assustá-la. – Eu sei que você está cansada, mas é a estreia do filme. As estrelas de cinema! Glamour! Luzes, câmeras, ação!

Ela se inclinou em direção a ele. Charlie se reposicionou rapidamente, de modo que Bree se apoiasse no ombro dele, mas não no ossinho duro. Ela caiu de encontro a ele, a perna que estava dobrada debaixo dela agora num ângulo estranho. Ao mesmo tempo que estava desajeitada e não muito elegante, não parecia desconfortável.

Foi muito fácil mudar de posição para passar o braço ao redor das costas dela, abraçá-la bem pertinho, inalar o perfume dela. O apoio se transformou em aconchego e ele suspirou quando pensou em seu movimento seguinte. Então, com a mão livre, pegou o celular. Precisava telefonar para Naomi, já que não era adepto de enviar torpedos usando apenas uma das mãos.

– Você está no carro?

Ah, a voz. Carro virava “carr”, e ele não conseguia parar de sorrir.

– Não – sussurrou ele.

– O quê?

O fato de ela conferir um tom de rusga a palavra tão simples lhe rendia partes iguais de diversão e de calafrios.

– Nós não vamos. Danny pode ir no meu lugar. Mas entre em contato com ele depressa, no entanto, porque ele não vai estar arrumado para a ocasião.

– Por que você não vai? Por que você está sussurrando? Charlie, o que você fez? Tem a ver com a garota, não é?

– Shhh – censurou ele, embora a voz de Naomi no celular não fosse capaz de acordar Bree. – Ela está passando mal. Vai ficar tudo bem.

– Como é que vai ficar tudo bem? Você tem prazos. Sabe quantos comentários recebeu no blog hoje? Mais 2 mil e 500. E você me arranja um atestado por doença? Que diabos, Charlie?

– Vai dar tudo certo. Como sempre.

– Sim, mas veja bem com quem você está falando, querido, e ‘como sempre’ é o escambau.

– Naomi. Ligue para Danny. Mandarei os textos e as fotos para você na parte da manhã.

Charlie desligou antes que ela lhe desse mais aborrecimentos e colocou o celular em cima da mesinha de centro. Bree não tinha mexido um centímetro. Ela provavelmente ficaria furiosa com ele por mandar alguém em seu lugar, e Charlie não tinha ideia do que fazer em relação às páginas do blog no dia seguinte, porém, de jeito nenhum ele iria acordá-la. Agora não.

Bree precisava descansar. Haveria outras estreias. Ele usaria a história a seu favor. Na verdade... ele tinha o ângulo perfeito. Tome isso, Naomi.

Charlie criaria uma história no dia seguinte, mas para hoje à noite, Bree era só dele.

BREE OUVIU o latido de um cachorro e, ao mesmo tempo que era um cachorro de verdade latindo, também era um cão que podia ser afastado de uma vez por todas. Um cachorro na televisão. Mas ela não abriu os olhos, ainda não. Estava gostando daquele lugar, o intervalo onde não havia nada desagradável e onde nenhum alarme iria intrometer. O perfume sutil e amadeirado de Charlie a fez suspirar e sorrir. Ele sabia como usar perfume, não era como alguns dos caras do trabalho que tomavam banho de colônia. Havia sempre um indício do cheiro de homem em Charlie, e essa era a melhor parte.

Ela se remexeu um pouco, a cabeça num ângulo estranho e não era o travesseiro dela mesmo, e oh. Estava escuro, muito escuro. A janela de Charlie estava bem ali, do outro lado da mesinha de centro e atrás da televisão imensa. Já era tarde. Errado. Tudo errado.

– Você acordou.

Ela não conseguia enxergar muito bem já que alguns de seus cílios postiços estavam grudados na bochecha, mas olhou em direção à voz de Charlie.

– O que está acontecendo? – Por mais agradável que fosse sentir o peito dele, ela o empurrou, até que seus pés estavam no chão e ela estava sentada como uma pessoa de verdade. – Que horas são?

– Um pouco mais de 21h.

– Nove da noite? Ai, Deus, a estreia foi cancelada? Será que aconteceu alguma coisa ruim? Está todo mundo bem?

Charlie riu enquanto esfregava o próprio ombro, aquele no qual ela estivera aninhada.

– Está tudo bem.

– Nós devíamos estar no teatro às 18h.

– Você estava cansada.

– Eu estava... – Bree arrancou os cílios, que ficaram parecendo duas aranhas na palma da mão dela. Quando ela olhou para Charlie, ele ainda estava esfregando o braço, sacudindo-o. Provavelmente ela dormira em cima dele o tempo todo. Durante horas. Ele havia afrouxado a gravata e o botão superior da camisa também. O apartamento estava mais escuro porque Charlie não havia acendido mais luzes. Ela perdera o evento no tapete vermelho. E ele permitira isso.

– Eu não entendo.

– Aposto que você está morrendo de fome – disse ele enquanto se levantava. – Só sei que eu estou. Que tal comida tailandesa? Talvez um pouco de sopa *Tom Yum*?

– Espere. – Bree levantou a mão para detê-lo, mas foi a mão que segurava os cílios. – Espere. Explique, por favor. Por que estamos aqui? Por que eu estava dormindo?

– Eu já expliquei a você. – Ele se virou para sair.

– Não, você não explicou. – Ela se levantou. A cabeça podia estar confusa e provavelmente estava um bagaço, mas ia obter uma resposta de qualquer jeito.

– Por que você não me acordou?

Charlie continuou seu trajeto até a cozinha, o paletó do smoking balançando, solto, e ela o imaginou tirando-o lentamente, até aquelas calças perfeitamente cortadas caindo.

Os saltos estalavam no chão e faziam Bree se encolher a cada passo. Caramba, aqueles

sapatos eram instrumentos de tortura. Falando nisso, o vestido, o vestido maravilhosamente escultural, agora parecia uma folha mal dobrada. Sveta ia matá-la.

– Charlie!

Ele fez uma pausa. Virou-se. Sorriu para ela.

– Haverá outras estreias. Prometo. Vou compensar você por isto.

– Você não perde compromissos. Nunca. Eu tenho lido seu blog todos os dias desde sempre, e você sempre está lá. Mesmo quando não está, você tem um bom pretexto. Como desastres naturais. E não um braço preso debaixo de uma pessoa dormindo. Então... que diabos?

Charlie suspirou. Deus, ele realmente ficava lindo naquele smoking.

– Tire os sapatos. Dói só de olhar para eles. – Ele continuou andando até a cozinha, e Bree continuou a segui-lo, com a dor em seus pés fazendo-a piscar.

– Na verdade – disse ele, sem se dar ao trabalho de virar –, apenas vista algo confortável. Vamos comer. Você vai ter uma boa noite de descanso e eu também. Vamos voltar à loucura amanhã.

Eles chegaram à cozinha propriamente dita e ele acendeu as luzes. Os olhos de Bree levaram um instante para se adaptar, vendo então que ele estava segurando um punhado de cardápios de entrega. Tudo parecia torto.

– Comida tailandesa? – indagou ele. – Chinesa? Pizza? Pães e bolos? Há um restaurante indiano fantástico aqui perto que faz um frango *tikka masala* sensacional.

Bree inalou, notando que realmente precisava escovar os dentes, e que ainda estava completamente perplexa com tudo que tinha acontecido desde que acordara.

– Tanto faz – disse ela, dando de ombros. – Contanto que não tenha coentro, eu vou gostar. Já volto.

Ela tirou os sapatos antes de chegar à sala de imprensa. O vestido ficou no hall de entrada. Quando ela chegou às prateleiras de roupas, já havia decidido usar um dos robes, porque, caramba, ela queria estar confortável, mesmo que precisasse se vestir para ir para casa mais tarde. Contudo, não escolheu um robe minúsculo, porque não queria que Charlie pensasse que ela queria *aquilo*. Eles não faziam *aquilo*. Ela já havia decidido.

Além disso, havia robe preto longo particularmente bonito com uma garça azul desenhada nas costas cujo tato era como o paraíso sobre a pele nua, e que cobria mais partes do que o vestido fora capaz. Ela nem sequer se importa com o fato de ele arrastar no chão. E daí que ela não era uma amazona? Ela era compacta. Eficiente. Ficava muito mais confortável em assentos de avião.

O banheiro era próximo, e ela entrou num debate interior sobre manter a maquiagem que tinha exigido tanto tempo e trabalho para ser aplicada, mas no final decidiu que não. Demorou mais tempo do que deveria, mas valeu a pena para sentir-se limpa e voltar a ser *ela mesma*.

Bree olhou mais uma vez para o espelho e parou. Não fazia sentido Charlie não tê-la sacudido até acordá-la e eles estarem ali em vez de no Radio City Music Hall. O evento no tapete vermelho já havia terminado há tempos, e essa era a parte importante... e não assistir ao filme. Mas haveria uma festa depois, à qual eles poderiam ter ido.

Era altamente improvável que o pretexto dele de que ela estava “cansada” fosse o verdadeiro motivo de não terem ido. Não, devia haver algo maior em jogo, mas ela estava muito confusa

para pensar nisso agora.

O que ela deveria fazer era vestir-se, ir para casa e dormir, para que, quando chegasse no escritório amanhã, recuperasse o atraso em seu verdadeiro emprego e assim colocar um ou dois neurônios para funcionar.

Por outro lado, uma garota precisava comer. E era extraordinário poder comer com Charlie sem uma centena de pessoas ao redor. Sem precedentes. Eles estavam na correria há dias, mas parecia meses, se encontrando sempre rapidamente e sob a luz ofuscante dos flashes. Os únicos momentos verdadeiramente pessoais tinham sido na cama dele, no Dia dos Namorados, ocasião na qual ela não tinha permissão para pensar, e na noite anterior, na limusine. Ela havia passado o dia pensando naquela conversa deles. Não só no quão diferente seus mundos eram, mas também no modo como ele se abria para ela. Foi como se Bree o tivesse visto nu outra vez.

Dane-se, ela queria. Comer com ele. Conversar com ele. A sós.

A pulsação dela acelerou e a onda de excitação que lhe percorreu o corpo só por pensar no que viria a seguir a fez sair correndo do banheiro para poder jantar. Era só o coração dela em risco, afinal. E Bree não admirava para ele, dentre todas as pessoas, que *queria* ter seu coração partido por homens insensíveis usando belos ternos?

CHARLIE SORRIU outra vez.

– Então você também é uma ovelha negra?

Bree engoliu a boca cheia de macarrão e bebeu um gole de refrigerante antes de responder.

– Oh, sim. Era para eu me casar com Eliot. Meu namorado do colégio. Era uma coisa. Grandiosa. Muito estresse e angústia. E comida desempenhava um papel enorme. Em particular, frango frito.

À menção daquilo, ambos ficaram comendo um pouco em silêncio, fato que dera a Bree tempo para comentar o que Charlie tinha lhe contado a respeito de suas brigas com a família. Como era possível eles não se orgulharem das realizações de Charlie? Talvez estivessem orgulhosos, mas a família fosse horrível no quesito comunicação. Rebecca havia mencionado um problema entre ela e seus pais, e os pais de Charlie tinham a mesma genética. Mas e daí, Charlie era determinado. E colocou a implementação de seus objetivos acima de tudo. Assim como Bree.

– Sabe o que não consigo entender? – perguntou ela.

– O quê?

– Como é que você ficou tão legal.

– Eu? Legal?

– Muito. Eu esperava que você fosse presunçoso. Você é ótimo.

Charlie olhou para ela por um longo momento.

– Obrigado. Fico feliz que você pense assim.

– Hum – disse ela. – Interessante.

– O quê?

– Não houve absolutamente nenhum entendimento daquela resposta. Sendo mais clara, eu quis dizer legal num sentido Ohio. Não foi uma observação sarcástica.

– Bem, então. Agradeço ainda mais. O legal pode funcionar de vários jeitos aqui.

– Percebi. Como você se descreveria?

– Ah, essa é uma pergunta assustadora.

– Não estou com medo.

– Não estou me referindo a você.

Bree sorriu.

– Vamos lá. Eu já estou em desvantagem.

– Isso que me preocupa. Gosto que você me ache legal.

– Mas...

– Eu sou... focado. Extremamente focado.

Ela comeu um pouco, repetindo a palavra para ver como soava.

– E você é só isso?

A careta que ele fez foi extravagante até para si.

– Sim, tenho certeza de que é isso.

– Você é engraçado. Isso não é uma opinião. É um fato. Você me faz rir muito.

– Ei, não é justo falar sobre minha aparência.

– Está vendo? Engraçadinho. Muito engraçadinho.

Ele largou a caixa de comida e pegou a cerveja, mas não bebeu.

– O que mais?

Ela quase continuou a provocá-lo, mas seu olhar a deteve.

– Você é atencioso. Percebe as pessoas ao seu redor e você não tira proveito delas. Eu não sou terrivelmente experiente, mas tenho a sensação de que nem todo mundo dá de comer a maquiadores ou cabeleireiros. Ou até mesmo nota a equipe de segurança do edifício.

– Isso é educação.

Bree balançou a cabeça.

– Não. Vai além disso. A maioria das pessoas em sua posição não daria a mínima para qualquer um ao seu redor. Seria fácil ser horrível. Esperado até. Mas você não precisa ser rude e malvado para ser uma presença poderosa, porque você já é uma presença poderosa. As pessoas entendem isso. Você não precisa esfregar isso na cara delas.

– Eu gosto disso. Não sei se concordo, mas é algo no qual a se pensar. Claro, eu não quero ignorar completamente toda essa coisa do rude e malvado. Isso é um apelo e tanto.

Ela meneou a cabeça brevemente.

– Sim. É.

Ele bebeu um pouco mais, em seguida pegou a caixinha com arroz, mas quando o fez, se esticou até ambos estarem suficientemente pertos para se tocar. A caixa ficou na mão de Charlie enquanto ele se inclinava até Bree.

Ela prendeu a respiração. Alarmes de advertência tocavam ao longe, abrandados, porém, não silenciosos.

– Eu deveria ligar para um táxi – disse ela. – Ir para casa. Aproveite a noite de folga.

Charlie pôs a caixa de arroz na mesa, mas sua perna, seu quadril, a lateral de seu corpo estavam pressionando o corpo de Bree. Ele cheirava a especiarias e cerveja, e ela fechou os olhos quando inalou.

– Eu não gosto de cerveja. Para beber. Mas realmente gosto do sabor quando...

Ela aguardou, menos de dez centímetros entre eles, talvez nem mesmo cinco.

– Quando...?

– Quando eu faço isso – sussurrou ela pouco antes de os lábios de ambos se tocarem.

CHARLIE QUERIA tomá-la em seus braços e beijá-la até ela admitir sua derrota, mas ele se conteve, todos os músculos estavam prontos para reagir à menor pressão. Os lábios de Bree eram suaves contra o dele, roçando, provocando. A respiração vinha em arfares suaves, perfumada com gengibre tailandês e calor, e não importava o quão ardentemente ele pensasse *agora, agora, agora*, Charlie queria que a iniciativa fosse dela, deixar que ela tomasse a decisão. Que diabos havia de errado com ele?

Toda a noite estava sendo um acontecimento bizarro atrás do outro. Ele não perdia estreias. Não ficava parado por três malditas horas só para não perturbar o sono de alguém. Ele não era legal. Legal não era nem mesmo uma parte da equação, então o que estava acontecendo? O que estava fazendo?

Um toque, dedos, pequenos, frios, delicados na nuca de Charlie, e ele ficou muito consciente de seu membro. Mas não era a primeira vez desde que eles tinham deitado juntos no sofá. Em mais um lance para tornar esta noite a mais estranha de todas, ele se flagrou experimentando diferentes estágios de excitação. Naquele primeiro momento, quando Bree se apoiou nele, toda sonolenta e resmungona, Charlie ficou levemente rijo. Mas não ficou duro como uma rocha. O que era bom. Charlie só havia se tocado naquela vez entre eles, e isso era uma adaptação. Muito embora toda aquela situação fosse o mais próximo de um sonho erótico que ele já tivera sem estar dormindo.

Bree puxou o cabelo dele, trazendo-o para mais perto, aprofundando o beijo. Lambidinhas no lábio inferior, então no superior, como se Charlie fosse sorvete, uma maçã do amor. O membro dele inflou, pressionando contra a braguilha. Devia ter tirado o smoking, mas já era tarde demais para se preocupar com isso agora. Não quando Bree investiu a língua e ele a saboreava pela primeira vez desde a festa no Chelsea Piers.

Instantaneamente, ele percebeu que era um erro. Um erro impulsionado pelos hormônios que iria voltar e lhe dar uma dentada. Charlie era mais esperto do que isso. Ele se afastou? Claro que não.

Inclinou a cabeça para que se encaixassem melhor, e então começou sua exploração. Não foi delicado ou hesitante. Na verdade, era só o que ele podia fazer para não demonstrar o quão cruel poderia ser.

Ele abriu a boca e reivindicou Bree, sugando a língua dela, investindo com a dele, e o som que ela emitiu, santo Deus... agora ele estava tendo uma ereção das sérias. Com determinação e o fim do jogo à vista, Charlie se afastou.

– Quarto? – perguntou. Era o esperado.

Ela piscou para ele. Charlie percebeu que ele tinha abandonado sua cerveja e envolvido os braços de Bree, com a seda do quimono tépida sob seus dedos. Bree estava praticamente nua sob o robe, Charlie sabia disso. Dava para ver os mamilos duros contra a seda. Talvez ele tivesse levado uma pancada na cabeça ou coisa assim, porque aquele não era seu estilo. Aquilo parecia imprudente, e ele não agia assim desde a adolescência.

O aceno de cabeça de Bree permitiu a ele respirar novamente. Ele a beijou mais uma vez. Começou grato e terminou desesperado, deslizando a língua contra a dela.

Eles então se levantaram das cadeiras, Charlie pegando Bree no colo, as bocas trabalhando juntas para recordar, reaprender, descobrir.

Estavam a meio caminho do cômodo antes de pararem para tomar fôlego.

Uma das mãos de Bree estava nos cabelos de Charlie, a outra sob o paletó do smoking, no cóccix, como se estivessem dançando alguma valsa maluca.

– Péssima ideia – disse ela antes de beijá-lo no queixo.

– Terrível. Nós decidimos fazer isso. – Ele capturou a boca de Bree novamente, espantado pela forma como ela o deixava guiá-la, de ré, em meio ao espaço. Pelo modo como, mesmo com a diferença de altura, as partes importantes se encaixavam, como os seios contra o peito e os lábios

ao alcance dele, Charlie só precisava mover um único músculo para ela reagir exatamente como precisava. Era uma dança, mas não era louca, era só deles.

– Cinco anos – disse ela, meio arfando, meio gemendo.

– O que tem cinco anos? – Estavam chegando ao corredor, então viraram sutilmente para a esquerda.

– Meu plano. – Bree desceu a mão até o traseiro de Charlie enquanto eles manobravam na curva do corredor, e ele a colocou contra a parede. O “humpf” de Bree fez Charlie reposicioná-la, ao mesmo tempo que se apurava, com o equilíbrio gracioso entre eles indo pelo ralo.

– Você está bem?

– Cadê a porcaria do quarto?

– Está chegando – disse ele. Acelerar para chegar logo seria um movimento inteligente. Em vez disso, Charlie a beijou. A atração era demais, sabendo que ele não deveria, eles não deveriam.

A mão que estava nos cabelos dele agora estava no peito, esfregando em círculos vagos.

– Qual é o plano? – quis saber ele, a voz tão rouca como a de um fumante que encarava um maço por dia. – Conquistar o mundo? Fazer eu ficar de joelhos? Você não precisa de cinco anos para nenhum dos dois.

Ela riu, pisou no pé dele com o pé descalço. Não doeu.

– Serei um cruzamento entre Tim Gunn e Tina Brown – disse ela, tropeçando no quimono.

Se eles não se matassem antes de chegar ao quarto, seria um milagre.

– Bom para você. Você vai ser ótima.

– Não eu se não for capaz de dizer não a você.

Então ele encarou Bree, as pupilas dela dilatadas e repletas de um calor capaz de incendiar a casa.

– Você pode dizer não.

Ela inspirou, então houve silêncio. Apenas havia o batimento cardíaco alto de Charlie em seus ouvidos.

– Por favor, não me obrigue – sussurrou ela.

Um ruído sombrio saiu de sua garganta quando ele se abaixou e a ergueu. Era ridículo, algo que ele nunca tinha feito, nunca faria, mas ele já estava cansado de andar, cansado de tudo, exceto de despi-la, de se enterrar dentro pelo máximo de tempo que aguentasse, tão profundamente quanto possível.

– Charlie – disse ela, passando o braço em volta do pescoço dele. – Nós somos loucos.

– Eu sei. – A porta estava ali, bem ali, e estava aberta. Ele entrou com ela num segundo, caminhou até a cama em dois, porém teve que beijá-la mais uma vez antes de libertá-la.

Bree se afastou do beijo primeiro, mas mal se mexeu. Seu hálito roçava o rosto de Charlie, a respiração ofegante, um tremor sutil como um sussurro.

Ele a baixou lentamente, a cabeça no travesseiro, o ombro do quimono escorregando o suficiente para exibir o vinco onde o braço dela pressionava. Aquilo fez o membro dele dar um tranco, e Charlie a desejava tanto que não sabia o que fazer.

– É a minha vez – disse Bree.

– O quê? – Ele desviou o olhar daquele pedaço de pele outrora comum. – Sua vez?

O sorriso normalmente muito doce e seus grandes olhos inocentes ficaram maliciosos quando ela olhou para ele.

– Tire a roupa para mim. Devagar.

Ele teve que sorrir. Bree pronunciara as palavras como um chefe do crime, como uma megera. E então ela meneou os ombros, aquele ombro parcialmente à mostra, até o quimono... dava para ver a beirada do mamilo enrijecido. Só a beiradinha.

BREE MORDEU o lábio com força quando Charlie tirou o paletó. Ele seguiu as palavras de Bree à risca, portanto seus movimentos eram sem pressa, mas sua técnica? Santo Deus, ele não tinha ideia de como fazer um striptease sensual. Ele ficou atento para certificar-se de que não iria tropeçar e tentou retirar os dois braços das mangas de uma vez só, o que o fez soltar um palavrão e recomeçar. Bree não queria rir, porque, ai, Deus, ele estava se esforçando tanto. Todo o seu corpo morria de saudade do jeito adorável de Charlie, do jeito como o magnata da internet, totalmente controlado e normalmente gentil, parecia exatamente como um virgem de 17 anos tentando impressionar a rainha do baile. Ambos relaxaram quando o paletó caiu no chão. Ela não ia se enrolar de novo com a camisa e as calças.

– Venha cá – disse ela, dando um tapinha na cama. – Você precisaria de um chapéu para essa parte da coreografia. Além disso, você está longe demais.

– Veja só quem está sendo legal agora – brincou ele quando sentou-se ao lado dela.

Os dedos de Bree já estavam abrindo os botões dele. Eram fantásticos, era um Armani afinal de contas, mas eram pequenos e redondos, difíceis de se abrir com dedos trêmulos. Lá pelo terceiro botão, Bree já estava tentando rasgar a maldita camisa aberta, mas ela nunca poderia violar a moda de qualidade assim. Seria como atirar no Bambi.

Charlie acabou ajudando, e toda vez que os dedos dele a tocavam, ela arfava. Impossível evitar. Agora que ele não estava se esforçando, a camisa desabotoada deslizou pelos ombros como numa coreografia e, caramba, ele estava seminu, e Bree também.

– Isso vai ser ruim – disse ela, as unhas perfeitamente pintadas arranhando o peito lindamente esculpido. De alguma forma, os músculos, o corpo inteiro dele, eram feitos de acordo com as especificações de Bree. Definição e músculos suficientes para se revelar uma grata surpresa, um traseiro lindo de morrer, e tudo isso pertencente ao mesmo Charlie que a havia deixado dormir, que se certificara de que ela havia se alimentado, que lhe dera uma chance de realizar seus sonhos. – É tudo que quero – continuou ela –, e isso nunca acaba bem. – Ela terminou a frase com os lábios no peito dele.

Ele passou os dedos pelos cabelos dela, inalando alto no quarto silencioso. Bree o beijou de novo, acariciando a pele quente diante de si, a mão livre seguindo sorrateiramente para as calças dele, só para perceber que ela nunca o tinha visto nu assim. Charlie não poderia ter escolhido um smoking mais perfeito para a noite. Maravilhoso e pecaminosamente elegante, e mesmo assim, tudo que mantinha a estrutura, botões, fechos, era tão complicado quanto uma roupa masculina poderia ser. Ela imaginava se ele de algum modo havia encontrado cuecas boxer que precisassem de uma senha para sair.

Os dedos de Charlie envolveram o queixo de Bree, e ele ergueu o rosto dela, afastando-a de seu peito.

– Nós podemos parar – garantiu ele. – Vou ter que ir ali dentro por alguns minutos, mas podemos parar agora.

Bree assentiu, sabendo que era a coisa certa a se fazer, mas, quando ele suspirou em decepção, ela lhe agarrou a mão para impedi-lo de ir.

– Há muitas coisas – disse ela.

– Eu não...

– Fico pensando em todas as coisas que não fizemos naquela vez. Em como não teríamos outra chance, e eu nunca saberia... – Ela sentiu o rubor e ficou maravilhada com a própria timidez ridícula do meio-oeste...

– Como o quê? – Ele quis saber, se inclinando, com a mão livre rumo à calça complicada.

Bree capturou o dedo indicador de Charlie entre os lábios. Então lambeu a ponta com a língua antes de sugar todo o dedo para dentro da boca. Ela o provava, estremecia a língua contra a pele, fazendo-o compreender.

O gemido dele a fez contrair as pernas juntas. Ela libertou o dedo dele, mas só para que ele pudesse terminar de se despir. Dizer que Charlie estava ansioso era um eufemismo, e ele deve ter usado aquele smoking muitas vezes para ser tão versado nele, mas Bree nem piscou quando a calça caiu no chão, seguida pela elegante cueca preta abençoadamente sem quaisquer complicações. E então ele tirou as meias, e lá estava. Ah, tão duro. O membro deixando uma trilha molhada na barriga enquanto o peito dele subia e descia em arfares roucos, rápidos.

– Você pensou nisso? – questionou ele.

Bree fez que sim com a cabeça. Correu a mão para as dobras do quimono, desacelerando enquanto acariciava o mamilo exposto.

– Eu realmente gostaria que você se deitasse. Logo.

O sorriso dele era tão erótico quanto sua ereção, e os dois juntos faziam Bree se contorcer. Ele compeliu, mas não sem roubar um beijo, que durou um longo, longo tempo. Por fim, ele estava esparramado ao lado dela na cama, e ela poderia fazer o que quisesse. Saborear, lamber, morder, provocar.

Ela pode ter dito isso antes, mas desta vez falava sério. Chega de sexo depois disso, porque, enquanto tirava a calcinha para montar nos quadris de Charlie, Bree percebia que não era exatamente o sorriso, a ereção, as refeições ou as roupas que ela queria. Na verdade, ela queria *tudo*. Era *ele*. Charlie. Era inútil fingir, não mais. Aquilo não era uma paixonite.

CHARLIE IA explodir em chamas. Não sobraria nada além de cinzas, e valeria a pena. Bree nua montada nele era exatamente a última visão que ele desejava. O sorriso era um bônus, ela se curvando para beijá-lo era mais do que um homem mortal poderia suportar.

O beijo não foi nem metade tão doce quanto o sorriso. Na verdade, foi meio desajeitado, muita língua, dentes e saliva, e os quadris dele a erguendo para cima, tão sensual. Bree pôs as mãos no peito dele para se firmar, mas antes tiveram que se separar para tomar mais fôlego, e os dedos dela encontraram os mamilos dele. Ele adorava brincadeiras com os mamilos, no entanto, a mulher por cima lhe rendeu duas contrações sincronizadas que o obrigaram a jogar a cabeça para trás, os olhos se arregalaram e em seguida se fecharam, e ele não ia nem tentar explicar o barulho que fez.

– Isso é divertido – disse Bree com a voz mais perversa do que nunca.

– Você está me matando.

– Não seja chorão. Você aguenta.

– Eu não estou acostumado a esse tipo de insolência – provocou ele, lançando seu olhar mais arrogante.

Ela levantou a sobrancelha esquerda enquanto sentava-se. Ele só percebeu que Bree havia mexido a mão quando ela segurou seu órgão.

Ele rugiu de novo, investindo os quadris, dentro dela, tudo, querendo mais. Agora. Por favor.

Então ela bombeou. Uma vez.

Charlie já sabia que ela pesava quase nada. Ele poderia simplesmente levá-la, fazê-la sentar novamente em uma posição mais agradável. Porque nos próximos dez segundos estar dentro dela era a coisa mais importante que aconteceria a ele, em toda sua vida, sem exceções.

Quando ela soltou, ele quis chorar, e o teria feito se não fosse um homem tão viril.

Em seguida, montou de volta, se erguendo sobre o membro dele, até estar acomodada nas coxas dele e, diabos, que vista, a intimidade dela nua e obscenamente exposta exatamente onde ele não conseguia tocar.

Um dedinho tocou a base do falo e Bree foi subindo, e as costas de Charlie arqueavam ao mesmo tempo. A parte louca da coisa era que, durante o tempo todo, ele estava olhando para ela, bem nos olhos, e ela estava rindo. Não era uma gargalhada, ou de forma maldosa, ou provocativa, apenas... satisfeita. Como uma criança com o melhor brinquedo de todos os tempos. Jesus.

Bree deu um sorriso imenso pouco antes de se inclinar e envolver a ponta do falo.

O grito de Charlie veio lá do âmago, e foi só o que ele pôde fazer para não chegar ao clímax ali mesmo.

“Hora do jogo”, pensou ele. E então desistiu completamente de raciocinar.

BREE NÃO tinha ideia de quanto tempo ficou no limite, mas provavelmente foi por horas. Era uma tortura, o modo como Charlie a levava até aquele ponto no qual prendia a respiração, no qual ela estremece e gemia e implorava, só para colocá-la em uma confusão trêmula, e em seguida aumentar a velocidade outra vez até não conseguir pensar direito, até ela puxar o lençol e soltá-lo das bordas do colchão, até implorar, rouca.

Charlie chegou ao clímax duas vezes.

Bree perdeu a conta.

Capítulo 13

NÃO ERA possível que Charlie estivesse ficando excitado outra vez tão rapidamente, principalmente depois das duas rodadas de sexo seguidas, mas seu corpo estava se esforçando. Charlie não conseguia se lembrar da última vez que o sexo tinha sido isso tão... intenso. Se é que já fora.

Ele gostava de sexo e gostava de mulheres, e tinha gostado muito de algumas das mulheres com quem dormira, mas agora, com Bree, de algum modo era diferente.

Charlie ficou olhando para ela, sua pulsação acelerando enquanto os seios, os mamilos ainda rijos e muito rosados, baixavam e inflavam enquanto ela ofegava. Ao mesmo tempo que o rubor que dominava o rosto e o peito dela estava enfraquecendo lentamente, a pele, tal como a dele, ainda brilhava de suor. Ele precisava se levantar, tomar um banho. Oferecer água a Bree, ver se ela queria um ducha, ver se ela queria ir para casa, embora duvidasse disso. Era incrivelmente tarde.

Ele esticou a outra mão e tocou no braço dela. Bree virou a cabeça e sorriu para ele.

– Isso foi... uau.

Charlie retribuiu o sorriso.

– Boa descrição.

– Estou surpreso por estar conseguindo falar. Com palavras de verdade e tudo o mais. – Ele riu, dando-lhe o braço.

– Tenho coisas para fazer – disse ele.

– Bem, você está por sua conta. Não consigo me mexer.

Ele meneou a cabeça, ou pelo menos achava que o tinha feito.

– Tem uma coisa que eu não entendo – disse ela.

– Só uma coisa?

– Ah. Não. Tem um zilhão de coisas que eu não entendo. Começando pelo que estávamos pensando. Não que eu esteja reclamando, lembre-se. Mas nós havíamos decidido não fazer isso.

– Sim, bem. Acho que a culpa é sua.

– O quê? Você não pode me culpar. Não foi minha culpa.

– Foi assim. Você me beijou.

– Você pediu um restaurante tailandês inteiro para o jantar.

– Você estava nua sob o roupão.

– Eu estava de fio dental.

Ele olhou para ela novamente e descobriu que ela já o estava encarando.

– Você dormiu.

– Você não me acordou – retrucou Bree, só que não tão depressa. O brilho do humor desaparecendo dos olhos dela.

– Você precisava descansar – disse ele com a voz baixa e suave.

Bree engoliu em seco, em seguida virou-se um pouco. Ela não estava totalmente de frente para Charlie, mas seu corpo estava inclinado em direção a ele. – Você poderia ter ido sozinho.

Charlie achou que ela fosse dizer qualquer coisa, menos isso. Porque ela estava certa. Ele poderia. Devia. Poderia ter ido sozinho. Telefonado para qualquer mulher que conhecia e se arrumaria num piscar de olhos para desfilar no tapete vermelho caso Charlie quisesse companhia.

– Por que você não foi sozinho, Charlie? – questionou ela.

Ele agarrou a primeira resposta que lhe ocorreu.

– Eu não queria acordar você.

Bree enrugou a testa. Caso ela fosse tentar descobrir o significado oculto nas palavras dele, passaria muito tempo fazendo isso, porque não havia nenhum significado. Nenhuma resposta. Nenhuma explicação. Não ocorrera a ele. Nem uma vez em três horas ele acolhera a ideia de deixá-la dormir e sair para fazer seu trabalho.

Droga!

Ele soltou o braço dela, afastou os lençóis e, em seguida, praticamente voou para fora da cama. Nu, e realmente desejando não estar daquele jeito, se virou para Bree:

– Você quer um pouco de água?

Ela piscou, depois assentiu.

– Claro. Obrigada.

Charlie pegou uma garrafa do frigobar. Depois de entregá-la a Bree, se dirigiu para o banheiro. Só quando fechou a porta atrás de si é que percebeu que devia ter falado alguma coisa. Nada de importante, apenas o típico “Volto em um minuto”, ou algo igualmente mundano. De acordo com Bree, era para ele ser um cara legal. Mas na verdade ele era um cara cheio de pânico.

Ele se ocupou tomando banho, mas seus pensamentos estavam tão dispersos quanto um vidro quebrado. Ele continuava buscando motivos, uma sequência lógica que explicasse por que estava em seu banheiro lavando o restante de sêmen de seu membro quando na verdade devia estar no escritório finalizando os textos sobre a estreia do filme e fazendo o planejamento do blog para aquela manhã. Sozinho. Sem Bree em sua cama, ou até mesmo em seu apartamento.

Nada. Podia até não ter sido ideia dele não fazer quando eles concordaram em trabalhar juntos, mas ele tinha concordado. Fazia sentido. Eles teriam sua única noite, mas até mesmo isso fora questionável. Era completamente atípico da parte dele mudar as regras assim. Ele devia estar com algum problema.

Ele terminou o banho, mal se lembrando de fechar a torneira, quando lhe ocorreu que, por causa da experiência do blog, tinha passado quase todas as noites com Bree, o que era incomum para diabo, e sem dormir com outra pessoa, o que também era bizarro, então é claro, ele estava fora do prumo.

Tudo bem, Charlie já tinha ficado mais de uma semana sem fazer sexo em outra ocasião e não fizera nada tão estúpido quanto faltar ao trabalho, mas o fato era, mesmo durante períodos de seca, tinha saído com uma variedade de mulheres. Sua média de acertos, apesar da impressão que cultivava, não chegava nem perto de cem por cento. Ele já havia passado longos períodos sem fazer nada, a não ser com a própria mão. Mas ele nunca havia acompanhado uma mesma

mulher em eventos diferentes.

Ele bufou quando pegou a toalha. Não há motivo para ficar alarmado. Provavelmente era melhor se ele fizesse disso um hábito, não fizesse de Bree um hábito, porque a coisa poderia ficar bem complicada.

Poderia parar de vê-la por completo. A Semana de Moda iria se transferir para Londres. Ele não ia fazer a cobertura lá, mas também não estava cobrindo os acontecimentos no Lincoln Center. A estreia de hoje à noite estava relacionada apenas de modo superficial, e depois da inauguração da boate amanhã à noite e da festa do perfume na segunda-feira, a cidade e o blog iriam prosseguir para algo novo. Não havia nada no contrato que estipulasse que a relação profissional dele fosse acabar no final da Semana de Moda, embora isso tivesse sido mencionado. Seria uma ruptura simples, pacífica e honesta.

No entanto, em vez da onda de alívio esperada, Charlie fez mais uma pausa, com a mão quase tocando a maçaneta. Ele abriu a porta devagar, com cautela, não muito certo do porquê.

Bree estava na cama. Sentada, na verdade, a lateral virada para ele enquanto ela encarava a janela. Se houvesse alguém do lado de fora espionando ali dentro, teria visto Bree, contra a luz, como uma pintura. E também teria visto Charlie, fato que deveria tê-lo incitado a apagar a luz, se não fechar a porta, porque ele estava nu.

Mas Bree também estava. Nua e iluminada por trás, e Charlie sabia que Bree podia ver o reflexo dele na janela enquanto a encarava, como se estivesse tão intrigado pelas sombras como por aquilo que as luzes revelavam. Ele passeou o olhar pelas costas de Bree, pelo travesseiro na base da espinha dela. Dava para notar que dedos dele tinham estado nos cabelos dela, uma marca escura havia sido deixada na junção do pescoço e do ombro. A curva delicada do seio que espiava por sob o braço... uma pequena alusão, nada mais. Aquilo fez Charlie engolir em seco, fez a base de seu membro se contrair e a atração se encolher bem fundo em seu corpo.

Ele odiava fazer aquilo, mas precisava desligar a luz atrás de si. A escuridão só não era total porque ele pensara em momentos como aquele quando reformara o quarto. Ele era um homem visual, e não tinha problemas para dormir quando o cômodo não estava tão escuro quanto breu.

A imagem dele ainda se refletia no vidro, embora não tão claramente, mas dava para Bree vê-lo se aproximar da cama, levantar o braço, colocar a mão no ombro quente dela.

– Fique – pediu ele com a voz tão sutil quanto as luzes.

– Preciso estar de pé às 8h. Bem, 8h e pouca. Preciso trabalhar amanhã.

– Nós podemos fazer desse jeito.

Por fim, Bree se virou para encará-lo.

– Eu tinha tanta certeza de que você ia me pedir para ir embora.

– Eu pensei nisso.

Ela assentiu.

– Mas já está tarde – disse ele. – E eu quero você aqui.

Um sorriso fraco curvou os lábios exuberantes de Bree.

– Só desta vez.

Ele meneou a cabeça em concordância.

– Sim.

– Ótimo. Tudo bem. – Ela se mexeu, se desvencilhando da mão dele. – Eu preciso... – Ela acenou para o banheiro.

Charlie ficou observando aquele corpo pequeno e perfeito enquanto ela saía da cama. Bree não pegou o robe, o que foi uma surpresa. Mas ela estava sempre surpreendendo-o.

Ela fechou a porta antes de acender a luz, e Charlie se sentiu iludido. Ele estava fazendo uma coisa irresponsável. Talvez fosse esse o objetivo.

NÃO FOI o despertador de Bree que a acordou às 6h45. Ela nem mesmo tinha certeza do que a havia despertado. Demorou um momento para se lembrar de onde estava, e então se dar conta de que estava sozinha. Ela não tinha percebido que queria acordar ao lado de Charlie.

A porta do banheiro estava aberta, estava silencioso, escuro. Ela se perguntava se Charlie estava no apartamento. Eram só 7h ainda, então tecnicamente ela poderia dormir por uma horinha ou mais, mas isso não ia acontecer. Um banho, no entanto, tomaria, mas primeiro, Bree teria que ir buscar sua bolsa, suas roupas e sapatos. Infelizmente, não tinha preparado seu kit durante a noite. Dormir fora não fazia parte do plano. Lição aprendida.

Ela pegou o quimono e abriu a porta do quarto. Estava silencioso e frio, ou talvez o frio fosse porque estivesse correndo por longos trechos no piso com os pés descalços. A vastidão do apartamento confundia a mente. Ela pensava no próprio quarto/closet, em como fazer qualquer coisa ali era um pesadelo logístico. Não dava para usar a máquina de costura se a cama embutida estivesse aberta; se ela quisesse pegar os lençóis ou qualquer coisa nos cabides, precisava fechar as gavetas. Quase todo o restante ficava armazenado em malas, que não eram particularmente grandes ou acessíveis. E aqui ali estava percorrendo o comprimento de um campo de futebol para pegar sua bolsa antes de contornar o sofá para correr à sala de imprensa, tudo sem nunca ouvir ou ver o dono da casa uma única vez.

Bree olhou para o vestido que usava para trabalhar, o que a deixou triste. Era o dela, é claro. Não que isso importasse. Era sábado e dificilmente alguém estaria no escritório, e quem quer que estivesse provavelmente não se daria conta de que ela havia usado a mesma roupa dois dias seguidos. Bree não acreditava que precisava ir trabalhar hoje, mas entre as compras, os preparativos, as festas e a redação dos blogs, estivera negligenciando seu emprego. Deus me livre se ela fosse demitida. Estava além da sorte por ter qualquer tipo de emprego, quanto mais um tão bom. Pelo menos ela havia dormido mais na noite anterior do que durante a última semana inteira. Fato que informava muito sobre o quão pouco ela vinha dormindo.

Quase ao ponto de perder as estribeiras, Bree abandonou o vestido DKNY verde que estava chamando seu nome no cabide e foi buscar o vestido azul que tinha costurado na época da faculdade.

Bree ficou se perguntando se devia usar o banheiro dali, ou voltar para o quarto. Ficar ali era muito parecido com trabalho, e ela estava de folga dos afazeres do blog até de noite.

Ela manteve os olhos atentos para Charlie, surpresa por ele não estar no quarto. Talvez não tão surpresa quanto decepcionada. De qualquer forma, o chuveiro dele era uma experiência de outro mundo, principalmente porque a pressão da água no prédio dela era mais ou menos um cuspe aleatório. Mesmo assim, não se demorou.

Calcinhas limpas eram um problema. Bree não tinha nenhuma, e se houvesse alguma na sala de mídia, ela não queria saber. Iria sem, mas nesta cidade? Não era uma jogada muito inteligente.

Que diabos. Ela voltou para o quarto vazio de Charlie. Na segunda gaveta, encontrou o que estava procurando. Um bom par de cuecas boxer de seda preta. Ela as substituiria mais tarde.

Uma vez vestida, Bree verificou o espelho com cuidado, certificando-se de que ninguém a estava espionando em segredo. Era meio sexy vestir algo tão pessoal de Charlie. Ela podia até mesmo contar isto a ele.

Em seguida, ela retocou a maquiagem e ajeitou o cabelo. Não dava para vencer nenhum concurso de beleza, mas quebrava o galho. Deixou o quimono na cama e foi em busca de seu anfitrião. Ou, no mínimo, de um bilhete.

Descobriu que o apartamento de Charlie ocupava o andar inteiro. O elevador ficava em um átrio. O escritório ocupava a maior parte ainda não descoberta do território.

E lá estava ele. Sentado em uma sala gigante com computadores suficientes para o lançamento de um ônibus espacial. Estava usando calça jeans, coisa que Bree nem sabia que possuía, e um suéter lindo com gola em V. Era uma bela imagem, e não só porque ele era muito, muito bonito, embora aquilo não fosse um problema, mas porque ele estava à vontade. A diferença estava escritinha na postura dele enquanto digitava no computador, enquanto arrastava a cadeira de rodinhas pelo chão. Ela não conseguia desviar o olhar.

Quando Charlie estava nas festas, mesmo na limusine antes das festas, ou quando estava trabalhando com sua equipe dentro da sala de imprensa, nunca havia um momento no qual Bree não estivesse ciente de que ele a estava observando. Não. Supervisionando. Não era superóbvio, mas ela sentia, e em várias ocasiões ela vira as pessoas repararem. Ele estava sempre um passo afastado, acima de tudo.

Essa era uma das coisas que fazia até mesmo as celebridades de alto escalão desejarem a atenção dele. Ele nunca se revelava muito. Sempre continha uma parte pequena, porém vital, a parte que julgava, avaliava. Ele era completamente encantador com todos, por isso não havia nenhum indício, nenhuma pista. Seus pensamentos e opiniões de verdade iriam aparecer no próximo texto do blog ou, pior ainda, não iriam aparecer de jeito nenhum.

Mas ele estava completamente presente em seu escritório enorme. A diferença em suas ações não poderia estar mais clara. Bree havia estado com este Charlie apenas duas vezes: na cama. Ela estremeceu diante das lembranças, ainda mal acreditando que qualquer uma delas tivesse sido real.

Charlie ainda não havia notado a presença dela ali. Bree não estava na sala de fato, só espionando da porta. Ela se perguntava se seria melhor sair agora. Ele estava tão envolvido com o trabalho que nem se importaria. Ela não devia. Só um idiota daria mais importância à noite anterior do que esta possuía de fato. Alívio de tensões. Nada pessoal.

Exceto pela parte da nudez e dos beijos e de como ela se sentira quando ele a abraçara.

Ontem à noite, tivera cada pedacinho de Charlie. O corpo, a atenção, o foco. Era como se estivesse conectada à unidade central. Todos os toques foram elétricos e únicos...

– Você está sendo ridícula – disse Charlie.

Bree congelou, prendeu a respiração. Ele estava de costas para ela, como poderia...?

– Naomi, pare. Pare agora mesmo.

Ele estava ao telefone. Não era um leitor de mentes.

– Tudo bem, tudo bem. Aposto seu pagamento da semana de que há mais gente hoje falando sobre minha ausência na estreia do que qualquer coisa sobre a Semana de Moda. – Ele riu. –

Não, se eu ganhar, você vai ter que ser bozinha por uma semana. – Outra risada. – Boazinha como em “fingindo ser outra pessoa”. Qualquer outra pessoa.

Bree se virou para ir embora. Ela precisava ir, e só teria pretextos para justificar determinado tempo de espionagem da conversa.

– Naomi, pelo amor de Deus, são os números – disse ele, arrastando a cadeira até outro computador. – Os números são a parte que interessa. Sou eu, lembra-se? Quando é que já tive outro motivo? No minuto em que a coisa de Bree parar de render dinheiro, vamos acabar com ela. Não há mais nada acontecendo, então você pode parar com sua preocupação. É desnecessário.

Um punhal de gelo atravessou o corpo de Bree, rasgando seu coração. Nada daquilo importava, as conversas que tivera consigo, sua determinação para ser realista, para se concentrar em negócios. Bree havia sido um idiota. Uma boba. A dor excruciante na alma lhe dizia que havia se apaixonado por ele, valsado rumo a uma ilusão, sabendo que era uma ilusão, e ela nem mesmo percebera que a fantasia tinha tomado conta.

Ela afastou-se da porta o mais silenciosamente possível com as pernas trêmulas. Era estranho; dava para sentir as pupilas dilatando, um arrepio que nada tinha a ver com o ar ao redor. Mas choque era uma reação exagerada, não era? Independentemente do que estivesse se passando na cabeça de Bree, ela nunca *acreditara* que Charlie a amava. Não mesmo. Que ele gostava dela, sim. Que combinavam? Que a noite passada tinha sido mutuamente extraordinária?

Errado. Tão errado quanto poderia ser. Ela era um chamariz. Nada mais. Nada verdadeiro. Charlie dissera isto a ela de antemão, e assinara um documento que confirmava o fato. Nada daquilo era culpa de Charlie. Diabo, fora ela quem instigara o sexo na noite anterior. Ela não podia nem culpá-lo por isto.

Bree mesmo se colocara naquela situação difícil. E agora que estava lá, precisava se obrigar a sair. Agora. Ainda tinha obrigações, festas às quais comparecer como acompanhante de Charlie. Ele poderia sair de seu escritório a qualquer momento e, aí, Deus, se ele suspeitasse que Bree havia se transformado em uma dessas *mulheres*, ela morreria infinitas vezes de tanta humilhação.

Não se deu conta de que estava na sala de estar até ver os restos do jantar na mesa de centro. Ela precisava fugir. Deixar para se organizar em outro lugar. Mas teria que deixar um bilhete, algo simples e rápido.

O recibo do restaurante tailandês estava ali. E havia uma caneta na bolsa de Bree. Ela escreveu: “Obrigada pela noite divertida. Vejo você mais tarde!” Era tudo que podia fazer para não correr para o elevador, e embora isso não fizesse diferença, ela ficou apertando o botão sem parar.

Finalmente ela se atirou na caixinha espelhada, agarrou o corrimão com as duas mãos e se firmou. Ela teria que encarar o pessoal da segurança, o porteiro, pegar um táxi.

Evidentemente, havia aprendido algumas coisas com Charlie. Como sorrir de forma convincente, e como papear despropositadamente como se absolutamente nada tivesse acontecido.

Ela forneceu seu endereço ao taxista e se acomodou no banco de trás.

Uma vez fora do Central Park West, Bree desabou em lágrimas.

Capítulo 14

CHARLIE FICOU irritado depois do telefonema com Naomi. Ele não estava bravo com ela, não exatamente, mas ela sabia que não era bom pressioná-lo quando ele claramente não queria isso. Que a mulher organizava a vida dele muito bem, isso era fato incontestável. Ele provavelmente sobreviveria sem ela, mas até mesmo essa ideia incomodava. Nada o deixava mais ciente da importância de sua rotina do que a ideia de ver sua rede se desfragmentando.

Sua equipe, formada por Naomi, os técnicos do servidor que supervisionavam o equipamento e os editores do blog, era como seu sistema pulmonar, e Naomi era o coração. O que tornava muito difícil para Charlie mentir para ela.

Ele já havia feito isso antes, principalmente para ter tranquilidade. Assuntos triviais. O fato de ter perdido a estreia, de ter ficado com Bree durante um período tão longo, e de gostar dela, não era nem um pouco trivial.

Charlie estava olhando para o monitor por alguns minutos, sem absorver todos os dados, mas, em vez de voltar aos negócios, fechou os olhos quando a lembrança do corpo de Bree debaixo do dele foi diretamente de seu cérebro a seu membro.

Provavelmente ela ainda estava dormindo, pois ainda não eram 8h, muito menos “8h e pouca”. Seria legal deixá-la relaxar. Estava exausta, e o que eles tinham feito na noite anterior não ajudava nesse sentido. No entanto, Charlie queria ir para o quarto agora e fazer tudo de novo. Que diabos estava acontecendo? Ele tinha concordado que o sexo podia ter sido alucinante, mas não era inteligente. Era um erro de principiante permitir que seus sentimentos se misturassem à coisa toda. Ele ia acabar como o apenas mais um blogueiro se não fosse cuidadoso. Alguém que costumava ser alguém.

Ele devia acordá-la. Talvez com uma xícara de chá?

Charlie movimentou a cadeira até o outro lado da sala, xingando a si de tudo que era coisa. Café era a coisa educada a se fazer. Hoje ia ser tudo profissional, como sempre. Sem sexo. Sem o maldito chá.

Desta vez, ele daria a ela duas notas de 20, certificando-se de que ela as aceitaria. Explicaria que aquilo era uma amortização. Isso colocaria os dois nos trilhos de novo.

Bree tinha trabalho a fazer, eles tinham a inauguração da boate hoje à noite, e Charlie precisava escrever algo sobre a estreia de ontem à noite que iria superar os acessos.

Quando ele foi à cozinha para pegar o café, viu o bilhete. Pegou, reconheceu a letra de Bree, mas não acreditava que ela havia ido embora sem dizer nada a ele. Que, em vez disso, deixara um bilhete. Que diabos... aquilo não combinava com Bree. Será que a noite passada tinha sido tão ruim assim?

Mas, droga, faltar à estreia também não combinava com ele. Talvez Naomi estivesse certa. Talvez ele estivesse tão desnorteado que desse para perceber. Ele olhou para o bilhete e uma

onda de decepção lhe revirou o estômago, deixando Charlie mais determinado do que nunca. Bree era uma coadjuvante em um longa-metragem, e que era melhor começar a pensar nela só desse jeito.

HAVIA SEIS outras pessoas no andar de Bree no trabalho, e nesse caso seis era demais. Infelizmente, ela já não era a novata invisível mais. Agora ela era a namorada de Charlie Winslow. Aquele cuja assinatura estava na primeira página de *Naked New York*. Ela queria ser notada, e realizara seu desejo. Se pudesse, teria dado meia-volta e ido direto para casa. Mas ela não podia arriscar seu emprego. Mais ainda.

Quando afundou em sua cadeira, Bree estava incrivelmente grata pelas paredes dos cubículos. Sabia que estava um bagaço, com os olhos inchados e a pele manchada de vermelho, mas quem se importava? Que diferença fazia, agora que ela compreendia tudo? O despertar tinha sido inevitável. Pelo menos ela conseguira boas noites de sexo, certo?

Não, ela não ia chorar de novo. Em vez disso, pegou o texto preliminar de uma de suas contas menores. Estava piscando para conter as lágrimas, e mesmo assim uma caiu sobre a palavra *amasso* e as letras no meio perderam a definição, borrando e turvando para algo que se parecia fracasso.

O texto estava horrível de qualquer maneira. Ela fez uma bolinha com a folha de papel e atirou na lixeira sob a mesa. Naturalmente, errou. O carpete era de um azul escuro, com padrão ondulado para disfarçar, para enganar o olho e fazer você achar que estava limpo quando não estava. Bree não se deu ao trabalho de recolher o papel.

O celular tocou antes que ela pudesse voltar ao teclado. Um torpedo de Rebecca.

Ligue pra mim. LOGO!

Bree o ignorou; a perspectiva de falar com Rebecca a deixava enjoada. Não era culpa da amiga; não era. Ela havia feito um favor inacreditável a Bree. Não era culpa de ninguém, mas dela mesma. Tinha lido as regras, entrado no jogo com olhos bem abertos.

A tarefa de reescrever o texto era demais para ela suportar e Bree pensou em ir embora e voltar para seu quarto minúsculo e desprezível, se encolher debaixo das cobertas por um tempo, mas não conseguiu. Ela arquivaria a peça por ora, se daria tempo para se acalmar, para parar de pensar que sua vida era uma espécie de tragédia quando não era. Deus, ela poderia ser uma rainha do drama.

Pobre Bree, tendo a chance de conhecer estilistas famosos e ir para as melhores festas em Nova York. Que coisa horrível.

Seu suspiro fez com que algumas páginas no topo da pilha de arquivamento se agitassem como pequenas saias. Ela pegou um punhado de relatórios. Chatos para diabo, coisas como despesas de manutenção, inventário e horas trabalhadas, mas eles tinham que ser concluídos antes de serem enfiados nos arquivos, e o que tinha acontecido ao escritório mítico sem papel? Provavelmente estava bem ali, ao lado de carros voadores e macacões prateados para todos.

A imagem de Charlie deslizando na cadeira pelo escritório fez Bree congelar. Ela piscou para

afastá-la, mas a imagem permanecia, lhe causando aperto no peito.

O telefone, de novo, e dessa vez era Lilly.

Pode sair pra jantar? Ou CW vai levar vc num lugar fabuloso?

Os relatórios de despesas foram colocados no canto da mesa, definindo o limite da linha de montagem. Havia sete pilhas distintas, e Bree colocou cada grama de sua concentração em cada item, ajeitando meticulosamente cada pilha que terminava, o tap tap do papel contra a mesa em alto e bom som no cubículo cinza com o calendário ao lado da foto de seus pais e os recortes de jornais e revistas, tudo preso com pinos azuis que combinavam com o tapete e com o cinza.

O celular. Um torpedão. De novo. Só que dessa vez...

Ei, Bree. Lembra d mim? SUA IRMÃ?? Atende.
Atendeatendeatendeatende. Liga pra mim. Beth. Aquela q sente saudade de vc, pirralha.

Bree fechou os olhos com tanta força que viu manchinhas sob as pálpebras, pequenos flashes em branco que deveriam ter sido bonitos, deveriam ter sido fogos de artifício. A pressão em seu peito se transformou em uma saudade de casa tão profunda que era como o Grand Canyon da dor, a Fossa das Marianas do desespero. Ela queria estar sentada à mesa da pequena cozinha, ou aquela que sua família usava para o café da manhã quando todos os filhos e netos não estavam lá.

Ela queria os biscoitos da mãe com mel de abelhas do comércio local, e queria grossas fatias de bacon com ovos mexidos, e ouvir seu pai cantarolando desafinado enquanto preparava o prato.

Queria que a música estivesse tocando tão alto do quarto de Beth a ponto de abalar as vigas, e Willow latindo como um demônio do lado de fora porque as galinhas não estavam se comportando, e ela queria ser criança novamente. Segura. Cheia de sonhos isentos de espinhos.

Quando Charlie mandou uma mensagem, Bree deixou os papéis em suas mãos caírem.

Senti sua falta de manhã. Qto a esta noite. 19h OK? Jantar 1º. Chá? CW

Ela se preparou para responder, mas a tela continuava em branco, seus polegares em riste. Não conseguia. Tudo que tinha para dizer era OK. Nada mais. Porque, claro, ela iria. Tinha assinado um contrato. Tinha uma responsabilidade. Era *seu maldito sonho virando realidade*.

Bree desligou o telefone. Só por um tempinho. Até finalizar seu trabalho.

CHARLIE BEBEU um gole do copo de uísque que tinha pegado na festa e se perguntava por que

não tinha pedido uma garrafa. Olhou para Bree e lhe ofereceu um sorriso, embora ela tivesse resolvido sentar-se o mais longe possível dele, do mesmo jeito que fizera a caminho da festa.

Por sua vez, ela lhe ofereceu o arremedo patético de um sorriso.

O que estava acontecendo? Bree havia mandado um único torpedo para ele durante o dia todo, só para dizer que não ia dar para jantar. Charlie mal a vira quando estava se arrumando na sala de imprensa. Ele queria manter as coisas focadas, sem mencionar o bilhete ou a noite anterior. A atitude distante dela deveria ser exatamente o que ele esperava, mas Charlie estava odiando aquilo. Ele ainda estava chateado com o bilhete estúpido. Ela poderia ter dito alguma coisa, mesmo que tivessem cometido um erro. Ele não gostava de ser pego de surpresa.

Assim que entraram na boate, Bree se animou, encantou a todos com quem conversara. Tiraram fotos dela, ela dançou com homens, mulheres, grupos de homens. Mas com Charlie não. Ele não dançava. Todo mundo sabia disso.

Claro, as pessoas perguntaram sobre a ausência dele na estreia, e ele não respondeu. Nem Bree. Os dois até mesmo se tocaram e se beijaram, mas na bochecha. Queriam se certificar de que a multidão acreditaria no que Charlie queria que acreditassem. O único problema foi que aquele toque, e mesmo o beijo sem graça, o deixaram excitado sob a calça do terno, e ele teve que esperar do lado de fora com os fumantes até se acalmar.

Quaisquer que fossem as consequências, aquela porcaria não podia continuar. Bree não estava cansada; cansaço era diferente. Mesmo com os sorrisos, as fofocas, as fotos e o barulho retumbante, ela parecia entorpecida, calada. A faísca que a fazia iluminar um ambiente tinha sido abafada, e isso acontecera em algum momento entre o melhor sexo da vida de Charlie e um bilhete nas costas de uma nota fiscal de restaurante. Toda vez que ele olhava para ela, ele desejava tanto saber o que tinha acontecido.

– Você está calada – disse ele, finalmente, rumo à transgressão.

Ela fez um gesto com a boca que deveria tranquilizá-lo, mas causou o oposto.

– Trabalhei muito mais do que eu planejava, mal consegui tirar um cochilo, e então eu acordei em pânico...

Ele assentiu, mas não acreditava nela.

– Desculpe por estar mantendo você acordada até tarde. Não teremos nenhum evento amanhã. Isso é uma vantagem.

– Sim, é – disse ela, olhando para as próprias mãos.

– Bree. Eu fiz alguma coisa que não deveria? Eu sei que posso ser um canalha insensível.

Ela encontrou o olhar dele diretamente.

– Não. Você não fez nada errado. De jeito nenhum. Nadinha. Você tem sido exatamente o que você disse que iria ser, e isso é ótimo. Isso é... ótimo.

– Ótimo – repetiu ele baixinho, porque aquele pequeno discurso o fez sentir um aperto por dentro.

– Desculpe. Sabe o que é? Recebi um telefonema de casa hoje. Família e outras coisas. Com tão poucas horas de sono, acho que não sou muito boa companhia.

Pela primeira vez, desde às 8h, Charlie relaxou. Não completamente, mas ele compreendia problemas familiares. Deus sabia, toda vez que ele interagiu com sua família, ficava de mau humor durante umas quatro horas, se não mais.

– Há alguma coisa que eu possa fazer?

Ela balançou a cabeça.

– Obrigada, mas não. Ninguém pode fazer nada, senão aceitar. Na segunda-feira já estarei bem. Temos aquela festa do perfume, certo?

Ele concordou com a cabeça.

– Isso. Eu não sei mesmo como uma celebridade começa a pesquisar um perfume. Com certeza eu não tenho o cheiro de especiarias exóticas ou cítricas, pelo amor de Deus. E eles ganham milhões com isso. As pessoas realmente acham que, se tivessem o cheiro do qual alguém supostamente possui, vão ficar mais sensuais? Vai ser mais provável que elas mesmas fiquem famosas?

Bree gargalhou; melhor som da noite. Mesmo com o burburinho da festa ressoando nos ouvidos dele. Finalmente, um pouco de relaxamento, ainda que um pouco frio. Ela ainda estava muito distante.

– Você, por outro lado – disse ele, deslizando para mais perto dela –, renderia um perfume maravilhoso.

Ela o espiou e, em vez de tocá-la como havia planejado, Charlie simplesmente baixou a voz.

– Você cheira a mel e mar. Quanto mais perto fico, mais intenso se torna. E o cheiro está sempre aí, não importa o que aconteça, por isso, ou é o melhor perfume de todos os tempos ou, conforme já desconfio, é só você.

– Eu não uso perfume – disse ela. – E não há mel em qualquer cosmético que eu tenha. E nem tenho certeza do cheiro do mar.

Ele fechou os olhos quando inalou. Pronto. Não estava inventando.

– É maravilhoso – disse ele. – Assim como você.

Bree gemeu baixinho, gesto que fez Charlie abrir os olhos, e o sorriso. Mas ela não estava olhando para ele. Ela estava olhando para a janela. A sensação de retidão desaparecera novamente.

– Bree...

– Desculpe. Não é você. Juro.

– Tudo bem – falou ele, desconfortável por não saber o que fazer. – Você gostaria de subir?

Ela parou, com a respiração quase imperceptível, e depois balançou a cabeça.

– Hoje não, mas obrigada pelo convite.

Charlie se remexeu um pouco, dando espaço a ela. Então pegou o copo meio vazio, planejando acabar com o restinho da bebida antes de chegarem ao prédio dele.

BREE JOGOU a cautela ao vento quando pediu ovos Benedict e maçãs, com panquecas e xarope de bordo. As outras, Rebecca, Shannon e Lilly, assentiram em aprovação, e até mesmo ergueram seus drinques num brinde, e em seguida pediram ovos ou mingau de aveia. Elas estavam no brunch de domingo no Elephant & Castle, e Bree estava morrendo de fome depois de uma hora de espera para conseguir uma mesa. Sua mão tremia quando ergueu o café.

– Ele era legal – disse Shannon, e Bree sorriu quando Shannon jogou o cabelo ruivo atrás do ombro. Shannon se comunicava com seu corpo. Seus olhos se iluminavam de alegria, a decepção na verdade estava nos ombros e no arpear irônico da testa, e quando ficava com raiva, projetava seu quadril direito e colocava a mão na cintura.

Na linguagem de Shannon, a jogadinha de cabelo era mais sobre inevitabilidade do que decepção. Uma conclusão precipitada. Bree não tinha cabelo suficiente para copiar o movimento, nem a capacidade de aceitação. Ainda não.

– Era para ter existido alguma química entre a gente – continuou Shannon, após terminar de beber seu primeiro coquetel. – Deus sabe que ele era gostoso. Eu quase fui para casa com ele, mas parecia injusto. Com o cartãozinho dele, sabe? Ele queria algo a longo prazo. Infelizmente, não houve faíscas. – Ela olhou ao redor do restaurante, o burburinho do lugar não era intrusivo, mas definitivamente estava lá. – É, realmente, só a biologia? Um projeto de química? Isso não parece justo.

– Bem – disse Lilly, pegando um cartãozinho de troca na bolsa. – Aqui está o meu. Não importa o que aconteça, você vai aproveitar a noite. Ele é um cara doce e extremamente brilhante. E também tem dinheiro.

Shannon pegou o cartão e deu o seu a Lilly.

– Eis o meu, para você e John terem uma química louca.

Ambas avaliaram suas novas perspectivas. Bree bebeu um gole de café e, quando seu olhar se desviou para Rebecca, esta sequer fingiu que não estava olhando, olhando de maneira bem óbvia.

– O quê? – disse Bree, com petulância o suficiente para esperar que Rebecca entendesse.

– O que está acontecendo?

– Nada. Está tudo bem.

Rebecca pegou seu drinque, mas Bree ouviu um “mentirosa” sendo sussurrado antes de a amiga bebericar um gole.

– Rebecca, por favor.

– Se ele fez alguma coisa horrível, você tem que me contar.

– Ele não fez...

– Então...

– Não é nada. Estou dizendo. Nós estamos bem. Vamos a uma festa de lançamento de um perfume amanhã à noite. Eu não tenho dormido pelo que parecem, sei lá, anos, e gostaria de estar na cama agora se vocês malvadas não tivessem me arrastado para sair.

– Você tem estado ausente sem se justificar para a gente há muito tempo – reclamou Shannon –, e tudo que sabemos é só o que vemos na internet. Tenho 50 palpites dos bons a respeito do que você e Charlie Winslow estavam fazendo em vez de comparecer à estreia.

O rosto de Bree pegou fogo, pelo menos era essa a sensação. Ela trocou o café por água gelada na tentativa de esfriar e empalidecer.

– Nada importante – justificou ela.

As três trocaram olhares descrentes e em mais um segundo Bree iria pegar sua bolsa e sair do restaurante. Sair do grupo de pratos congelados, nunca mais olhar para um cartão de troca e começar a verificar tarifas de passagem aérea para Ohio.

Bree corou de novo, mas não por causa do comentário de Shannon. Podia até ter cometido um erro ao permitir que seus sentimentos saíssem do controle com Charlie, mas ela não abandonaria a mesa, ou o estado. Ela não era aquela pessoa, e caramba, isso não importa quantas lágrimas precisasse derramar até superar o coração partido, não ia desistir. Ela não tinha chegado tão longe só para escapular para o colinho da mamãe.

– Sério – disse Bree, sentando-se ereta na cadeira. – Não aconteceu nada de mais. Estava fora

da nossa programação. Charlie explorou positivamente transformando em fofoca e funcionou. Éramos um ponto cego no *New York Post* de hoje, na coluna de fofocas. É tudo parte do plano. O *NNY* vive para as visitas únicas. É uma grande fórmula matemática que determina o quanto ele pode cobrar por espaço publicitário. Tudo relacionado às vezes que uma determinada pessoa clica no blog em qualquer computador individual.

– É isso? – perguntou Lilly com ceticismo. – Mas vocês são tão fofos juntos.

Bree se virou de Lilly para Rebecca, encarando-as.

– Nós temos que parecer fofos juntos. Desculpe por estragar isso para vocês, meninas, mas juro, é profissional. Na verdade, assim que os números caírem, deixarei de ser útil para o blog e eu mesma estarei trocando os cartõezinhos.

– Você vai jogar Charlie de volta no ringue? – perguntou Shannon.

– Acredite, ele não faz seu tipo. Ah, ele é legal e tudo, mas não está buscando encontros.

Rebecca tentou intimidar Bree com o olhar, como se pudesse fazer Bree retirar o que disse com telepatia. Bree tocou a mão dela.

– Nós vamos conversar, mas não agora – disse baixinho o suficiente para que as outras não pudessem ouvir, e então a comida chegou, a distração da qual Bree necessitava. Ela relaxou, confiante de que havia cruzado um marco importante.

Daí o celular tocou. Ela quase ignorou. Quando o tirou da bolsa, sabia antes mesmo de apertar qualquer tecla que era Charlie. Só que não era sobre o lançamento do perfume na noite seguinte.

Jantar hj? Na mesa do *chef* do Le Bernardin?

Bree notou o nome do melhor restaurante da cidade. O convite era mais que incrível. Por sua carreira, seu futuro, ela não deveria hesitar. Haveria fotos e ainda mais fofocas quando saíssem para jantar sem um caçador de evento. Mas, por sua sanidade, ela digitou:

Adoraria. Nas não posso. Outros planos. Até amanhã!

Capítulo 15

CHARLIE PEGOU o telefone, ostentando um sorriso em seu rosto antes de ouvir as palavras do segurança lá embaixo. Quando o nome de sua prima foi anunciado, ele almejava um convite para uma festa qualquer e deu o seu aval para ela subir.

Talvez a visita de Rebecca não fosse tão ruim. Era esquisita, mas não necessariamente uma coisa terrível. Ela era amiga de Bree. E como raramente visitava, devia estar ali por causa da amizade entre elas. Rebecca saberia qual era o problema com Bree, e isso iria ajudar. Ou talvez ela tivesse ficado sabendo que ele tinha cancelado sua reserva no Le Bernardin e quisesse que ele a levasse? Bem difícil, porque ele não estava mais com fome.

Charlie se levantou da mesa da sala de jantar, sem se preocupar em recolher o convite ou qualquer outra bagunça acumulada. Sua faxineira estaria de volta no dia seguinte. Só quando abriu a porta é que percebeu que não tinha colocado os sapatos. Apenas meias. Meias pretas. Ele estava usando calça jeans e sua camiseta dos Yankees. Tinha separado as roupas para seu encontro às 19h, mas dane-se.

Rebecca, como sempre, parecia tão polida quanto uma pérola cultivada. Charlie pegou o casaco dela e o jogou sobre o pufe na entrada. Daí a ouviu bufar indignada, mas ignorou.

– Você quer café? Vinho? Vodca?

– São 14h30 – disse ela, os saltos estalando atrás dele.

– E?

– Você ao menos sabe fazer café?

– Você é uma desordeira, Becca.

Na cozinha, ela pegou o leite enquanto colocava grãos em seu moinho de café.

Quando a moagem terminou, ele colocou o pó na cafeteira e ficou na frente do balcão, com os braços cruzados.

– Então?

– O que você fez, Charlie?

– Em relação a quê?

– Não seja estúpido. Para Bree.

– Eu não fiz nada. Ela é a única que tem estado...

– Tem estado o quê?

Ele deu de ombros, se virando para vigiar enquanto a cafeteira borbulhava.

– Calada. Ausente. Sei lá.

– Quer me contar por que vocês perderam a estreia do filme?

– Não.

– Tudo bem. Café para viagem, então. Ah, e parabéns pelos 14 restantes, independentemente do quanto você envelhece. Excelente trabalho. Você deve estar muito orgulhoso.

– Do que você está falando? – Ele se virou de novo, de mau humor.

– Tudo bem, vamos lidar com as prioridades primeiro. Você acredita sinceramente que sua família precisa fazer propaganda em seus blogs para que Andrew vença esta eleição?

– Sim.

– Então seu ego passou oficialmente dos limites. A visita deles a você, Charles, era a versão deles para uma oferta de paz.

– Como se eu fosse apoiar aquele idiota?

– Eles não estavam pedindo apoio. Você recebe dinheiro de publicidade de todos os tipos de lunáticos. Durante a campanha presidencial, você deu espaço aos dois partidos, que ficaram berrando uns com os outros constantemente. E sei que você não votou em ambos.

– Então você armou a vista dele. Diabo, eu te dei mais crédito do que era devido.

– O quê? – disse ela, dando dois passos em direção a ele.

– Você realmente disse a eles para se aproximarem de mim, não foi?

– Não. Eu não. Eu fiquei sabendo disso depois. Pelo tio Ford.

– Cristo. Esta família.

– É a sua família. – Ela tocou o braço dele. – Eu não sei o que aconteceu entre você e Bree, honestamente, mas sei que ela é diferente. E você... você não vai a seus correspondentes do blog. Eles vêm até você. Você não finge ter uma amante por tanto tempo. E você com certeza não se preocupa se um dos seus chamarizes está calado ou ausente.

Charlie deu um passo para trás, se desvencilhando da mão de Becca. Ele pegou duas canecas e serviu café.

– Não é pessoal. Os números estão em alta. E têm estado desde a primeira noite. Suponho que eu deva lhe agradecer por isto.

– Não dou a mínima para seus números.

Ele bebericou um gole de café, o qual estava tão quente que lhe queimou o céu da boca.

– Isso é tudo que me interessa.

– Ah. Tá bom. – Rebecca pegou um dos agora famosos copos para viagem no armário e transferiu seu café, adicionando um pouco de leite antes de fechar com a tampa. – Não vai ser fácil voltar. Você vai ficar baqueado depois de Bree. Pelo menos, vamos esperar que sim. Acho que há um homem decente dentro de você, Charlie. Conheço você há muito tempo para desistir da esperança.

– Quem morreu e transformou você no Yoda?

Ela sorriu.

– Eu sou capaz de despejar verdades. Provavelmente porque já fiz de tudo, mas me transformei em uma monja. Mas sabe de uma coisa? Quando eu encontrar alguém que ache que vale a pena, lhe darei minha total permissão para não se preocupar com meus sentimentos e falarei as verdades. Entendeu? – Ela se pôs bem diante dele e o encarou. – Brigue por mim, Charlie. Brigue sujo. Brigue pesado. Não me deixe estar certa quando preciso ser feliz – Ela o beijou no rosto, pegou sua bebida e deixou parado ali, de meias.

Até o momento em que ele se lembrou da própria caneca, o café estava frio. Mas ele havia tomado uma decisão.

CHARLIE TELEFONOU para Bree às 13h10 na segunda-feira. Ela atendeu após o segundo toque.

– Charlie? O que houve?

– Nada. Por quê?

– Você não está enviando torpedos.

– Ah – disse ele. – Não, está tudo bem. Como você está?

– Estou ótima. Ótima.

Ele fez uma careta. Dois “ótima” definitivamente significavam algo errado.

– Que bom. Porque, você sabe, temos a festa do perfume esta noite.

– Certo. Eu ia te mandar um torpedo. Que horas você quer que eu chegue a sua casa?

Ele girou a cadeira e olhou pela janela. A cidade inteira parecia cinza. Desanimada.

– Às 19h? Ou 18h, se você quiser comer. Nós não vamos ficar até tarde. É um lançamento de perfume. Prometi a um amigo, do contrário eu cancelaria. – Charlie esperou que ela dissesse alguma coisa, e quando o silêncio se estendeu, ele já tinha um plano B pronto: – Você, por outro lado, não prometeu a ninguém. Esta noite não é grande coisa. Se quiser dispensar, tudo bem.

– Dispensar?

– Sim. Você teve uma semana ocupada, e festas às segundas à noite são sempre de segundo escalão. Vou criar alguma coisa boa sobre ela no blog, algo que vai fazer todo mundo ficar comentando. Se você quiser.

O silêncio foi quebrado pela respiração de Bree, e Charlie tentou imaginar onde ela estava. Dentro de algum lugar, já que não havia nenhum som de tráfego. Em seu cubículo do escritório? Um restaurante? Ele se perguntou se ela estava usando uma fita no cabelo hoje, e desejava ter ido falar com ela pessoalmente. Apenas a voz dela não era suficiente.

– Isso seria ótimo – disse ela.

– Tudo bem então. Sem problemas. Descanse um pouco. Recupere o sono atrasado porque vai ter muita coisa para fazer a partir de terça-feira. – Ele fez uma careta, lembrando que na terça-feira à tarde ele tinha concordado em participar de um desfile para a caridade, mas isso não era problema de Bree. Ela estaria no trabalho.

– Tudo bem – disse ela com a voz muito baixa. – Vou descansar um pouco. Eu... obrigada, Charlie. Mas se você mudar de ideia. Se você achar que seria melhor... para o blog, minha presença lá...

– Não. Há gente para me cobrir. Você vai poder ler tudo sobre isso no *NYNY* de amanhã.

Bree suspirou. Parecia triste. Charlie havia lhe dado muito no que pensar na noite anterior. Tudo bem, ele sentiria saudade dela. Mas não havia nenhuma razão para pensar que aquele clima era outra coisa senão o que ela justificara, apesar do draminha de Rebecca. Bree estava longe de casa por conta própria. Ela era golpeada com momentos brutais e toneladas de pressão. O compromisso desta noite realmente era sem importância, e ao mesmo tempo que Charlie preferia estar com Bree, ele também queria que ela levasse o tempo que precisasse para se recuperar. Ele gostava de vê-la feliz. Gostava de vê-la animada. Gostava dela.

ERAM 6H15 de segunda-feira e Bree estava em um elevador, e era bem possível que ela tivesse perdido a consciência entre o quinto e o sexto andar.

Ou talvez aquele lapso fosse resultado direto da noite não dormida. Ela tentara chá, ioga, meditação, esta última rende uma algazarra de risadas, um banho quente, leite quente. Em vez de dormir, ela ficou lendo o equivalente a um ano de conteúdo do *Naked New York*, todos os artigos que encontrou em uma pesquisa na internet sobre Charlie e sobre todas as pessoas com quem ele já havia saído, começou um novo plano de cinco anos meia dúzia de vezes e, em geral, ficou enlouquecida. As coisas estavam uma bagunça no emprego. Se ela não fosse demitida esta semana, seria por pura intervenção divina, pois honrava seu salário. Independentemente do que acontecesse em seguida, *aquilo* ia mudar. Ela precisaria da BBDA mais do que nunca depois daquela visita imprudente.

Bree não tinha telefonado com antecedência. George, da recepção, não se preocupou em avisar Charlie sobre a chegada dela, mas perguntou se ela estava se sentindo bem, porque não havia aparecido no domingo. George não trabalhava aos domingos. Então ficara sabendo através de outros funcionários da recepção que Bree tinha perdido uma noite com Charlie. O que significava que não era só ela... todos pensavam que Charlie e ela eram... algo que não eram. Ela não tinha certeza se isso a fazia sentir-se melhor ou pior.

Quando o elevador se aproximou do andar de Charlie, Bree precisou lutar contra o pânico total, afinal... o que ela estava fazendo ali mesmo? Ela não fazia ideia do que ia dizer. Ela, sendo muito franca, não queria ir à festa do perfume. Bree nunca havia imaginado um mundo onde isso seria verdade.

De qualquer forma, não ir à festa era pior. Que Deus a ajudasse, ela sentia muita saudade dele. Sabendo tudo que sabia, Bree o desejava como um viciado deseja crack. A falta esta noite devia ter sido utilizada para recuperar as energias, reorientar os objetivos, fazer aquele novo plano de cinco anos. Ou dormir. Dormir teria sido bom.

O elevador parou de forma tão suave que Bree levou um segundo para notar que tinha chegado. No segundo que as portas se abriram, entrou em pânico e apertou o botão para descer. Duas vezes.

Quando as portas estavam prestes a fechar, ela esticou o braço. Eis ali um resumo da vida dela. Presa. Insegura. Com medo de encontrar o próprio olhar no espelho. Apavorada demais para andar para frente, sem vontade de voltar.

Ela não tinha um plano, e isso era a coisa mais assustadora de todas. Mas ela resolveu sair do elevador, pronta para enfrentar o que tinha se convencido a vir fazer.

Charlie abriu a porta antes de Bree bater. Quando ele a viu, arregalou os belos olhos castanhos, e o sorriso foi tão reluzente e tão genuíno que algo dentro dela mudou para sempre.

– Bree – disse ele com aquela maldita voz característica.

– Oi.

– Eu pensei que...

– Eu sei. Eu não...

– Entre. A equipe não está aqui, mas podemos fazer isso. Podemos resolver isso. – Ele deu um passo para trás, com o olhar e o sorriso constantes e satisfeitos. – Eu estava pegando o jantar. Pizza. Queijo e champignon. Posso pedir outra coisa se você não gostar de pizza. Tem aquele lugar indiano do qual falei...

– Estou bem. Está tudo bem. Pizza é ótimo. – Eles entraram. Ela estava usando casaco. E um

vestido de trabalho, botas, nada de especial, apenas roupas porque nunca imaginara que chegaria tão longe.

Ele estava de jeans. Uma camisa roxa escura com mangas arregaçadas. Meias, sem sapatos. O cabelo estava bagunçado, mas não do jeito legal de sempre. Um bom pedaço estava todo amassado e fez a garganta de Bree apertar e a deixou prestes a chorar, coisa que não fazia sentido algum.

Charlie foi até ela, braços estendidos, enquanto ela se contorcia para se livrar do casaco, mas daí ele a abraçou, prendendo os braços dela junto às laterais do corpo. “Estranho”, não chegava nem perto de definir o que estava acontecendo dentro dela. As lágrimas estavam prestes a cair, e havia uma enxurrada de borboletas no estômago, junto a um rubor de proporções épicas e o cheiro da pele dele, tanto excitante quanto reconfortante.

Ela sentiu-se um pouco melhor quando o flagrou fungando em seu pescoço. Melhor ainda quando a rigidez dele e a respiração ofegante deixaram bem claro que ele sentia-se tão esquisito quanto ela.

Charlie deu um passo para trás, e, ai, Deus, o rubor dele. Lindo. E horrível. Porque não era assim que ela queria que as coisas fossem. Não era. Como ela não era capaz de enfiar isso em sua cabecinha dura?

Ela deixou o casaco cair. Era tudo que podia fazer para não cair junto.

CHARLIE VIU Bree vacilando, e não tinha certeza se deveria agarrá-la ou o quê.

– É o seguinte – disse ela com a voz tão instável quanto as pernas.

Charlie percebeu o quanto ela estava corada e tremendo, e ao passo que não estava usando nenhuma fita, Bree tinha um pregadorzinho de borboleta puxando uma mechinha do cabelo curto e escuro para trás.

– Eu sei não misturar as coisas. – Ela se inclinou um pouco para frente. – Trabalho, prazer. Esse tipo de coisa. Eu sei disso. Você não tem sido nada senão incrível, e mudou minha vida completamente. Meu plano de cinco anos? Foi adiantado para dois, talvez três agora, mas, na verdade, estou repensando a coisa toda, porque eu... isso... estou diferente. Porque você permitiu que eu escrevesse para você. Você me deu carta branca para o mundo com o qual eu tinha sonhado, e sonhos que se tornam realidade se transformam em algo mais. Não é ruim, só não é o que imaginei. Mas isso não é um problema.

Ela respirou fundo, e cara, ela precisava mesmo tomar fôlego porque praticamente dissera tudo em uma frase.

Charlie a compreendia no entanto, apesar de estar completamente atraído pelos lábios rosados e pelo jeito que ela jogou a mão direita para o lado quando enfatizou alguma palavra. Ele sabia que ainda estava sorrindo. Pensou em parar. Não o fez.

– Então o problema não é você – disse ela. – É que eu quebrei a única regra. A regra mais importante. A regra que pode arruinar tudo. Eu não sabia que ia quebrá-la. Eu com certeza não planejava. Eu tinha feito uma promessa. Para mim mesma. Que eu não iria me envolver. Que eu não iria me permitir. Porque... minhas amigas? Todas as minhas colegas de quarto de faculdade e todas as minhas melhores amigas do colégio...? Todas se apaixonaram por um cara e em seguida os sonhos delas... enfraqueceram. E, sim, eu sei que uma coisa não precisa

necessariamente levar à outra, mas eu me conheço, e sei como eu posso ser obsessiva, e isso é uma ótima característica quando estou trabalhando pelo meu futuro, mas não tão boa assim quando significa ser totalmente engolida pelo amor. Não é que eu não ache que o amor seja bom... porque é bom... é ótimo... mas meus objetivos... eles são importantes. Quero provar meu valor no mundo antes de sossegar. Olhe só para você! Você saiu e fez exatamente isso. Em nenhum minuto permitiu que nada nem ninguém entrasse em seu caminho e, uau, você conseguiu. Você é o homem mais bem-sucedido que conheço, e você não se tornou um filho da mãe por isso, e você tem moral, e tem sido tão bom para mim que eu nem mesmo...

Meu bom Deus. Charlie piscou, e seu sorriso estava rachado. Não completamente, mas o suficiente. Amor? É mesmo? *Amor?*

Não. Não, não, não. Não era isso que estava acontecendo ali. Ele gostava dela. Muito. Mais do que da maioria das pessoas. Muito mais. O sexo com ela era fora de série, e por mais fantástico que fosse, passar tempo com ela era ainda melhor, mas amor?

Não mesmo. Não abertamente. Não estava aberto a discussões, então o que ela estava...

Charlie tinha certeza de que um coração não deveria bater tão depressa.

– Mas acho que isso é só por causa dela, você sabe, Cinderela e tal – disse ela com a voz um pouco mais lenta, os olhos não tão enérgicos. – Apesar de eu ter esperado esse tipo de final feliz. Isso é conversa de malucos. Quer dizer, você é Charlie Winslow. Você é o garoto-propaganda dos solteiros. Eu sou o chamariz. Sério, eu tenho consciência de tudo isso. Está tudo bem comigo. Eu entrei nessa sabendo. Eu tinha tudo planejado, veja só, como guiar minha vida, esta parte da minha vida, e então fui e fiz algo estúpido. Não que eu esteja exatamente apaixonada, mas estou indo nessa direção, e se eu não tomar cuidado... – Ela engoliu em seco. – Isso não vai afetar você de jeito nenhum. E falo totalmente sério. Se isso fizer você se sentir desconfortável, bem, então...

Bree contraiu os lábios por um segundo quando um lampejo de dor cruzou seu rosto. Ou de confusão?

– Bem, então eu vou me retirar de cena. Tudo bem. Mas se você ainda estiver com índices favoráveis no blog, então vou honrar meu acordo. Eu vou ser o melhor chamariz que puder, e não vou constranger você, eu juro. Eu prometo. O problema é meu, não seu. Sério. É que você tem sido tão bom, e eu devia isso a você, dizer o que realmente estava acontecendo. Você realmente tem sido ótimo.

Estava levando um bom tempo para o cérebro de Charlie absorver as palavras dela, e ele provavelmente perdera algum pedaço aqui ou ali. Estava achando que Bree havia falado que tinha se apaixonado? Por ele? Ou talvez que ela estava com medo de se apaixonar. Por ele. Mas ela não queria porque era contra as regras, e ele era um garoto-propaganda, e ela era um chamariz. Ou Cinderela.

Ele tinha certeza que Bree havia mencionado que o problema era dela, e não dele, mas podia haver uma discussão ali sobre a veracidade de tal declaração. Se pensasse bem no assunto, ele seria capaz de resolver isso, dar sentido ao que ela dissera, ou melhor, ainda estava dizendo.

– Você parece apavorado – disse ela. – Desculpe. Não fique. Eu não... eu não... eu não sou como uma fã louca ou uma maníaca perseguidora ou qualquer coisa assim.

Ela estremeceu, e Charlie já tinha visto aquele olhar antes. Ele entendeu então aquele rosto

contraído. Contraído e bonito, e, ai, droga.

– Hum – disse ela, em voz baixa. – Isso deve ter saído um pouco do controle.

Charlie precisou pigarrear.

– Bree, talvez devêssemos comer alguma coisa. Você sabe, desacelerar. Conversar.

A batida à porta não foi percebida até Bree olhar além das costas de Charlie. Mas que diabos? A equipe inteira tinha saído de férias ou coisa assim?

– Só um segundo – desculpou-se Charlie, em seguida foi até a porta.

A porta foi aberta e lá estava Mia Cavendish, em um casaco de pele sintética imenso, cabelo e maquiagem perfeitos e um olhar de tal tédio que Charlie pensou que ela poderia simplesmente derreter em uma poça no meio do átrio.

Mia olhou para Bree, em seguida para seu relógio de pulso, e depois para Charlie.

– Cheguei cedo? Naomi disse para eu estar aqui no máximo às 18h30.

FOI COMO ser esfaqueada no peito. Como um terremoto. Como um toque de despertar. Bree tentava se lembrar de como respirar enquanto rezava para a terra engoli-la inteira, para ter forças para mover seus malditos pés antes de o elevador retornar para o saguão. Ela era uma *idiota*. E uma mentirosa, uma mentirosa completa.

– Naomi – perguntou Charlie. – O quê?

– Para a festa de hoje à noite – disse Mia enquanto caminhava pelo apartamento como se morasse lá. Ela sorriu para Bree, embora estivesse claro que ela não podia ser incomodada. – Acho que é isso que vou usar, mas vou dar uma olhada nas prateleiras – disse ela, deixando o casaco cair em uma poltrona. – Eu mataria por um pouco de champanhe. – Ela olhou para Bree novamente.

– Onde está Anna? Ah, ela provavelmente foi embora. Charlie?

– Mia, quando você falou com Naomi?

– Esta tarde. Por volta de 13h30. Por quê?

Bree ficou ouvindo-os conversar, mas as vozes estavam abafadas. Ela precisava pegar o casaco. Vesti-lo. Ir embora. Agora. Antes que Charlie a notasse novamente.

No entanto, por que ele notaria? Uma das mulheres mais bonitas do mundo estava de pé a menos de dez centímetros de distância. Alta, esguia, o rosto incrivelmente lindo, ela era o tipo de mulher que deveria estar com Charlie Winslow.

– Dê-nos um minuto, Mia. Há champanhe na geladeira.

A modelo não pareceu contente com isso, porém se afastou, confiante em suas botas insanamente altas.

Aquilo fez Bree se movimentar para ir embora. Ela flexionou o joelho, do jeitinho que sua mãe havia lhe ensinado, para pegar o casaco, cujo tato foi frio em seus braços, pesado sobre seus ombros, mas era grosso, e quando ela colocou os braços ao redor da cintura, soou como proteção.

– Eu tenho que ir – disse ela, olhando para qualquer lugar, menos para Charlie.

Ele entrou na visão periférica de Bree e ela se afastou, o mais depressa possível.

– Sabe o que é engraçado? – questionou ela enquanto se afastava.

– Bree, espere.

– Sabe o que é historicamente engraçado? Eu sou de Hicksville. Essa é a verdadeira cidade de onde vim. Hicksville, Ohio. Fui para o colégio Hicksville High, e nada no mundo jamais foi mais apropriado do que isso.

– O quê? – Charlie piscou para ela, olhou para a cozinha, depois de volta para Bree. – Espere, isso tudo está indo muito rápido. Não vá embora. Está bem?

Ela balançou a cabeça.

– Você precisa se arrumar para a festa. Você fez uma promessa, e não pode deixar de comparecer aos compromissos. Eu já te tirei da sua rotina, e isso é ruim o suficiente, mas eles estão esperando por você. E Mia Cavendish! Isso vai impressionar algumas pessoas, não é? Espere até algum site de fofoca receber um carregamento de material de vocês dois juntos. As redes sociais vão enlouquecer.

Ela correu para longe dele, vacilante, assim como tinha feito na manhã seguinte à primeira vez deles.

– Por favor – disse Charlie. – Eu não...

– Está tudo bem. Vamos decidir o que fazer depois. Eu realmente preciso... – E então ela saiu, apertando enlouquecidamente o maldito botão do elevador, e por que ele não podia morar no primeiro andar? Isso o teria matado? Se esse fosse o caso, ela já estaria num táxi.

O elevador apitou, e Bree nunca ficou tão grata em sua vida. Ela deu um passo para dentro assim que a porta se abriu, então Charlie saiu.

Bree encontrou o botão para fechar as portas na primeira tentativa, e Charlie não esticou o braço para segurar a porta. Por que deveria? Charlie Winslow sabia exatamente qual era o lugar dela.

CHARLIE QUERIA estar em qualquer lugar, exceto no Canal Room. O lugar estava lotado com as mesmas pessoas que ele tinha visto no sábado à noite, e na quinta-feira, e na quarta-feira à noite. As mesmas câmeras e repórteres e puxa-sacos feitos dos mesmos ruídos. O jogo repetido indefinidamente, e a única coisa que mudava era o figurino.

Mia estava... em algum lugar. Ela pareceu surpresa quando Charlie não a aninhou depois de sair do carro. Não importava o fato de não terem trocado uma palavra durante a viagem, mas quando as câmeras foram ligadas, havia expectativas. Exigências. Ele não poderia ter se importado menos.

A imprensa iria dizer o que queria, aí seria a vez dele, e ele iria fazer uma declaração mais ultrajante, e assim vai. Nem mesmo xadrez, mas damas. Seus pensamentos, enquanto ele estava bebericando um uísque perto da porta dos fundos, além de debater internamente uma fuga dali, estava nas duas mulheres que tinham vindo para o centro do palco de sua vida. Rebecca, que sempre tinha sido uma aliada, até mesmo quando eram crianças. Não havia nenhuma razão para acreditar, racionalmente, que ela havia mudado sua lealdade. Charlie nunca fizera nada para machucá-la ou envergonhá-la. Eles não eram apenas parentes, eram amigos.

Considerando isso, talvez fosse hora de pensar no que ela estivera tentando dizer a ele. Ela não tinha nada a ganhar se ele reavaliasse sua relação com os pais, com seu trabalho, com Bree. Se ele fizesse uma reviravolta completa em todas as três áreas, ele e Rebecca iriam continuar como antes.

Do que ele tinha medo? Da ideia de mudança? Mudar sempre fora desconfortável, e ele construíra uma vida muito confortável para si. Digamos que ele estava disposto a sair de seus padrões. Nada era gravado em pedra, então e daí se ele analisasse isto?

Ele não tinha nenhuma obrigação de fazer qualquer coisa que seus pais lhe pedissem. Nunca tivera durante anos. A vida que levava era dele. Em troca, nada que ele fazia ou dizia ia influenciar seus pais, a não ser que eles quisessem ser influenciados.

Ele deu um gole no uísque, sentiu queimar o fundo da garganta. Ocorreu-lhe que a rivalidade tinha acabado anos atrás, mas Rebecca estava certa. Ele nunca parava de competir. E tinha ficado incrivelmente satisfeito com a reação horrorizada deles ao *Naked New York*, bem como a sua notoriedade. O portal representava tudo que eles evitavam como uma praga: interesses comuns, a exposição pessoal, visão progressista. Basicamente tudo o que não os representava. Charlie continuava a aumentar as apostas, eles continuavam reagindo com choque, com ameaças, com subornos. Hum. Ele transformou aquela rodinha de hamster no projeto de sua vida.

Por que, dentre todas as coisas interessantes disponíveis para um homem de seus recursos, ele ainda estava jogando aquele jogo ridículo? Estrelas de cinema? Moda? Escândalos? Não que ele

considerasse toda celebridade uma tolice... não era bem assim. Os humanos criaram a cultura das celebridades porque foram projetados dessa maneira. Fofocas existiam desde a invenção do discurso. A tecnologia só tornava tudo mais imediato. Era parte do mundo, mas apenas uma parte pequena e, no fim, não era uma parte que ele valorizasse particularmente, tirando pela receita gerada.

Charlie pegou seu copo e saiu. Droga, tinha esquecido o casaco, estava um frio de matar, mas ele não estava disposto a voltar para dentro, agora não.

Caminhou rua abaixo, e até mesmo às 22h40 havia pessoas nas faixas de pedestres, pessoas tagarelando, luzes acesas, restaurantes e bares cheios até o talo. Deus, ele amava aquela cidade. Sua bagunça fantástica. Infinitamente fascinante, e ele era o filho da mãe mais sortudo que morava lá. Será que ele sabia mesmo o que fazer com este mundo ao seu alcance? Se ele se afastasse do *Naked New York* amanhã, nada de significativo aconteceria. Ele imaginava que ainda administraria o grupo de mídia. Isso era gratificante, e Charlie tinha muito orgulho do que construía. Mas se ele nunca mais fosse a outra festa, nunca comparecesse a outro lançamento de filme ou inauguração de boate, e daí? Manhattan encontraria outro rei. Ele ia ter que descobrir o que desejava fazer de sua vida. Seus pais parariam de ficar constrangidos por causa das mulheres com quem ele saía. Droga. Charlie começou a gargalhar, em plena calçada, e um casal, caminhando atrás dele, atravessou a rua fora da faixa.

Ah, Rebecca ia ficar insuportável. Ninguém sabia ser tão presunçoso quanto Rebecca. Mas que inferno. Ele devia isso a ela.

Não que ele tivesse resolvido largar tudo. Ainda não. Era uma decisão muito grandiosa para ser tomada com a cabeça cheia de uísque e depois de uma noite confusa. Além disso, ele precisava pensar em sua equipe. Transições, alterações, repercussões financeiras.

Coisa que, na verdade, soava como uma diversão dos diabos.

Tremendo, Charlie retornou para a entrada do clube. Não estava com vontade de entrar, mas devia isso a Mia para avisá-la que estava por conta própria. Então ele enfrentou a porta da frente, ignorou os olhares estranhos por sua reentrada. A única coisa que importava no momento era encontrar Mia. Porque, ao passo que sair dos holofotes do *NYNY* era uma grande decisão, não era a mais importante a se cogitar. Fato que o levava então à segunda mulher.

Se ele ia saltar do precipício sem uma rede de segurança, tinha certeza de que não queria ir sozinho.

BREE ESTAVA no closet. No closet dela. No divã que fazia às vezes de cama. Seu quarto provavelmente era do tamanho de uma torradeira, mas tinha uma porta, e ninguém de fora podia ouvi-la chorar.

Embora ela não estivesse chorando no momento, estava olhando para o telefone. Já havia resolvido que não pegaria o próximo avião para Ohio, no entanto, ainda não estava de volta ao modo guerreira amazona. Estava triste. Quase tão triste quanto uma pessoa que tinha tanta coisa poderia estar.

Aquele era o retrocesso. Era impossível chafurdar na lama, não quando havia tantas pessoas com problemas de verdade. A única coisa errada com a vida dela era que o garoto não gostava dela. Não era o fim do mundo, não era um caso único, e quem poderia saber se Charlie era o

grande amor de sua vida? Talvez ele servisse a um propósito completamente diferente. E se a atração de Bree por ele fosse um teste de sua coragem, seu compromisso com seu futuro? Ou um lembrete de que o coração dela estava funcionando, e que precisava ser muito mais cautelosa com suas emoções?

Vai ver não tinha nada a ver com amor. Ele era um príncipe de conto de fadas, e ela era humana. Ela crescera vendo filmes da Disney e recebendo noções românticas. Charlie era mágico. Claro que ela ficara atraída.

O problema estava em fingir, fabricar, acreditar que ele também tinha ficado atraído.

Bree pegou o telefone, foi na pasta de contatos e analisou sua lista pessoal. Gostava demais de Rebecca, mas a amiga estava muito perto da dor. Lilly era ótima, mas elas não haviam alcançado o estágio da intimidade ainda.

Bree estava com muita vergonha de ligar para seu pessoal em Ohio. Ela sentira-se tão ridiculamente superior a eles e seus erros trágicos. Falando em cair do alto do próprio ego...

Não, só havia apenas uma pessoa para se telefoanr esta noite, e era da família. Beth era dois anos mais velha e passou por um rompimento confuso antes de conhecer Max. Ela também era um ouvinte incrível, e cara, Bree precisava conversar.

Beth respondeu após um toque.

– Ai, graças a Deus. Sei que tem errado. Fale, pirralha insuportável.

Bree fungou duas vezes, e começou do início.

CHARLIE OLHOU para a lareira. Era tarde, ou para ser mais preciso, cedo. Estava morto de cansaço e precisava dormir, mas havia acontecido muita coisa desde que ele chegara em casa, e ele ainda estava atordoado com tudo.

No momento em que entrou, ele se dirigiu ao escritório. Atualizar o blog da manhã tinha sido fácil. Ele tinha trabalhado de verdade e falado sobre a festa e as fragrâncias, afinal estavam pagando uma boa grana para anunciar o perfume em todos os blogs dele, e assim ele também mantinha o diálogo de Bree ativo. Foi surpreendentemente satisfatório chamar Mia de velha amiga. Ela odiaria isso. Especialmente a parte “velha”. Mas ela nunca ficava brava por muito tempo. Claro, ele teve que comentar os últimos eventos relevantes, falar sobre os influentes de Manhattan. Em seguida, ele embrulhou todo o pacote em algo mais... pessoal.

Com toda essa conversa de Bree sobre objetivos e sonhos, ele retornara aos seus arquivos para reler seu plano de negócios original. Fora esclarecedor. Ele tinha ido tão longe desde então, no entanto, em alguns aspectos ele praticamente não evoluíra um centímetro. Junto ao arquivo havia textos sobre o escândalo que ele criara depois de ter sido aceito na faculdade de Direito de Harvard, para se certificar de que sua família nunca iria cogitá-lo para qualquer coisa importante.

Charlie tinha ido para a cadeia de propósito por porte de drogas. Ele planejou tudo até os mínimos detalhes... ninguém tinha sido pego com drogas, exceto ele, e se certificara para que fosse tão circunstancial, que nunca seria levado a julgamento. O dano foi apenas em fofocas, deduções, e fotos nos tabloides.

Não importava quantos advogados tentassem tirar seu fundo fiduciário, eles não foram capazes de tocar em um centavo.

Sim. Provavelmente ele podia parar agora. Dar uma trégua ao seu pessoal e a toda sua família. Jesus, ele sabia ser um idiota quando queria. Por outro lado, tinha aprendido com os mestres.

Sendo assim, novo plano. Resultado? Ele estava numa posição na qual poderia fazer uma diferença real na vida das pessoas. Ele tinha dinheiro, acesso, algum poder. A política estava fora de questão. Nem mesmo uma cogitação. Solução criativa de problemas? Isso tinha muito apelo, mesmo que Charlie não estivesse muito seguro de como seria.

Bree ao seu lado?

Ele parou de respirar quando uma imagem se formou, nada de nobre ou dramático, só os dois, deitados na cama, no escuro. Nus. E sim, tudo bem, depois do sexo. Mas a fantasia era realmente sobre o depois. Sobre conversar. Papo furado no meio da noite, sobre qualquer coisa. Tocá-la porque ele podia, e ela retribuir o toque.

Charlie pensou naquela última tentativa por parte de Rebecca. A coisa sobre lutar para ser feliz em vez de estar certo. Faltar à estreia do filme? Fora a decisão mais fácil que ele tomara em anos. Ele ainda sentia o prazer de ter Bree dormindo no ombro dele, mesmo com o formigamento nos braços. Ele sentira-se mais relaxado, mais feliz do que tinha alguma razão de ser, e por quê? Não apenas porque ele tinha priorizado Bree, mas porque ele se colocara em primeiro lugar também.

Santo do...

Charlie se afastou da lareira e atravessou a sala de estar, até o átrio, em seguida, foi ao escritório. O computador ainda estava ligado. Ele nunca desligava a maldita coisa, então foi fácil sentar-se em sua cadeira e abrir uma tela em branco.

Enquanto seus dedos voavam pelo teclado, ele se flagrava sorrindo. À medida que o céu de Manhattan clareava, ele ficava cada vez mais perto da borda do precipício, e não havia nenhuma rede à vista.

BREE TINHA aprendido muito na semana anterior sobre fingir não apenas um sorriso, mas uma postura, e ela estava colocando suas habilidades à prova quando o porteiro a conduziu para dentro do prédio de Charlie.

– Prazer em vê-la novamente, srta. Kingston.

– Obrigada, George. – Ela cumprimentou o restante da equipe no lobby com um meneio de cabeça enquanto corria para o elevador. Ela de fato prendeu a respiração até que as portas se fechassem e estivesse sozinha. Ao pressionar o botão do 18º andar, seu dedo estava trêmulo, o que era inaceitável. Aquilo era trabalho. Charlie já sabia o pior sobre ela, então esta noite não seria nada, senão mais uma festa, mais uma oportunidade extraordinária de aprender e de fazer contatos. Foi isso que ela dissera à irmã, e a si mesma, sem parar.

A mão trêmula voltou para os botões e ela apertou o 17 em cima da hora. O elevador parou com um tranco suave e Bree não conseguiu sair rápido o suficiente.

Ela estava em um corredor. Graças a Deus. Ainda não tinha cogitado que outros andares pudessem ser, sei lá, como residências privadas de Charlie. Não, aquilo era um corredor, embora só desse para ver duas portas de onde ela estava.

O tapete era extremamente grosso, cor forte de berinjela, as paredes de um amarelo suave, e

havia vários suportes de planta de ferro forjado ao longo da parede, com arranjos fantásticos de gladiolos vermelhos. Bree olhou por um momento, sem pensar em nada, apenas no quanto tudo era bonito e elegante e como em todos os anos ela nunca tinha imaginado estar em um corredor como aquele. Silencioso, sofisticado, e muito além de refinado. Não fazia sentido. Nada fazia sentido mais. Principalmente a ideia de que Charlie Winslow poderia um dia desejar Bree Ellen Kingston, uma filha de Hicksville, Ohio, ex-membro da organização juvenil do Instituto Nacional de Alimentação e Agricultura do Departamento de Agricultura dos EUA, das escoteiras e do fã-clube de Aaron Carter. Parecia bobo, ridículo, que tivesse acalentado a ideia por um único instante.

Ela pegou o celular fora e digitou para ler o único texto que recebera de Charlie durante todo o dia.

18h? CW

A resposta dela foi expressiva:

Tudo bem

Bree havia lido o post de Charlie sobre a festa do perfume no blog desta manhã. A maior parte era exatamente o esperado: quem tinha estado lá, fofocas, bandas, mais fofocas. Apenas uma palavra sobre Mia Cavendish.

Mas o último parágrafo...

Bree leu o último parágrafo novamente. Certamente dessa vez o coração dela não saltaria, ela não ficaria sem ar.

“A noite poderia ter sido melhor se os fumantes tivessem ficado lá dentro, mas isso não é novidade. As atualizações no Canal Room eram mínimas, porém importantes. O banheiro masculino, o salão no andar superior e o novo bartender valiam uma conferida. Imagino que o banheiro feminino também estivesse melhor, mas não tenho confirmação. Quanto ao motivo para a festa: o perfume Jazz and Cocktails parece tão sexy quanto seu nome e tem um cheiro muito bom. Não é como mel e o mar, mas ainda assim muito bom.”

O mel e o mar. Deus.

Não. Não, sair no 17º andar não funcionou. O corredor não a havia curado, o momento de clareza não tinha sido suficiente para fazê-la enxergar o motivo. Ela ainda estava ferrada. Mas sobreviveria à noite, porque não tinha 13 anos mais. Havia vestido sua armadura, juntamente a sua maquiagem, e se mostraria muito grata, atenciosa e feliz.

Está bem, grata e atenciosa.

Bree teve que esperar pelo elevador, e quando finalmente entrou, estava vazio. O que era bom. Ela enfrentou a si no espelho. Costas retas, olhos bem abertos e expressivos, sorriso... cuidado, não muito. Pronto. Ela estava pronta. Mesmo o golpe no peito quando viu Charlie não a fez desabar.

CHARLIE CONGELOU ao ver Bree pisar no átrio. Ele estava dizendo algo para Sveta, mas não conseguia se lembrar o quê. Não importava.

– Oi – disse, estendendo a mão para acompanhar Bree para dentro do apartamento. – Descansou?

– Sim – disse ela, embora tivesse desviado o olhar ao responder. – Obrigada.

– Tem comidas da delicatessen na cozinha. Você quer comer antes de se arrumar?

Ela foi direto para o corredor que levava à sala de imprensa.

– Não, obrigada. Não estou com fome.

Charlie a seguiu, ficando desanimado quando percebeu que seu plano para a noite já estava indo para o ralo. Ele ouvia o tagarelar da equipe enquanto arrumavam a sala de imprensa, e pensava na comida na cozinha. Tinha comprado todas as coisas das quais Bree gostava na delicatessen Carnegie Deli, incluindo o molho russo e a salada de repolho para acompanhar o sanduíche de carne enlatada.

Bree virou a esquina, desapareceu de vista, e Charlie cambaleou. De repente parou quando ficou claro para ele que seu “plano de mestre” em deixar Bree apaixonada, incluindo a noite completa programada, ótima iluminação e uma trilha sonora bastante épica, tinha deixado só uma coisinha de fora. A própria Bree.

Sveta se pôs diante de Charlie, chicoteando o cabelo para trás em seu estilo dramático de sempre, em seguida lhe fez três perguntas-relâmpago sobre a festa do lançamento do livro desta noite.

Ele piscou para a mulher e permitiu que ela o arrastasse pelo corredor até onde a ação toda se encontrava. Quando ele entrou naquele hospício, teve um vislumbre de Bree no imenso espelho de maquiagem. Ela olhou para trás e seu olhar estava tão repleto de dor que Charlie quase foi esmagado.

Ele havia percebido ontem à noite que sua decisão de se afastar da operação de seu grupo de mídia era grandiosa, mas ele estava prestes a dar esse salto? Não foi acima de um riacho murmurante, ele estava do outro lado das Cataratas do Niágara. Ele moldara para si um mundo formado inteiramente com suas regras, que servia apenas para ele, e todos os momentos de todos os dias eram moldados por Charlie Winslow. A única coisa com a qual ele já se comprometera fora o blog, mas só quando precisou fazê-lo, e somente quando servira para o bem maior, que também tinha totalmente a ver com o trabalho dele, então não, ele nunca se comprometera de fato.

Era bom ser o rei. E, no entanto, como ele nunca tinha notado que também era incrivelmente solitário?

Rebecca. Ela era boa; ele tinha de lhe dar crédito. Ela dissera que isso iria acontecer. Que estar

certo só satisfazia até determinado ponto. Ele queria mais agora. Mais com Bree. Com a mulher sentada no centro de um redemoinho.

Mas Charlie seria capaz de fazê-lo? Será que ele conseguiria modificar os caminhos necessários para realmente ser parte de um casal? Priorizá-la? Um conceito inovador, e o qual ele havia estragado na largada.

Ela estava tão absorto por seu gesto grandioso que tinha se esquecido de que estava prestes a pedir algo colossal àquela mulher. Ela possuía os próprios sonhos, os próprios objetivos, seu maravilhoso plano de cinco anos. Será que ela ao menos iria aceitar o que ele estava propondo? Talvez ele devesse esperar, pensar no assunto. Agir precipitadamente não era de sua natureza. Aquilo era uma loucura.

Charlie voltou a se concentrar em Bree. Ela não tinha se afastado em tudo. Mas estava se saindo muito bem ao mascarar sua dor. Qualquer outra pessoa teria pensado que o sorriso era genuíno, que seus olhos brilhavam de emoção e expectativa. Mas ele já a tinha visto quando estava realmente feliz.

Para o inferno com isso. Ele ia entrar em ação.

– Posso ter a atenção de todos?

Não demorou muito para o grupo sossegar.

– Tem alguma coisa vindo aí. Nós não iremos ao evento de hoje à noite, então se vocês puderem encerrar o trabalho, ficarei muito grato.

Charlie sabia que toda a equipe iria reagir, mas seu olhar se deteve à imagem de Bree no espelho. Ela parecia completamente confusa, mas ele não a manteria ali por muito tempo.

– Não se preocupem – sussurrou ele, em seguida pigarreou e falou com a equipe novamente: – Não se preocupem, todos vocês vão receber pelos trabalhos da noite. Há comida na cozinha. Levem-na com vocês. Eu nunca vou dar conta de acabar com ela sozinho. Obrigada a todos. Peço desculpas pelo transtorno.

Sveta mal piscou. Ela começou a recolocar as roupas de volta nas prateleiras, os sapatos nas caixas, certificando-se de que tudo estaria em ordem para o próximo evento. A equipe seguiu o exemplo, e uma vez iniciada a limpeza, foi uma questão de minutos até tudo estar em ordem.

Bree se levantou da cadeira de maquiagem. Pegou sua bolsa, pegou seu vestido vintage de marinheiro. Deus, ela estava linda. Charlie não conseguia evitar a dor em seu peito. Ele desejava que ela dissesse sim mais do que desejara qualquer coisa na vida.

Charlie estava ciente de que os membros da equipe estavam olhando para ele, para Bree, e de que estavam tentando limpar tudo o mais depressa possível. Ele não se importava.

Bree estava de cabeça baixa, porém sua coluna estava ereta e esguia enquanto seguia o pequeno grupo. À porta, Charlie pegou a mão dela.

– Eu gostaria que você ficasse – disse ele. – Por favor.

Quando estavam a sós, e já não ouviam os passos dos outros, ela encontrou o olhar dele.

– O que está acontecendo?

– Eu tinha tudo planejado – disse ele. – Como se eu estivesse escrevendo uma pequena peça de teatro. Nós iríamos para a festa, mas ficaríamos até tarde. Eu convenceria você a voltar aqui comigo. Eu tinha também um plano B e um plano C, só para garantir. Teria sido ótimo. Muito dramático. – Ele olhou para ela com aqueles olhos verdes incríveis. – Mas tudo que realmente importa agora é o quanto quero te beijar.

– Nós não estamos indo para a festa do livro porque você quer me beijar?

Ele sorriu.

– Não – respondeu, então meio que se retraiu. – Mais ou menos.

– Oh – disse ela, como se tudo fizesse sentido. Um segundo depois, Bree balançou a cabeça. – Não entendo tudo isso. Charlie, o que...

Ele a beijou. Não podia esperar nem mais um segundo. Honestamente, ele não queria mantê-la em suspense, isso não seria justo. Assim que finalizasse o beijo, ele lhe diria tudo.

Então ela retribuiu o beijo.

A primeira reação de Charlie foi *graças a Deus*. Era daquilo que ele precisava. Bree em seus braços, em seus lábios. O gosto de seu chiclete de menta e o deslizar da língua dela o deixaram cheio de desejo.

– Charlie – sussurrou ela, e foi como acender uma chama, o som de seu nome nos lábios dela. Ele deu um passo para mais perto dela. Charlie teria adentrado no corpo dela se pudesse; em vez disso, ele a guiou de costa até Bree estar contra a parede, beijando-a como se sua vida dependesse disso.

Com um suspiro, ela jogou a cabeça para trás, a boca inchada, úmida e irresistível.

Ele se obrigou a desacelerar. O primeiro contato dos lábios foi suave, gentil. Carinhoso. Mas não foi o suficiente, e ele a puxou para si, a boca rija, ávida, desesperada quando o beijo se aprofundou em um emaranhado intenso de línguas e dentes que fez Charlie gemer.

Libertando sua boca, Bree ofegava enquanto suas mãos delicadas desabotoavam a camisa de Charlie. Os olhos dela estavam arregalados e selvagens enquanto ela se atrapalhava na tarefa e xingava.

– Bree...

Ela desistiu dos botões e foi para o cinto. Ele gemeu, mas não.

– Aqui não – censurou Charlie bruscamente, e a abraçou, levantando-a para cima, inclinando-a levemente até ela envolver as pernas acima dos quadris dele. Ele só queria chegar no quarto, mas como sempre, não conseguiu resistir a beijá-la mais e mais. Ele cambaleava como um bêbado, tonto por causa de Bree, pela promessa de que estava por vir.

De algum modo eles chegaram ao quarto e tiraram suas roupas. Sem sutilezas, sem provocações. Simplesmente a necessidade de ficarem nus. Agora.

Como se deitaram na cama, Charlie pegou as mãos de Bree e as guiou para acima da cabeça dela, ao mesmo tempo que se equilibrava em cima de seu corpo. Ele olhou para o rosto dela e viu uma nova vida.

HAVIA TANTA coisa no olhar de Charlie que Bree ficou imóvel. Ela era uma causa perdida, já era, todo o bom senso que tinha fora varrido pela paixão e pela consciência do corpo de Charlie. Quando ele sussurrou o nome dela, o mundo desacelerou, o ar vibrou com o calor e desejo.

A boca de Charlie deixava beijos molhados e quentes pelo queixo de Bree, ao longo da clavícula. Do peito. Ele passou a língua em torno do mamilo e gemeu quando este enrijeceu para ele.

Ela deu um pinote, e ele fez de novo, se esticando para a gaveta para pegar um preservativo. Ele colocou a proteção com dedos trêmulos, e então se aninhou entre as pernas dela. A lua os

banhava com uma luz cinza suave, tão luminosa que era o suficiente para Bree enxergar os detalhes do rosto de Charlie, embora ela já conhecesse cada característica intimamente e fosse capaz de esculpir cada curva.

– Senti sua falta – sussurrou ele, mas suas palavras se transformaram em um gemido quando ele afundou dentro nela.

Bree fechou os olhos quando ele a preencheu e sua pulsação acelerou quando investiu ao encontro do impulso lento dele.

Eles pararam quando se viram incapazes de ir além, ofegando alto no quarto, mas logo já não era o suficiente mais, e ela empurrou de novo.

– Movimento-se – disse ela, apertando os braços dele, pressionando os seios contra o peito forte.

– Deus, sim – disse Charlie, em voz tão baixa que mal superou o som dos batimentos cardíacos de Bree.

– Tão gostoso. – Ele segurava o rosto dela enquanto investia lentamente, beijando-a depois de uma pincelada lânguida da língua no lábio inferior dela.

Ela arfou com o choque da ternura dele. Estava pronta para o sexo frenético. Não para isso.

Charlie deslizou suas mãos para os quadris de Bree e se rebolou, indo ainda mais fundo agora, e pensar era algo praticamente impossível. Jogando a cabeça para trás, ela arfou o nome dele, e ele investiu seus quadris como se cada vez fosse a última. Mais uma vez, o controle de Charlie a estava deixando louca. Ela ouvia o próprio coração disparar em seus ouvidos, os murmúrios, gemidos e arfares de ambos misturados. Dela e dele.

Quando Charlie deslizou seus dedos entre eles, mal precisou tocá-la. Houve longo momento de tensão naquele limbo insuportavelmente doce, pouco antes do baque, e então quando veio, quando o orgasmo a atravessou como um raio, Bree gritou e se agarrou a Charlie como se ele fosse a única coisa real.

Ele não a soltou, e não parou. Entre os espasmos trêmulos, ele disse o nome dela sem parar, e quando o ritmo aumentou, sua voz ficou mais alta, até ele preenchê-la tão completamente e Bree senti-lo chegar ao ápice.

Finalmente Charlie desabou ao lado dela, bem perto, e ela sentiu-se pequena e delicada contra o corpo úmido dele enquanto sua respiração se acalmava. Quando o pensamento retornou gotejando, tudo estava perfeito, tranquilo e nada mais. No entanto, o gotejar se transformou em um córrrego, que trouxe o pânico juntamente à lucidez.

Ai, Deus, Bree havia feito. De novo. E piorou as coisas em um milhão de vezes. Ela devia ter ido embora enquanto podia, aproveitar um intervalo e sair correndo. Porque eles tinham feito amor. O som do nome dela na voz baixa dele estava gravado para sempre. Ela era um caso perdido.

Bree rolou para longe e saiu da cama, pegando seu vestido do chão. Se tivesse sorte, ainda poderia fazer uma fuga rápida e salvar alguma parte de seu coração.

A mão de Charlie em seu pulso a impediu.

– Preciso ir – disse Bree com a voz trêmula e o coração pulsando.

– Não, por favor. Espere. – Ele puxou. – Por favor.

Ela suspirou antes de encará-lo.

– Agradeço tudo que você fez por mim, Charlie, mas isso foi um erro. Você e eu sabemos

disso. Eu não posso me iludir mais. Não depois disso. Eu tenho que parar. Ponto final. Nada de festas profissionais com você, nada de barras laterais no blog, nada. Eu pisei em cima da linha de limite e não há retorno, exceto o que me leva para longe de você.

Ele sentou, sem libertar o pulso dela.

– Bree, por favor. Eu prometo que não vou impedir você se seu sentimento não mudar... dez minutos. Isso é tudo que estou pedindo.

Bree ainda estava nua, na verdade, o vestido estava apenas pendurado na mão dela e, por um momento, ela olhou para ele como se fosse algo que nunca tinha visto, mas não foi o vestido que a fez piscar. As coisas estavam ficando confusas de novo, e ela já havia passado tanto dos limites com Charlie que tinha perdido todas as suas regras básicas. Não havia como fugir disso. Ela havia se apaixonado por ele. Nada poderia corrigir isso, exceto o tempo e a distância. Mas dez minutos? Ela poderia arriscar, certo? Mas só se não estivesse nua.

Charlie a soltou, e então ela colocou o vestido. A calcinha estava jogada perto da porta, mas ela poderia pegá-la daqui a pouco. Agora, porém, precisava ouvir o que Charlie tinha a dizer.

Bree sentou-se na cama, mas não pertinho dele. Se ele a tocasse, havia uma boa chance de o pouco de determinação que ela havia encontrado evaporar como fumaça.

– Sou toda ouvidos.

Ele assentiu, mas depois fez algumas manobras sob o lençol, que havia se transformado em um amontoado ao pé da cama. Passou a cueca pelos pés e sorriu pela sua façanha depois de vesti-la completamente.

Aquele sorrisinho não colaborou. Ficou claro que dez minutos eram nove minutos e 59 segundos muito longos. Ela devia ter fugido quando teve a oportunidade.

AGORA QUE Charlie realmente ia contar a Bree sobre o plano, havia um indício de pânico envolvido. Ele sentou, reforçou as costas com um travesseiro arrumado às pressas, em seguida, encontrou o olhar dela. Daria na mesma mergulhar no fundo do poço.

– Tudo bem. Primeiro, preciso lhe fazer uma pergunta. Você se divertiu na sexta à noite? Quando perdemos a estreia?

Ainda parecendo um pouco emudecida, ela balançou a cabeça.

– Sim. Sim, eu me diverti.

– Você estava feliz?

Um lampejo de dor estava lá e se foi em um segundo.

– Sim. Muito.

– Eu também.

Bree olhou para ele como se ele estivesse louco, e Charlie supôs que ela estivesse certa.

– Eu estava muito feliz naquela noite – disse ele. – Eu não dei a mínima para o tapete vermelho ou para o blog. Eu queria estar exatamente onde estava. Com você. Eu não esperava isso.

– Isso é... – Ela hesitou por um momento, as mãos subindo, caindo no colo. – Impressionante.

– Pode dizer essa palavra de novo. Eu nunca me senti assim com ninguém, há eras... na verdade, nunca. Gosto muito de você. – Era horrível não tocá-la. Errado. Ele abandonou o travesseiro e foi arrastando as pernas pela cama, realizando manobras de maneira desajeitada até eles estarem sentados lado a lado, se tocando. Até que ele segurou a mão dela. – Eu nunca

senti vontade de conversar com ninguém do jeito que quero conversar com você. Tem sido uma revelação ir a festas esta semana. E trabalhar juntos, bem, droga, tem sido...

Charlie perdeu a linha de raciocínio ao passo que Bree piscava para ele, boquiaberta, mais em choque do que em confusão. No entanto, quando ela endireitou os ombros e se inclinou para longe dele, Charlie foi o único que ficou confuso.

– Estou feliz – disse ela. – Estou mesmo. E talvez em breve eu possa voltar a bordo, porque o que você me proporcionou... mas preciso me concentrar nos meus objetivos. Principalmente agora que eles mudaram. Nem tenho certeza do que quero exatamente, mas sei que é importante manter meu olho na recompensa e não me deixar distrair. E desculpe, Charlie, mas você é a maior distração do planeta.

– Não, não. Espere, Bree. Não decida ainda. Porque também estou falando sobre mudar. Para melhor, espero. Olha, a última coisa que quero no mundo é marginalizar seus sonhos. Eu acredito em você. Você é uma escritora talentosa, tem um bom olhar para os detalhes e para a moda. Você será bem-sucedida, não importa o que resolva fazer, e boa parte do que quero fazer é apoiá-la do jeito que eu puder.

Ela respirou fundo.

– Tudo bem...

– Resolvi abrir mão do cargo de editor do *NY*.

– O quê?

Ele sorriu por causa da altura com que a palavra ecoou no quarto iluminado pela lua.

– É hora de assumir novos desafios. Que não envolvam celebridades ou supermodelos ou desfiles de moda. Eu não tenho ideia do que isso vai parecer. Só que não vai ser o que foi.

– Oh – falou Bree novamente, e Charlie praticamente conseguia enxergar a mente dela lutando para dar sentido ao que ele estava dizendo, reorganizando tudo o que sabia sobre ele. Diabos, jogando tudo pela janela.

Ele acariciou o rosto dela com as pontas dos dedos. Queria muito que ela lhe dissesse sim.

– Nós formamos um bom par. Somos um bom par. Combinamos. Quero explorar isso. Juntos. Ao mesmo tempo que nós dois descobrimos nosso lugar no mundo individualmente. Porque tenho certeza de que estou apaixonado por você.

BREE PENSOU em se beliscar. Mas quando encarou os olhos de Charlie, acreditou nele. Ele a amava.

– Oh, meu Deus – disse ela.

Ele riu.

– Sim.

– Você me ama? Eu?

Charlie assentiu.

– Não tenho certeza que vou ser bom nisso. Você sabe que primeira vez e tal...

Ela engoliu em seco enquanto lutava para fingir que não estava surtando.

– Tudo bem. Você é muito bom em todo o restante. Acho que você vai aprender rapidinho.

– Obrigado – agradeceu ele.

Era a vez de Bree tocar, de acariciar o braço de Charlie antes que ele lhe acariciasse a

bochecha. Isso ajudou muito. Ela precisava de terra firme e senti-lo era familiar e agradável.

– Você tem certeza disso? Tem certeza mesmo?

– Ah, sim. Estou dentro.

– Isso é loucura. Nem mesmo é uma vida que eu poderia ter imaginado, e quando eu tinha sete anos eu queria ser um unicórnio.

Charlie riu quando a puxou para si, quando seus lábios capturaram os dela e Bree sentiu o sorriso e a empolgação dele. Ela estava nas nuvens, nos braços do rei que logo abdicaria ao trono de Manhattan, e para o inferno com o unicórnio. Ela era Bree, e não trocaria isso por nada nesse mundo.

Ela pensou em suas amigas da troca de pratos congelados da St. Mark's, e em como todas ficaram esperançosas e temerosas quando pegaram um cartãozinho de troca. Bree mal podia esperar para lher dizer para não desistir. Nunca. Tudo era possível. Qualquer coisa.

No dia seguinte...

HuffPost – Cultura: Charlie Winslow se demite!

New York Post: Hoje, na coluna social... É o fim do *Naked New York*?

editar perfil

Charlie Winslow

Editor-Chefe / CEO na Naked New York Media Group

Estudou Administração / Marketing na Universidade de Harvard

Mora em: Manhattan

♥ Em um relacionamento sério

flor da pele

FAÇA O MEU JOGO

LESLIE KELLY

Dia de Colombo – 12 de outubro

– Sabe qual é o seu problema?

Reese Campbell nem sequer olhou para cima quando a porta de seu escritório se abriu e voz familiar de sua tia-avó mandona e extremamente intrometida invadiu a manhã de outubro que havia sido relativamente tranquila até então. Porque aquela era uma pergunta um tanto capciosa.

Hummm... Problema? Que problema? Ele tinha um *problema*?

Ser forçado a aceitar um emprego para o qual não estava pronto, não tinha planejado, nem mesmo desejava? Isso meio que era um problema.

Ser empurrado para o tal cargo porque seu pai havia morrido inesperadamente, com apenas 55 anos? Além de ser uma tragédia completa, certamente era um problema.

Lutar contra concorrentes que provavelmente o consideravam um bobalhão quando ele entrara em cena para administrar uma grande cervejaria aos 20 e poucos anos? Problema.

Lidar com funcionários de longa data que não gostaram das mudanças que Reese estava implementando no negócio da família? Problema.

Terminar um relacionamento porque a mulher não tinha gostado que ele, um sujeito hedonista, agora tivesse tantas responsabilidades? Problema.

Caminhar na corda bamba com os membros da família que lhe imploravam para manter tudo do jeito que estava, e se ressentiam por todos os seus esforços para ocupar o lugar de seu pai dignamente? Tremendo problema.

– Você me ouviu?

Reese finalmente deu total atenção à tia-avó Jean, que sempre cedera à vontade de abrir todas as portas fechadas que encontrava. Ele teve que sorrir quando flagrou seu chapéu vermelho e casaco chamativo cheio de lantejoulas. Envelhecer graciosamente nunca passara pela cabeça da tia. Muito menos guardar suas opiniões para si.

– Ouvi – respondeu ele.

– Bem, você sabe qual é?

O que ele não sabia era por que ela estava perguntando. Porque ela não queria uma *resposta*. Perguntas retóricas como aquela eram o prenúncio da saraivada de investidas “que não são da sua conta” à vida particular de todo mundo por parte da senhorinha.

Ele se recostou na cadeira.

– Seja o que for, tenho certeza de que você está prestes a me dizer.

– Insolente – censurou ela, fechando a porta. – Você está entediado.

Sério mesmo?

– Você tem 29 anos e está sufocando. Há dois anos não tira uma folga, um tempinho para respirar.

Ele permaneceu quieto, em silêncio. Cauteloso. Porque até agora sua tia-avó dogmática e excêntrica estava totalmente, cem por cento correta.

Sufocante. Essa era uma boa palavra para descrever sua vida atual. Um adjetivo adequado para a sensação frequente de que um peso insuportável havia pousado em seu peito e o segurava no lugar, incapaz de se mexer.

Conforme tia Jean dissera, seu tempinho para respirar tinha sido roubado, seu ímpeto, detido. Todo pensamento fervoroso estava congelado, atrelado ao momento em que uma estrada escorregaria e uma curva sem visibilidade mudaram tudo que ele e sua família conheciam sobre suas vidas anteriores.

– Você precisa de um pouco de emoção. Uma aventura. Há quanto tempo você não faz sexo?

Reese tossiu sobre o punho, o ar que ele havia acabado inspirar se prendeu em sua garganta.

– Tia Jean...

Ela resmungou:

– Ah, por favor, me poupe. Você precisa transar.

– Nossa, você não pode assar bolos, tricotar ou fazer qualquer outra coisa, como uma tia-avó normal?

Ela o ignorou.

– Você transou desde que aquela estúpida da Tate tentou obrigá-lo a escolher entre ela e sua família? – Sem esperar por uma resposta, ela continuou: – Você precisa fazer algo além de lidar com sua mãe triste, suas irmãs brigentas e o delinquente juvenil do seu irmão.

Ele endureceu, a reação foi um reflexo.

PRÓXIMO LANÇAMENTO

 HARLEQUIN®

Edição
12

 flor
da pele

TODOS OS MESES
NAS BANCAS

FAÇA O MEU JOGO

leslie kelly

Um amante secreto. Um caso sem compromisso. A autora bestseller Leslie Kelly prova que uma fantasia proibida é muito mais gostosa...

Amanda Bauer sempre ansiou por uma vida de aventuras... Aventuras sexuais, mais especificamente. Para sua sorte, ela tem experimentado os jogos mais excitantes e maliciosos com Reese Campbell! Depois de um encontro explosivo, eles combinam mais dias repletos de fantasias e sexo selvagem e sem limites. A melhor parte? Ninguém mais sabe. Ninguém! É um delito perfeito

e particular... até aparecerem na internet!



Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)

[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

www.harlequinbooks.com.br

L526e

Leigh, Jo

Escolha [recurso eletrônico] / Jo Leigh; tradução Fernanda Lizardo. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2014.

recurso digital

Tradução de: Choose me

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-1463-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lizardo, Fernanda. II. Título.

14-11442

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: CHOOSE ME

Copyright © 2012 by Jolie Kramer

Originalmente publicado em 2012 por Harlequin Blaze

Arte-final de capa:

Ô de casa

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Teaser

Querida leitora

Rosto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Próximos lançamentos

Créditos